



# DECADÊNCIA E IDENTIDADE

## PROJETO DE UM EDIFÍCIO FLEXÍVEL NO VALE DE ALCÂNTARA

**Bruno Miguel de Oliveira Lopes Mota**  
(Licenciado)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura

**Orientação Científica:**  
Professor Doutor Nuno Miguel Feio Ribeiro Mateus  
Professora Doutora Alessia Allegri

**Júri:**  
Presidente | Pedro Jorge Dias Pimenta Rodrigues  
Vogal | Amílcar de Gil e Pires

Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa  
janeiro, 2022



“O edifício mais sustentável é aquele que já está construído”

**Carl Elefante** em Built Heritage, palestra na Stemming the Tide  
5 de Março 2020

Title | IDENTITY AND DECADENCE, Project of a flexible building in the

Alcântara valley

Student | Bruno Miguel de Oliveira Lopes Mota

Scientific Orientation | PhD Architect Nuno Mateus, PhD Architect Alessia Allegri

Architecture master's degree | Lisbon School Of Architecture | january, 2022

Título | DECADÊNCIA E IDENTIDADE, Projeto de um edifício flexível no

Vale de Alcântara

Aluno | Bruno Miguel de Oliveira Lopes Mota

Orientação Científica | Doutor Arquiteto Nuno Mateus, Doutora Arquiteta  
Alessia Allegri

Mestrado Integrado em Arquitetura | FA Lisboa | janeiro, 2022

### **Abstract**

In a valley of infrastructure, hidden from view by the most attentive, a building has lost its identity, its presence in space. The analysis of what is identity and the decay of humanized and natural space, the consequences of human intervention and the loss of nature aims to be one of the themes of everyday life.

In order to understand how the building adapts to time, the theoretical part intends to have a perception about the useful life of the built and urbanized space, with the most diverse causes for the decay of the same, to understand what leads to the enhancement of the building or detachment, cultural issues and functional flexibility.

The design part of this work focuses on the case of Vale de Alcântara, in Lisbon, specifically a building where Companhia Lisboense de Estamparia e Tinturaria de Algodões was located, being the only factory building that remained in that area and that although it did not have been destroyed, it “disappeared” in the midst of constructions and road infrastructures, as a result of the severity of the weather, as it is the building with the highest concentration of work.

Keywords: Decadence; Flexibility; Occupation; Identity; Lisbon; Alcântara Valley.

## Resumo

Num vale de infraestruturas, escondido da vista dos mais atentos, um edifício perdeu a sua identidade, a sua presença no espaço. A análise do que é a identidade e da decadência do espaço humanizado e natural, das consequências da intervenção humana e da perda da natureza visa a ser um dos temas do cotidiano.

Com o objetivo de compreender como o edifício se adapta ao tempo, a parte teórica pretende que haja uma percepção sobre a vida útil do espaço edificado e urbanizado, existindo as mais diversas causas para a decadência do mesmo, perceber o que leva ao enaltecimento do edifício ou despego, questões culturais e de flexibilidade funcional.

A parte projetual deste trabalho foca-se no caso do vale de alcântara, em Lisboa, especificamente um edifício onde se situava Companhia Lisboense de Estamparia e Tinturaria de Algodões, tratando-se do único edifício fabril que se manteve naquela zona e que embora não tenha sido destruído, “desapareceu” no meio de construções e infraestruturas viárias, consequência da severidade do tempo, por isto ser o edifício com maior concentração no trabalho.

Palavras-chave: Decadência; Flexibilidade; Função; Identidade; Lisboa; Vale de Alcântara.



## **Agradecimentos**

À minha mãe e à minha avó, apenas comuns mortais que mesmo sem nada me deram tudo, a quem agradeço tudo. Ao resto da família. A todos que levo no meu pensamento e que deixam um bocado de si em mim, por mais ou menos tempo presentes.

Ao Arquivo Municipal de Lisboa.

A todos os docentes que se cruzaram no meu percurso académico.

Aos meus orientadores, Nuno Mateus e Alessia Allegri.

A mim mesmo.



*“O comum dos mortais tem horror, terror pânico das mudanças; não chega a conceber como de uma coisa se pode passar a outra. Medo é o grande freio da sociedade.”*

**Le Corbusier**, em *Planejamento Urbano*, pág.95, 1949



## ÍNDICE GERAL

Abstract	VI
Resumo	VII
Agradecimentos	IX
Índice Geral	13
Introdução	15
Objetivos	16
Metodologia Geral	17
1. Decadência e Identidade	19
1.1 Definição do conceito	21
1.2 Identidade aplicada a arquitetura e urbanismo	23
1.3 Memória e Tempo	27
1.4 Modelo e Tipo	31
2. Flexibilidade versos Função	33
2.1 Definição de Flexibilidade	34
2.2 A Forma do Edifício	35
2.3 A Função do Espaço	37
3. O Vale de Alcântara	39

3.1 A Evolução histórica do sítio	41
3.2 Recriar o passado	43
3.3 Companhia Lisbonense de Tintura e Estamparia de Algodão	45
4. Casos de Estudo	61
5. Proposta urbana e arquitetónica para o vale	75
Considerações Finais	89
Bibliografia	91
Índice de Figuras	94
Anexos	99
Cartografia Histórica	101
Processo Criativo	119
Painéis de Apresentação	133

## **INTRODUÇÃO**

“Cada uma de suas decisões é válida, porque é um ato de vontade e liberdade total”, palavras ditas por Le Corbusier sobre o Centro de Congressos de Brasília. (1960)

## OBJETIVOS

O objetivo destes textos e da proposta tem como premissa uma compreensão do valor do edifício, no âmbito de esclarecer o que provoca o abandono ou o excessivo apego do mesmo, tendo sempre como base os diferentes estilos arquitetónicos que foram construídos ao longo dos tempos. A estrutura e materiais usados, são uma base para a análise do mesmo, tal como as áreas e funções dos diversos espaços. A qualidade do desenho da envolvente torna-se também importante, quando existem espaços de lazer e de junção populacional, visto que a necessidade de reunião do ser humano é uma necessidade à sua saúde mental, o convívio e a quebra da rotina, quando este é exceção.

A cada ano que passa assiste-se cada vez mais ao deslocamento da população para a capital para irem estudar e procurar emprego. Essas pessoas procuram habitação nas periferias devido ao valor da renda da habitação ou até mesmo a compra ser mais baixo. Chega a ser preferível o uso de transportes públicos ou transporte privado tornando-se uma opção mais barata, embora não seja amais rápida para chegar ao centro de Lisboa, originando por sua vez um aumento do tráfego rodoviário na entrada e saída da cidade. O objetivo de colocar uma zona mista fora do centro da cidade, pode diminuir a aglomeração populacional das áreas históricas e proporcionar uma melhor qualidade de vida das pessoas movendo-as para uma zona com menos aglomeração urbana.

Marcella Donne, no Livro Teorias da cidade, interpela-nos: sendo o que predomina numa metrópole são "institutos financeiros, as sedes centrais e direções comerciais das organizações industriais, os serviços colaterais tais como a publicidade, a procura e a consulta de trabalho; os institutos de alta cultura e profissionais, as sedes de jornais diários e de revistas e de serviços de rádio e televisão bem como os escritórios e sedes de governo"<sup>1</sup>. e sabendo-se isto - para além de servir como um polo magnético e um campo de especulação imobiliária - em que é que o centro da cidade interessa? Será a cidade só isto? Ou a cidade terá mais para oferecer? Este livro foi lançado em 1979 e no entanto a cidade continua a não ter, pelo menos numa primeira análise, qualquer resposta a esta mesma problemática.

---

<sup>1</sup> DONNE, Marcella delle - Teorias sobre a cidade. Ed. 1990, Edições 70. Trad. de Teorie Sulla Città; 1979. Página 211.

Conforme o que foi referido no parágrafo anterior, a cidade converteu-se em zonas de escritórios e comércio, perdendo em parte a sua vida social e levando a desertificação no centro da mesma, aumentando assim o índice populacional nas preferias, tal como o aumento das redes viárias, no caso centralizado desta investigação, visa-se a propor uma nova forma de chegar à cidade e preferias sem a imensidão de vias que existem no Vale de Alcântara, construídas com o intuito de ligar Lisboa à margem sul e à zona oeste. A intervenção à escala urbana tende a estender a área verde de Monsanto, compreendendo as suas barreiras e ligações, aumentando a qualidade de vida a nível ambiental de quem habita e poderá habitar esta zona, tal como a população envolvente.

## **METODOLOGIA GERAL**

A análise do tema é num todo a compreensão do passado e do que tem vindo a ser projetado e contruído na cidade.

Inicialmente aborda-se o tema e a justificação do mesmo, debatendo sobre a identidade e a perda da mesma, a decadência, tanto no edifício como em todo o espaço urbanizado. Seguidamente entra-se no campo da cultura, da memória, do tempo e finalmente a distinção de modelo e tipo para compreensão da diversidade e semelhança dos edifícios. A vontade de projetar um edifício que se perlongue no tempo, criando um espaço flexível, leva então à procura de razões para o mesmo se adaptar na sua forma e a sua função, sendo esta uma das premissas para uma obra duradoura.

O encontro com o passado nas obras já criadas e com a história de diferentes cidades, torna-se indispensável neste trabalho, tendo como base textos de diferentes autores que o apoiam, compilando-os numa coerente exercitação sobre o tema.

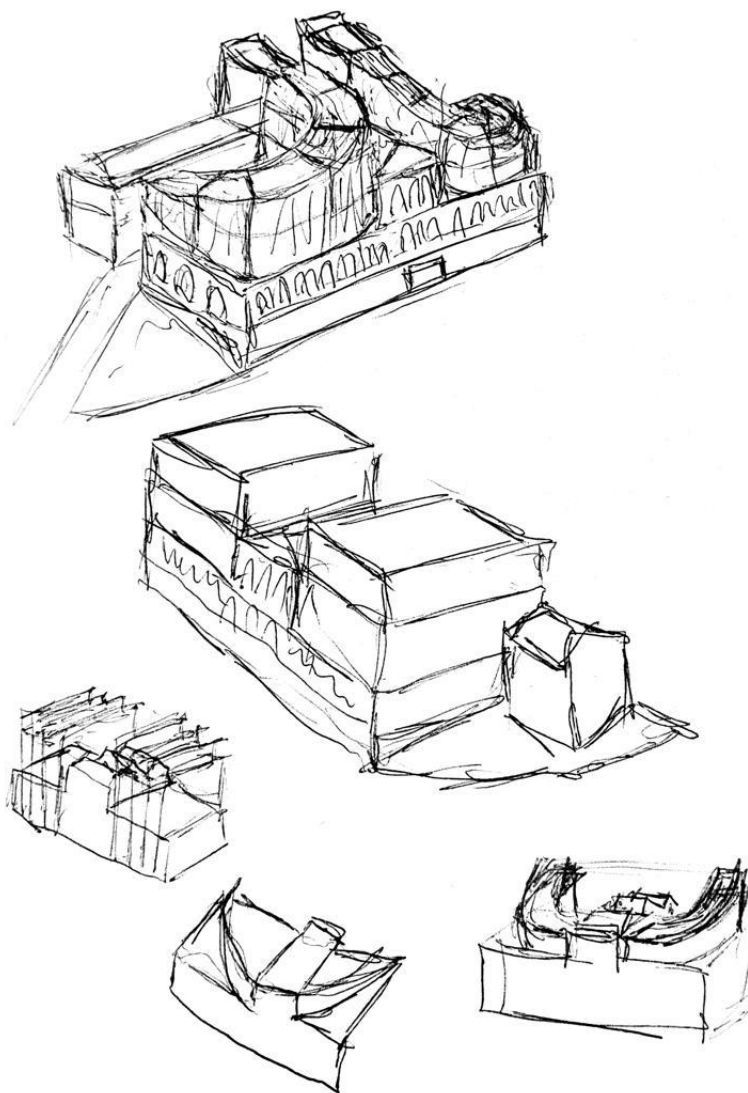


Fig.1 | Do Autor, 2021

## **1| Decadência e Identidade**

Existe uma necessidade de o homem adaptar o espaço à função, isto quando tal ato é possível, um espaço pode ser muito e pode ser pouco, é uma questão de época e tecnologia que o homem criou e conquistou, depende da necessidade e da procura pelo conforto.

“É sabido, de modo geral, que na arquitetura doméstica o espaço natural é ilimitado e uniforme para os propósitos do habitar humano. Edificações, vilarejos e cidades conferem significados experienciais e existenciais aos espaços sem sentido ao convertê-los em espaços específicos, que coreografam e ressoam juntamente com nossas ações e reações mentais. De facto, a arquitetura é uma extensão funcional tanto de nossas faculdades físicas quanto mentais. E, acima de tudo, é também uma extensão e uma externalização da memória. Ao fazer uma mediação entre nós mesmos e o mundo, a arquitetura configura horizontes distintos e molduras para a experiência, a cognição e o significado. A visão prevalente que considera a arquitetura como meras estruturas e objetos visuais estetizados está, portanto, crucialmente equivocada.”<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> PALLASMAA, Juhani – Habitar, 1ª Ed. 2017, Editorial GG. Pg.58

## 1.1| DEFINIÇÃO DO CONCEITO

O carácter do espaço pode ser definido pela sua atmosfera, de como o edifício é construído desde a sua estrutura ao seu ornamento, no entanto são então considerados diversos elementos que definem a sua individualidade e identidade, o espaço e a sua relação exterior-interior, levando à questão das dimensões do mesmo e como ele se articula interiormente e com a envolvente. Subsiste a manifestação de uma imagem que separa duas figuras, a natural e a construída, sendo essas figuras o que mantém uma ligação de continuidade, todavia são encontradas barreiras, barreiras essas que atualmente são determinadas pela ligação de espaço público e privado.

Na cidade é perceptível a “Genius Loci” (espírito do lugar), espírito este que foi definido não só por quem o projetou, mas também pelos utilizadores, em que é algo individual, identifica o arquiteto ou o habitante, procedendo a uma afirmação do espaço.

Abordar o *Locus* (sítio) é um dos pontos de partida para perceber a relação singular do espaço, o que faria ou faz aquele lugar ser aquilo, com base na divindade local, que levaria à escolha da zona a edificar, procedente de acontecimentos ocorridos nesse espaço. Nada mais é, do que o manifesto de um desejo do homem em louvar um espaço, que desperta um sentimento de afinidade e memória nele.

Com base numa cultura histórica que parte do renascimento, em que os pintores enaltecem a arquitetura nas suas obras, marcos de memória e desejo de eternidade, como igrejas, sedes de poder ou até mesmo praças, construções que visualmente são mais detalhadas no seu ornamento, marcam assim a nossa mente, fazendo recordar o que vimos e detalhes, referindo também a paleta de cores usada, que tem com objetivo o desejo de vivência e percurso do espaço desenhado.

“E, portanto, às ligações e à própria exatidão do *locus* como um facto singular determinado pelo espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma, por ser sede de antigas e novas vicissitudes, determinado pela sua memória.”<sup>3</sup>

“Conceber a cidade como património tem a ver com a forma como idealizamos o seu destino. Coisa difícil, para não dizer impossível. Por isso,

---

<sup>3</sup> ROSSI, Aldo - A Arquitetura da Cidade. 2ª Ed. 2001, Edições Cosmos. Pág. 141.

somente a identificação de situações que liguem a cidade ao património e a contemporaneidade ao passado, poderá sugerir uma aproximação a um tema que tem tanto de fascinante quanto de problemático e frágil. Por isso valerá a pena produzir um discurso crítico, percorrendo a cidade, procurando ver quais os pontos de crise, quais as histórias que se encontram por detrás destes lugares, e como encarar em alguns exemplos concretos a sua eventual solução. (...)

“O importante é assegurar nessas cidades os “lugares de passagem”. São estes lugares de passagem, metáforas do objecto patrimonial por excelência, que inscrevem na paisagem urbana essa tal quarta dimensão: a dimensão existencial e sensível, de contornos fenomenológicos - unicamente vivida por cada um, às vezes colectivamente vivida por todos - e que é, em si, a dimensão do cultural.”<sup>4</sup>

Os limites de espaço são também uma consequência da continuidade de uso do edifício, da sua temporalidade, refletem uma época e as necessidades durante a mesma. Tanto a dimensão do espaço como a estética levam o utilizador a identificar épocas e afirmações, outros símbolos que marcam o espaço. A estética tem, contudo, conexão com a identidade, procura uma forma de enaltecer e contar uma história ao utilizador, uma forma de despertar sentimentos. Uma configuração de como enaltecer o que é e o que será, de marcar o espaço, de o caracterizar. Quando um espaço perde a sua identidade, perde-se a memória, o que foi, mas alguns edifícios têm de continuar a ser “aquilo” para que foram feitos, são parte da história de uma cidade, de uma malha urbana que se formou e conta uma história, aí a função deveria se manter ou converter num espaço de memórias, ser um elemento de exceção. Ao referir elementos de exceção, não se interpela apenas edifícios de equipamento, mas também habitação, no entanto esta só se torna em algo memorável dependendo do que o dono de obra pretende afirmar, marca também uma classe económica, embora nos últimos anos se tem tentado acabar com esta barreira e proporcionar qualidade de vida habitacional a todos.

A forma do edifício torna-se então o principal fator para a sua temporalidade, a versatilidade de adaptação às mais distintas necessidades e a sua imagem. É então que a função e a estética estão ligadas, a fim de proporcionar um desenvolvimento progressivo do espaço e não o abandono

---

<sup>4</sup> PEREIRA, Paulo - “Lugares de Passagem” in Património Edificado. 2002. Pedras Angulares.

do mesmo. Realçando, ainda que a função para que foi contruído não seja adaptável, cabe a quem projeta o edifício pensar no futuro, sendo este pensamento uma premissa para a organização do espaço, prevenindo assim a sua decadência e aumentando a sua flexibilidade, tanto quanto possível.

## **1.2| IDENTIDADE APLICADA A ARQUITETURA E URBANISMO**

A distinção e evidência de um edifício, ou objeto, no espaço humanizado é à posteriori o que define o espaço, o que provoca memória do sítio percorrido e é também um ponto de referência, de orientação do utilizador. O percurso que se faz numa certa região é por vezes marcado por certos pontos de interesse, que despertam curiosidade do que está perante os olhos, no entanto isto pode não vir a acontecer, sendo o percurso feito em zonas planeadas e com o mesmo tipo de arquitetura. Nesse caso são os espaços que o edifício contém, que ajudam a pessoa à orientação no espaço, na maioria dos casos o comércio e restauração, onde a orientação é feita pelas lojas que existem e não pela involuntária procura de uma saída do espaço, isto é, quando atravessamos uma rua conseguimos distinguir dois pontos a dirigir-nos, uma praça ou uma rotunda, enquanto noutras ruas não temos esse ponto de saída, dificultando o percurso do utilizador.

Segundo Kevin Lynch em “A Imagem da Cidade”, as vias, os Limites, os Bairros, os cruzamentos e os pontos marcantes são os elementos que dão uma imagem urbana, que limitam uma civilização devido aos elementos físicos. Em planeamentos mais recentes, confusos nas suas ruas transitáveis de apenas um sentido, podemos localizar-nos perante os edifícios que ali existem e não pelo que eles são, uma mistura de estilos de arquitetura, adquirida com os anos. Muitos bairros são formados por diferentes épocas, marcando a diferença no espaço urbanizado, um conjunto de retalhos que formam um tecido urbano. Questões sociais são levantadas nestes casos, a divisória de classes económicas torna-se visível, mobilizando alguns habitantes para outras zonas, conseqüentemente acontece a perda de cultura e espírito daquele lugar, pois, apenas acontece quando um grupo de pessoas usufrui de um espaço e o adapta à sua forma de viver.

A definição de bairro é então, com base no que anteriormente foi dito, um conjunto de habitações similares, com características definidoras do espaço, e à posteriori um conjunto de habitantes com interesses e vivências similares. Realçando ainda que são estes habitantes, que dão a vida ao bairro

e o caracterizam, que o tornam único e com uma cultura diferenciada, a forma como ocupam aquele espaço e a reunião populacional em espaços de encontro quando estes mesmo existem, em praças ou parques, no meio do passeio, na entrada do edifício ou até mesmo no núcleo de circulação, no caso de conjuntos habitacionais, criando assim outros pontos de reunião, não tendo inicialmente esse objetivo.

Por outro lado, percebemos que a procura pela identidade é relativa ao utilizador, a beleza, ou conceito de belo, como refere Raul Lino em Casas Portuguesas, é, portanto, o sentimento geral da harmonia entre os desejos do proprietário e as condições materiais e espirituais. O estilo que o dono de obra pretende é nada mais que um estado de espírito e uma procura por aquilo que este já contemplou, que despertou á posteriori um sentimento de desejo pelo objeto criado, uma vontade, daí ser abordado o conceito de modelo mais à frente, percebendo a diferença entre este tipo e modelo de um edifício. A proporção e dimensão do espaço é conseguinte do passado, que leva a uma cultura, cultura esta que tem ideias de um modelo fixado desde a civilização romana, que foi formatada para ser aquilo, demorando muitos anos até se modificar.

Desde a conquista romana na europa que se tornou evidente a necessidade de organizar a cidade consoante os pontos de interesse, os edifícios de equipamento, sendo estes o fórum, o(s) espaço(s) de culto, o(s) espaço(s) de espetáculo, os espaços de água (aquedutos, reservas e termas), os espaços comerciais e os espaços de armazenamento.

Qualquer cidade europeia é por isso similar, devido a cultura que a civilização romana deixou presente, a escala humana, que tem sido debatida e atualizada nos últimos tempos, definindo assim as dimensões dos mais diversos espaços, consolidando-os, sendo estes documentos base nomeados atualmente de regulamentos e leis. O traçado urbano romano, era por sua vez delimitado por dois grandes eixos, o que ligava norte a sul e outro, este a oeste, nomeados de *cardo* e *decumanus*, facilitando assim a formação da cidade, á posteriori, com eixos paralelos aos principais, contendo assim os edifícios de maior realce, descritos no parágrafo anterior e as vias com mais afluência populacional.



Fig.2 | BOL, Hans, The Tower of Babel, 1590 | Broel Museum

#### A torre de Babel

11 Naquele tempo toda a humanidade falava uma só língua.

<sup>2</sup> Deslocando-se e espalhando-se em direção ao oriente, os homens descobriram uma planície na terra de Sinar e depressa a povoaram.

<sup>3</sup> E começaram a falar em construir uma grande cidade, para o que fizeram tijolos de terra bem cozida, para servir de pedra de construção e usaram alcatrão em vez de argamassa.

<sup>4</sup> Depois eles disseram: “Vamos construir uma cidade com uma torre altíssima, que chegue até aos céus; dessa forma, o nosso nome será honrado por todos e jamais seremos dispersos pela face da Terra!”

<sup>5</sup> O Senhor desceu para ver a cidade e a torre que estavam a levantar.

<sup>6</sup> “Vejam se isto é o que eles já são capazes de fazer; sendo um só povo, com uma só língua, não haverá limites para tudo o que ousarem fazer.

<sup>7</sup> Vamos descer e fazer com que a língua deles comece a diferenciar-se, de forma que uns não entendam os outros.”

<sup>8</sup> E foi dessa forma que o Senhor os espalhou sobre toda a face da Terra, tendo cessado a construção daquela cidade.

<sup>9</sup> Por isso, ficou a chamar-se Babel, porque foi ali que o Senhor confundiu a língua dos homens e espalhou-os por toda a Terra. <sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Bíblia - Velho Testamento, Gênesis 11.

O edifício, na sua expressão arquitetónica, não seria o mesmo se não tivesse as mais distintas formas ou até mesmo cores, isso define muito o espaço que rodeia, que por vezes, propositadamente ou não, influencia as novas construções adjacentes, formando um espaço com uma identidade visual similar e neutra. Vemos essas similaridades em aldeias no interior de Portugal, com menos diversidade de estilos, que se mantêm no tempo, o continuo uso de materiais provenientes do sítio onde são construídas, um exemplo disso é o xisto, mineral típico português que é utilizado em fachadas ou até mesmo na estrutura das paredes devido a excessiva existência dele, embora seja um mineral frágil, ele é usado em muros, criando uma identidade visual ao lugar.

A forma urbana e o edifício têm sempre o mesmo diálogo, dependendo sempre um do outro a fim de criarem o espaço urbanizado coerente, diálogo esse que é determinado pela tipologia do edificado, à posteriori, o dimensionamento da envolvente e as necessidades de quem a habita, daí surge a quantidade de comércio e de espaços de lazer, consoante o número de pessoas que moram e trabalham nessa área, não esquecendo do que lá existe e merece a sua preservação, o edifício de exceção.

A arquitetura é um campo de pensamento, que levanta questões de programa, refletindo necessidades no território e uma memória coletiva do lugar, circunstâncias da vivência numa determinada época destacam uma arquitetura específica e distinguível, pois cada dia que passa o homem inventa algo, que influencia a sua experiência no espaço, isto acontece desde a descoberta do fogo, levando à posteriori para dentro do lugar privativo, a que chamamos de casa, e adaptando-o sempre às necessidades e à forma de habitar. O fogo torna-se então uma ajuda importante nas descobertas do ser, a luz, que o guiava na procura de alimento e que o junta, dando abébia à coletividade, existente até hoje quando possível, no espaço humanizado, em zonas de lazer em qualquer altura do dia.

### 1.3| MEMÓRIA E TEMPO

O presente compreende-se entre algo que ajudou o ser humano a experienciar diversas situações e a criar algo que fosse eficiente tanto no agora, como no futuro, partindo assim para o desenvolvimento da forma de habitar. Diversas ações que fazemos diariamente, que nem damos conta de as realizar, como sentar à mesa e usar talheres, é algo que nos foi ensinado e ficou impregnado na memória, por isso é que as realizamos, por haver uma descoberta do ser humano na criação desses instrumentos a fim de facilitar a o dia-a-dia.

A memória coletiva torna-se cada vez mais uma memória falsa, uma imagem irreal do que é a cultura do espaço, consequência da especulação imobiliária, que procura um desaparecimento do património e da vida comunitária, a fim de aumentar os espaços de trabalho e comércio, favorecendo grandes empresários. Existe então um trauma social, que gera conflito entre os interesses económicos da cidade e o legislativo da mesma, o poder monetário e o poder da comunidade. Podemos ver na história da cidade que existem outras situações que revelam a mudança da mesma, a destruição desta quando existem guerras, sendo a pior forma de apagar a memória do lugar, no entanto, mesmo que exista uma procura de recriação do passado, a morte da comunidade influencia o espírito do mesmo, não o permitindo recuperar as vivências e a cultura.

“O espaço não tem lugar, nem o tempo tem um instante para nós. / Estamos excluídos. / Para sermos incluídos - para ajudar o nosso regresso às origens -, devemos fazer parte do seu significado (...) O lugar e o evento, independentemente do seu significado, fazem mais sentido do que o espaço e o tempo. Porque o espaço ocupado pelo homem é o lugar e o tempo ocupado pelo homem é o evento. (...) Ofereça esse lugar, articule o intermédio, (...) faça com que cada porta seja um sinal de boas-vindas e que cada janela tenha um rosto. Faça de cada um, um lugar; faça de cada casa, cada cidade, um grupo de lugares / (uma casa é uma cidade em miniatura, uma cidade é uma casa gigantesca).”<sup>6</sup>

As colónias das cidades europeias, consequência da descoberta de novos “mundos”, que historicamente foram iniciadas pelos vikings, povo

---

<sup>6</sup> VAN EYCK, Aldo – Lugar e Ocasião. 1962. enxerto retirado do livro “100 ideias que mudaram a arquitetura II”. Richard Weston. Edição portuguesa de 2014. Pure Retail.

procedente das Escandinávia, que afetaram grandes áreas da Europa, invadindo e colonizando várias cidades do Norte desta. Sendo referido em alguns livros que foram um povo que contribuiu para a construção de cidades, criando história nas mesmas, desenvolvendo a cultura nesses locais. As vontades de descoberta de outros povos levaram também ao desejo conquista de outros lugares, ao aumento da sua cultura e também ambição de matéria, foi então em 1415 que os portugueses partiram à procura de “novos mundos”, conquistando várias regiões costeiras de África, no sul da Ásia, chegando ao Brasil após um desvio na rota marítima da Índia, navegação a comando de Pedro Álvares Cabral, sendo este o lugar com maior cultura portuguesa, para além da língua, também a arquitetura e organização urbana com um estilo europeu foi durante séculos construída, resultado disso são as cidades nórdicas do mesmo, a construção de sobrados e as ruas calcetadas.

A arquitetura desenvolveu-se com o tempo nestas áreas, talvez o facto de terem iniciado um processo de identidade tardio, com bases em algo já desenvolvido, procurou-se criar uma nova imagem e descobrir o que realmente é típico naquele espaço, o material ou até mesmo a vivência em comunidade, isto também cria um conflito com a procura de alojamento, em que podemos ver a agregação humana num espaço que não é capacitado ou nem mesmo pensado urbanisticamente para ter a quantidade humanitária que contém. As condições higiénicas e a falta monetária para investimentos nesses espaços, tal como conflitos de interesse, são visíveis nestes povos que foram descobertos, não apenas neles, como em qualquer cidade que procura uma imagem irreal para os seus polos económicos, refletindo sempre uma imagem limpa e bonita, enquanto os subúrbios se tornam em espaços indesejáveis e feios, sem qualquer qualidade espacial, gerando culturas diferentes, consequências de estilo de vida a que são obrigados a ter, muitas vezes sem qualidade. Também é um facto estas cidades terem construído novas metrópoles, procurando uma nova identidade, diferente da que lhes foi impregnada, muitas delas falharam e criam algo que não se adequa ao clima e ao terreno, não tiveram um pensamento crítico em relação ao urbanismo, outras tiveram um aumento excessivo de população, e o crescimento tornou-se caótico, levantando problemas civilizacionais, de perda social e comunitária.

O tempo é o grande obstáculo da comunidade e do espaço, associado sempre à memória, ao passado, sendo esta palavra um tanto

vasta, pois é um conjunto de momentos que geram acontecimentos, experiências que se refletem na forma de viver, que influenciam no futuro, sendo esta palavra um pouco questionável, será então a continuação do que está a acontecer agora, refletindo uma monotonia ou algo novo que ainda não tenhamos vivenciado.

O tempo das formas é outro tema a ser debatido, a vontade de enaltecer o edifício tem sido abordada nos textos anteriores, a sua expressão arquitetónica, que é consequência de um tempo e da experiência do homem na construção, o desenvolvimento da mesma e dos materiais. A aparência da forma é o que define uma época, criando assim uma história do espaço, a força do querer de alguém que pretende mudar o mundo, a forma de como se vive nele.

Por outro lado, as permanências no espaço são consequência do que ainda experimentamos, por exemplo, um edifício habitacional que contenha um espaço de comércio no seu piso de entrada, à cota da rua, tornar-se menos vulnerável ao desaparecimento, pois a função deste espaço é uma necessidade para a comunidade envolvente, o uso sistemático desse espaço é um fator para a sua continuidade. No entanto, percebemos que nem sempre é um princípio para o seu desaparecimento, dependendo ainda de onde este se encontra e da existência de mais pontos de comércio, sendo que numa zona histórica é mais seguro afirmar que ele irá permanecer, do que noutra zona metropolitana não classificada como tal. A sua adaptabilidade também se torna um fator para a sua durabilidade no tempo, a dimensão espacial do mesmo, por vezes, não é suficiente, levando assim à impossibilidade de mudança e à decadência do mesmo.



Fig.3 | DALÍ, Salvador, The Persistence of Memory, 1931 | MOMA

#### 1.4| MODELO E TIPO

“A palavra ‘tipo’ não representa tanto a imagem de uma coisa a copiar ou a imitar perfeitamente, mas sim a ideia de um elemento que, por si mesmo, deve servir de regra ou modelo. [...] O ‘modelo’, entendido de acordo com a evolução prática da arte, é um objecto que deve repetir-se tal como é; o tipo é, pelo contrário, um objecto em função do qual se pode conceber obras que não se assemelhem nada entre si. No modelo tudo é dado e preciso; no tipo tudo é mais ou menos vago. Assim, a imitação dos tipos não tem nada que o sentimento ou o espírito não podem reconhecer [...]”.<sup>7</sup>

Segundo Giulio Carlo Argan na sua redação em “Uma nova agenda para arquitetura” divide as tipologias arquitetónicas em 3 categorias, a primeira é sobre a configuração total da obra, como a planta se desenvolve, dependendo sempre da sua função, na segunda os elementos estruturais, desde as fundações á cobertura, na terceira os elementos ornamentais ou decorativos, desde a ordem dos pilares á fachada. É em acordo com Aldo Rossi em “Arquitetura da Cidade” que, podendo dar a um projeto uma classificação tipológica se este apresentar um diálogo com outro na sua técnica construtiva, “com as funções, com o estilo, com o carácter coletivo e o momento individual do facto arquitetónico.”<sup>8</sup>

A diferença na tipologia acontece unicamente quando as funções do espaço se altera, numa habitação a sua tipologia não se alterou muito com os anos, embora ultimamente exista a adição de um espaço de trabalho na sua configuração, substituindo por vezes um espaço de dormir, no entanto o seu percurso interior visa a ser repetidamente o mesmo, um hall de acesso direto para uma zona de lazer, que une uma zona de refeição e confeccionar, ligando também a outras zonas de descanso e de higiene. Em habitação coletiva a lógica torna-se parecida, um corredor que serve outros corredores, que distribuem os compartimentos neles, a mais valia é que dependo da época do edifício, as suas disposições são alteradas e dispostas/ dimensionadas dependendo da necessidade do seu tempo, a tecnologia como se abordou no capítulo anterior.

---

<sup>7</sup> ROSSI, Aldo - A Arquitetura da Cidade. 2ª Ed. 2001, Edições Cosmos. Página 48, citação de Quatremère De Quincy, Diccionario Histórico.

<sup>8</sup> ROSSI, Aldo - A Arquitetura da Cidade. 2ª Ed. 2001, Edições Cosmos. Página 50

O modelo pode ser considerado quando a regra e o modo construtivo se assemelham ou é igual a outro, embora com melhorias no seu método construtivo devido à existência de novas tecnologias de construção. Assim podemos considerar que o modelo nunca é uma cópia, pois existe sempre algo que é alterado com o tempo, mas sim uma inspiração para o projetor no que ele quer realizar, é uma coletânea de memórias e emoções visuais que este pretende transpor, que lhe tenha agradado e despertado sentimentos. É então que se pode afirmar que o modelo depende da forma, do aspeto do edifício, enquanto o tipo é algo que está na sua organização estrutural e espacial, no seu percurso.

Em suma, ao abordar estes temas podemos perceber que a construção e as ideias construtivas não vêm do nada, e uma consecutiva procura pela melhoria da forma de habitar o espaço, em tudo começou na procura de abrigo nas cavernas, a criação de cabanas, transitando para as tendas, chegando á pedra e a construção com a mesma, o desenvolvimento do cimento e do barro por artesões, criando módulos que se encaixavam e se ligavam para outro material, substituindo a pedra estruturante pelo aço até ao uso solitário do mesmo com outros metais, devido a sua transição térmica não ser boa, apenas é aplicado a edifícios de trabalho ou de arrumação.

## 2| FLEXIBILIDADE VERSOS FUNÇÃO

## 2.1| DEFINIÇÃO DE FLEXIBILIDADE

Caracteriza-se por flexível o edifício que pode ter outra função. A adaptabilidade dos espaços é manifestada na sua dimensão e na forma como se organiza. Assim também pode-se abordar uma quarta dimensão, o tempo, que define a qualidade do edificado em virtude do que este pode vir a ser e a capacidade transformadora e transformativa.

É visível em diferentes edifícios a sua mudança de função e adaptabilidade a outras, exemplo disso são alguns conventos em Lisboa, projetados para terem uma função religiosa, que, no entanto, atualmente são escolas (Convento de São Francisco da Cidade), hospitais (Convento de Santa Marta, São José e Santo António dos Capuchos, entre outros que foram totalmente desafetos), serviços da soberania do estado (Convento de São Bento da Saúde), entre outras. As dimensões dos espaços produzem essa versatilidade, uma rápida adaptação às necessidades do tempo.

Diferente de reabilitação, que embora possa adaptar o edifício a outras funções, nunca perde a sua função inicial e as opções de flexibilidade são poucas e muitas das vezes perde-se a identidade do espaço. Quando em projeto se pensa na quarta dimensão do edifício, eis o que reflete um conjunto de possibilidades do que pode vir a ser. Mostra também a referida anteriormente identidade, podendo ser mais do que aquilo para que foi destinado.

Estruturalmente quanto mais amplo for o espaço, mais facilidade de adaptação terá, pelo menos em aparência, tendo em conta as valências múltiplas que albergou e poderá futuramente acolher, no entanto é necessário relembrar à escala humana, as dimensões do espaço que despertam conforto ou desconforto ao utilizador.

“O Espaço é um dos maiores dons com que a natureza dotou os homens e que, por isso, eles têm o dever, na ordem moral de organizar com harmonia, não esquecendo que, mesmo na ordem prática, ele não pode ser dilapidado, até porque o espaço que ao homem é dado organizar tem os seus limites físicos, facto pouco sensível, por exemplo, na escala do objecto mas eu estou extraordinariamente sensível na escala da cidade e da região”<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. 9ª Ed. 2015. FAUP Publicações. 1ª ed. 1962. Página 27.

## 2.2| A FORMA DO EDIFÍCIO

Do ponto à linha, da linha ao plano e do plano ao volume, são estas as etapas dos elementos à forma.

Chegando ao volume damos-mos conta do espaço, dando uma percepção no percurso do mesmo, um edifício simétrico torna-se monótono no ser percurso, tanto exterior como interior, uma sistemática repetição de vão ou o mesmo material em todo o percurso, por outro lado um edifício com uma imagem visual forte e/ou detalhada dá ao utilizador uma experiência espacial diferente e agradável, por não parecer estar a percorrer a mesma zona sistematicamente, existindo espaços que se distinguem.

Na conceção do projeto arquitetónico a forma e a função têm uma ligação evidente, pois o programa obriga a isso mesmo, sendo a sua ligação debatida há muitos anos. O edifício é facilmente distinguido pela sua forma, no entanto, é necessário que o edifício funcione consoante as necessidades para que este foi criado ou adaptado, é durante a época industrial que nasce o desejo de enaltecer o poder de algumas fábricas e escritórios, proporcionando a que muitas destas ornamentassem as suas fachadas, procurando a estética da época ou até mesmo clássica, colunas com capitéis detalhados e imagens esculpidas em pedra. Nas zonas centrais das cidades percebemos que sedes de bancos ou sedes de poder tornam-se mais perceptíveis visualmente, devido a sua ornamentação, a sua época é perceptível nos detalhes usados na sua construção.

No entanto, o estilo moderno ganha força e com ele o funcionalismo, levando os edifícios a ser mais objetivos e menos estéticos. O que realmente importava era dimensão do espaço e não a sua forma, pois quanto maior fosse o espaço, mais adaptação este podia ter, isto numa época onde se estavam a aparecer novas tecnologias, uma época de mudanças. A contínua investigação no uso do aço simplifica então esse processo, espaços mais amplos e mais funcionais, não só nos edifícios industriais e de escritório, como na habitação e no comércio de grande dimensão, ganhando força o aço é utilizado para construção de grandes infraestruturas, pontes e linhas de comboio, devido a sua estabilidade e durabilidade.



Fig.4 | PIRANESI, Giovanni, Le Antichità Romane, 1784 | Lowa Museum

### 2.3| A FUNÇÃO DO ESPAÇO

No século XX, época modernista, que se começa a analisar o conceito de função, chega pelas palavras de Louis Sullivan a celebre frase “form follows function”, em que esta chega antes, sendo a forma resultado da mesma. No entanto só faz sentido se o arquiteto o permitir, é uma lógica contemporânea, em que põe o funcionalismo do edifício à frente da sua identidade.

A noção de função apenas resulta quando o objeto tem um propósito e um objetivo não pode ser quando existe um desejo humano para que a cidade seja igual, a história e a natureza fazem parte deste espaço, e não podem ser postas de parte.

Atualmente ao abordar o que é necessário na cidade, vemos uma incrível diferença ano após ano das formas e trabalho e como isso ocupa o espaço, do artesanato à indústria, e desta para os escritórios. O trabalho é algo que se altera com os anos, até mesmo o comércio começa a chegar a outros níveis de prestação de serviço. No entanto a habitação visa ser o espaço que ao longo dos anos se mantém idêntica, que cumpre as funções para que foi pensada, dormir, comer, reunir.

A maneira como se ocupa o espaço, corresponde às necessidades que o homem tem, de transforma-lo consoante as suas necessidades, surgindo assim as funções do edifício, a função técnica, em que este têm de suportar a tecnologia, contendo algum mecanismos específicos, a função da envolvente, adaptando-se ao que já existe, considerando o contexto onde se encontra, a função económica, a escolha de materiais e localização, os recursos financeiros do cliente e a função simbólica, todos os edifícios fazem parte de uma história, o espírito do lugar.



Fig.5 | Autor Desconhecido, 1950 | AML – SPT000191

### **3| O VALE DE ALCÂNTARA**



Fig.6 | GUEDES, Paulo, 1912 | AML – PAG000555

### 3.1| EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO SÍTIO

A ligação com o parque florestal de Monsanto visa ser uma das premissas do trabalho, conferindo-lhe a possibilidade de se estender pela zona de floresta produtiva, criando ainda zonas agrícolas na cidade, visto que anteriormente aos planos dos anos 40 e 50 e antes do projeto de Keil do Amaral testemunha-se o facto de toda essa área periurbana conter hortas e zona de exploração agrícola. Será então necessário um plano florestal e a demolições de algumas habitações, que foram construídas ao longo da Avenida Ceuta, mas também nas zonas desqualificadas das encostas. O objetivo é poder remover a avenida e perfilar a superfície do vale através da renaturalização de uma ribeira ou fio de água (Fig.6), criando ainda bacias de retenção ao longo do vale, com o intuito de deixarem de existir alagamentos na zona de alcântara terra, mais precisamente, entre a estação de comboios e a Avenida da Índia. Outra zona a merecer cabal alteração será a Rua Maria Pia, que se tornaria a rua de principal acesso a esta nova zona da cidade, sendo proposto uma reconstrução dos prédios habitacionais dando uma nova imagem à rua.



Fig.7 | Pormenor do painel de azulejos, séc. XVII | Museu do Azulejo



Fig.8 | CALMET DE BEAUVOISIN, Marie Antoine, 1821 | T. U. Darmstadt

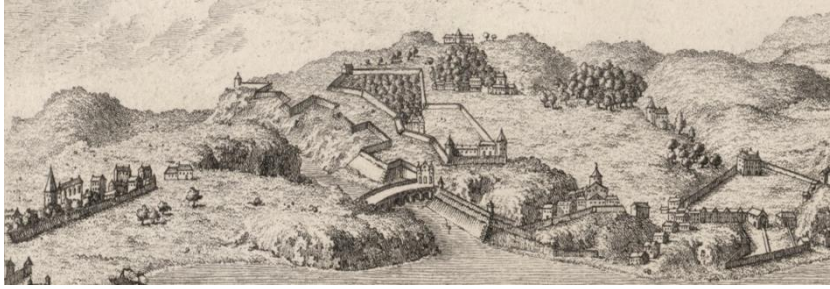


Fig.9 | STOOOP, Dirk. 1662 | The British Museum



Fig. 10 | BELLIN, Jacques-Nicolas. 1756 | Bibliothèque nationale de France

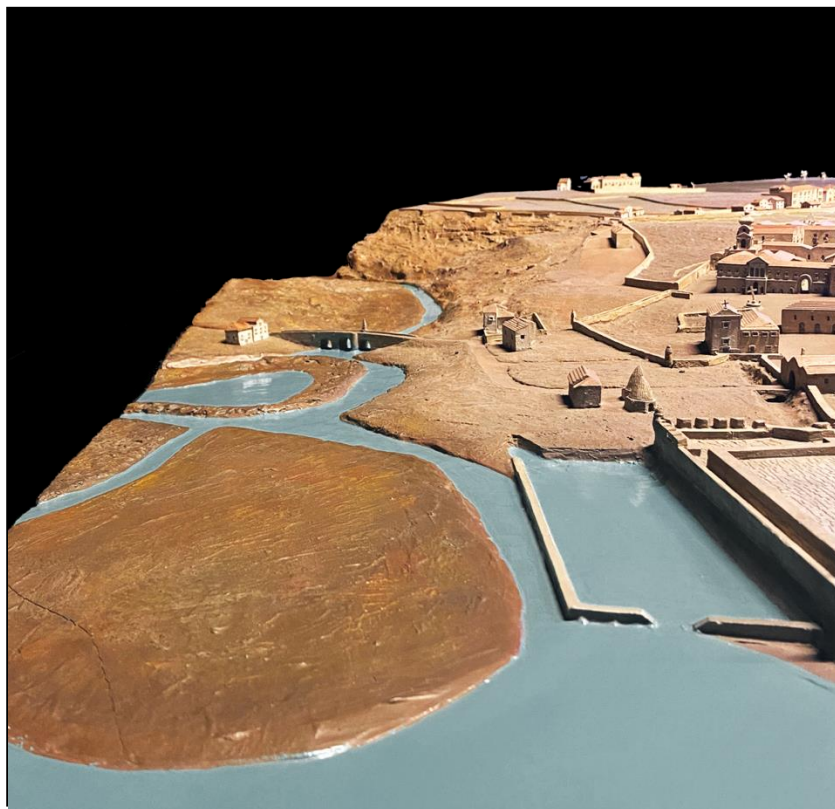


Fig. 11 | SEQUEIRA, Gustavo de Matos, 1959 | Museu da Cidade

### 3.2| RECRIAR O PASSADO

Quando se aborda o passado é relevante abordar o que é memória, de onde partiu este conceito não muito antigo, que nada mais é, do que manter uma vida comunitária existente, que caracteriza o local, o património que expressa uma época, uma ideologia e um testemunho. Nestes tempos, falsa memória, devido a intervenções que beneficiam pessoas de outros estatutos sociais, a deslocação de comunidades para as preferias, a fim de também beneficiar o turismo que rodeia certos edifícios, considerados monumentos. Em tempos, a rua Maria Pia continha parte do baluarte da cidade (Fig.9), que fazia ligação entre o forte de Alcântara e Santa Apolónia, passando pela rua Marquês de Fronteira e o cemitério do Alto de São João, sendo a primeira circunvalação de Lisboa. A zona conhecida localmente como a Triste-Feia (junto a estação de Alcântara terra), é o ponto de partida para o início desta circunvalação: seria aqui que se situava uma das entradas na cidade de Lisboa, após o atravessamento de uma ponte sobre a ribeira de Alcântara, entretanto perdida, e que deu o nome à zona.

Abordando a história da cidade e aproximando-nos do Vale de Alcântara, que ainda contém edifícios históricos, é imprescindível não falar do Palácio das Necessidades, Palácio Fronteira e do Cemitério dos Prazeres. O palácio das necessidades, é o hoje ocupado pelo Ministério do Negócios estrangeiros, antigo convento construído no século XVIII a mando de D. João V. O Palácio Fronteira, foi construído a fim de ser o pavilhão de caça de João de Mascarenhas, primeiro Marquês de Fronteira, no entanto com o terramoto de 1755, torna-se residência oficial da família. Construído entre 1670 e 1673, têm atualmente uma localização privilegiada, junto ao Parque Florestal de Monsanto. O cemitério dos Prazeres foi construído em 1833, consequência de uma epidemia e a fim de terminar com os enterros em igrejas, capelas e conventos. Faria parte dos terrenos de nobres, que procuravam construir as suas residências, tão perto quanto possível, do Paço Real, destruído pelo terramoto de 1755. Existe ainda uma lenda que conta a existência de uma fonte, onde terá aparecido uma imagem de Virgem Maria, sendo construído nesse local uma ermida, sob invocação de Nossa Senhora dos Prazeres que a posteriori deu o nome aquela zona.

Durante a época industrial, foram construídas várias fábricas ao longo do vale. O aumento de construções ilegais de habitação aumentou e,

consequentemente, a falta de higiene também. Alcântara ficou desde então, conhecida como uma zona fabril e de bairros operários, que se instalaram naquela zona nos finais do século XIX. Um século depois as fábricas foram desativadas, esses bairros deixam de alojar operários passando a famílias carenciadas, sendo criados mais bairros sociais nesta ampla área e com objetivos idênticos - habitação social - durante o Estado Novo.

Em setembro de 1974 inicia-se a operação SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) no Vale de Alcântara, sendo construídos dois bairros, o da Quinta da Bela Flor e o da Liberdade, sendo 2 dos 7 bairros contruídos em Lisboa, havendo ainda uma proposta para a zona do Casal Ventoso, não se realizando devido aos moradores não permitirem a sua construção.



Fig.12 | GOULART, Artur João, 1960 | AML – AJG000498



Fig.13 | PORTUGAL, Eduardo, 1944 | AML – POR060477

### **3.3| COMPANHIA LISBONENSE DE ESTAMPARIA E TINTURARIA DE ALGODÕES**

É em 1875 que se dá início à construção do edifício da Companhia Lisboense de estampanaria e tinturaria de algodões, próximo do emblemático e demolido (para construção da Avenida Ceuta) edifício da Fábrica da Pólvora, fábrica esta que transformou o vale, devido a sua quantidade de trabalhadores, a construção do conjunto habitacional do Casal Ventoso e construções ilegais ao longo da rua Maria Pia. Em 1981 contava com 105 trabalhadores e 4 caldeiras a vapor, sendo o mercado de consumo o continente e ilhas. Anos mais tarde, em 1990, o número de operários reduziu-se para 75.

Com o passar dos anos o edifício mantém a mesma função, sendo alterado de nome em 1967 para Sociedade Têxtil do Sul e em 1975 para Companhia União Fabril Portuguesa, no entanto, é em 1985 que esta muda de função e passa a ser uma fábrica de produção de refeições, SociProduto – Delegacia Regional de Lisboa. A última função que adquiriu foi em 1997, convertendo o edifício numa oficina, pertencente a uma empresa de aluguer de carros, Tufi – Sociedade de Expansão turística.

Atualmente o edifício torna-se despercebido aos olhares menos atentos, o estado de degradação vem aumentando com os anos e a implantação de uma bomba de combustível na sua frente para a avenida fez com que a sua presença no espaço não seja relevante. Ao lado do mesmo foi construído também um edifício candidato ao prémio Valmor e Municipal de arquitetura de 1989, projetado pelo arquiteto José Fernando Teixeira, atualmente é onde se encontra a Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha.

Com os anos e a falta de uso do edifício e sem manutenção o edifício entrou em vóluto e atualmente só lhe resta as fachadas, estando elas cobertas de tijolo e cimento para que o edifício não se torne acessível a utilizações indevidas, no entanto as suas imediações têm sido alvo de vandalismo e depósitos de lixo, sendo perceptível ao percorrer o local.

Na envolvente vemos alguma adesão à agricultura e exploração pecuária das famílias que habitam no bairro da Quinta do cabrinha, embora desorganizado, o espaço vazio na encosta tornou-se uma ajuda na produção alimentícia destas pessoas.



Fig. 14 | PORTUGAL, Eduardo, 1939 | AML – POR056943



Fig. 15 | SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000638



Fig. 16 | OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MAO000023



Fig. 17 | FERNANDES, Augusto de Jesus, 1961 | AML – AJF000273



Fig. 18 | FERNANDES, Augusto de Jesus, 1961 | AML – AJF000285



Fig. 19 | SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000638



Fig. 20 | SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000561



Fig. 21 | SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000562



Fig. 22 | OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MAO000014



Fig. 23 | NUNES, Abreu, 1919 | AML – ABR00006





Fig. 24 | Obra 6395 | Proc. 3038-DAG-PG-1895 - Folha 2 | AML

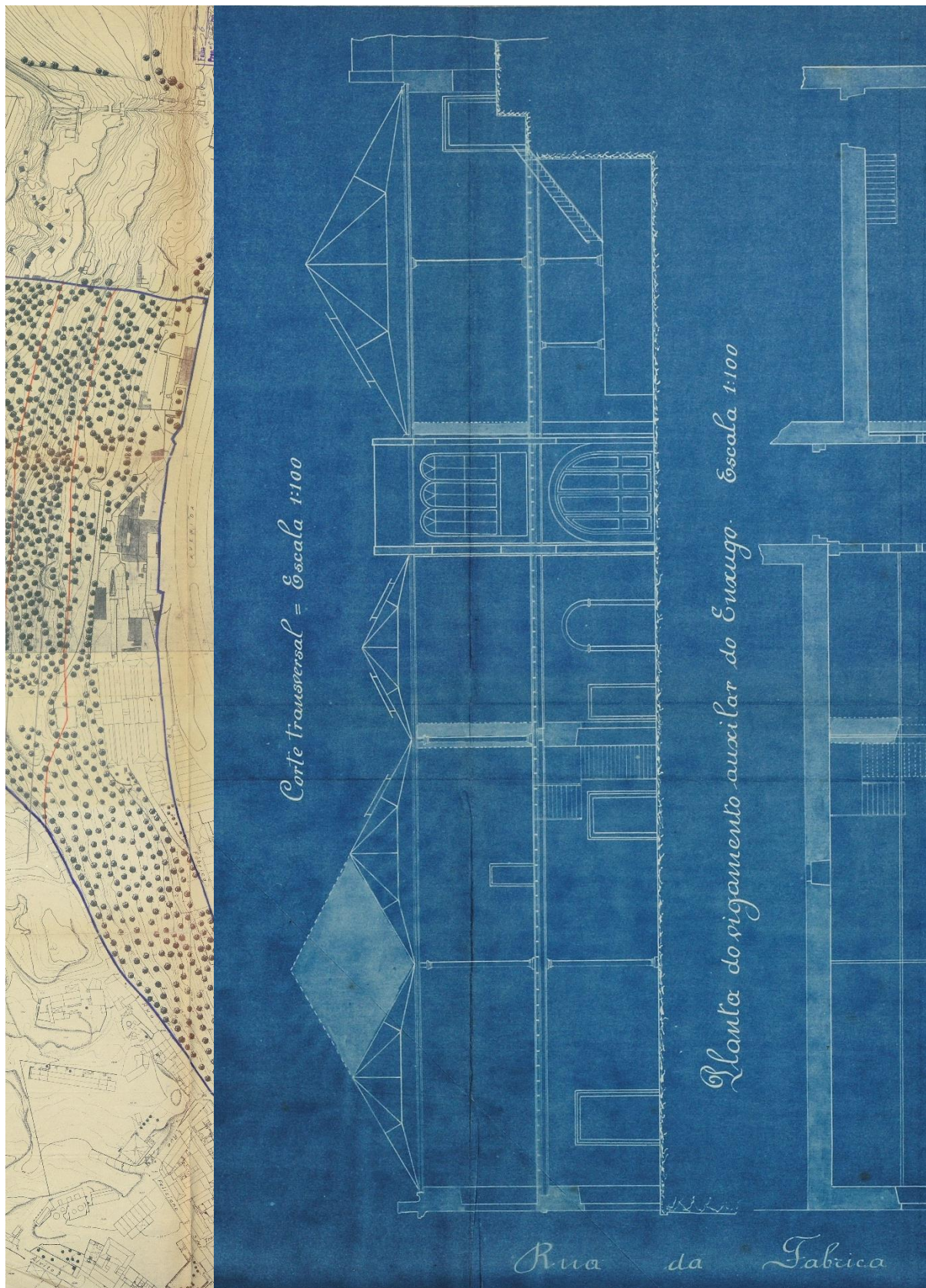


Fig. 25 | Obra 6395 | Proc. 55020-DAG-PG-1966 - Folha 6| AML

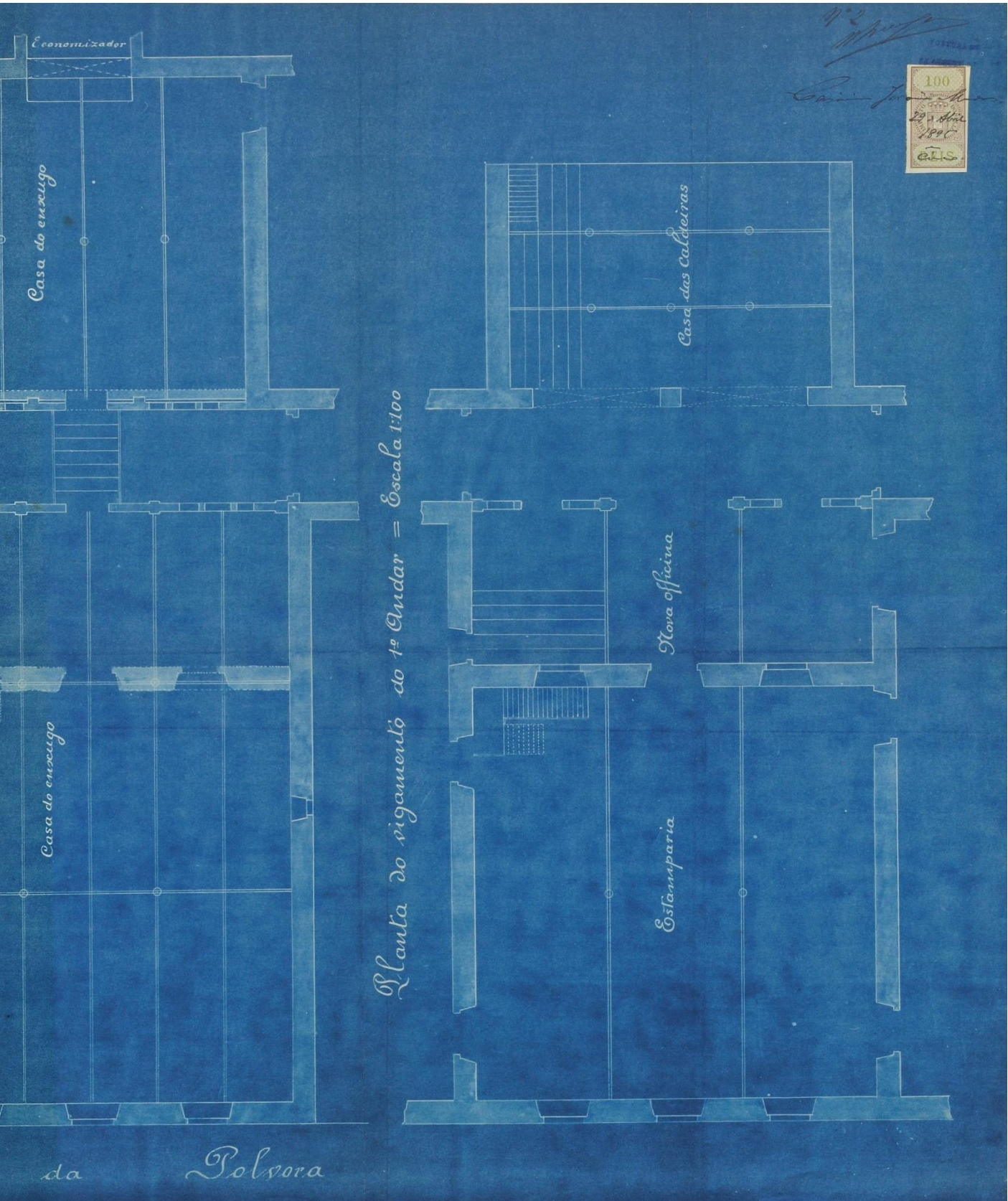


Fig. 26 | Obra 6395 | Proc 3038-DAG-PG-1895 - Folha 3 | AML

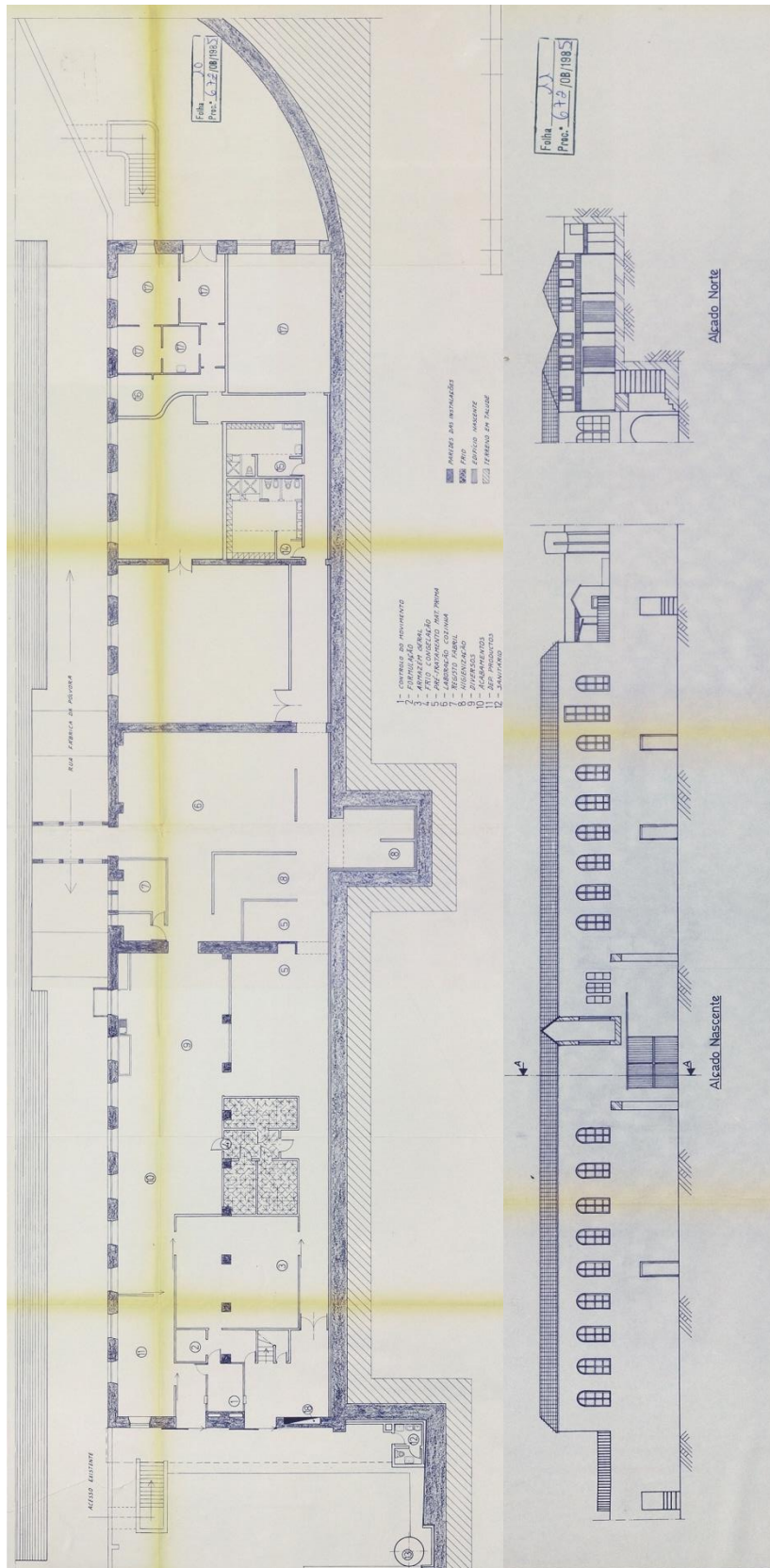


Fig. 27/28 | Obra 6395 | Proc. 672-DMPGU-OB-1985 - Folha 10/11 | AML



Fig. 29 | OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MA000421



Fig. 30 | Do autor, Julho 2021



Fig. 31 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 32 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 33 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 34 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 35 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 36 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 37 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 38 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 39 | Do autor, Outubro 2021



Fig. 40 | Imagem retirada do Google Earth, 2021

## **5| CASOS DE ESTUDO**

Os Casos de estudo tornam-se uma parte importante da investigação, tendo como intuito perceber como foi possível intervir noutros locais, tanto a nível urbano como arquitetónico, gerando uma alteração radical dos espaços. Renascidos, os espaços urbanos especificados à posteriori tornam-se alvo de qualidade de vida dos habitantes, de reforço comunitário, locais inacessíveis que atualmente são percorridos pela comunidade, ligando-a à natureza. Um dos casos mais antigos é o do Central Park em Nova Iorque, em 1857, quando a zona portuária de Manhattan se torna numa zona habitacional e aumenta exponencialmente o seu número de habitação, com a necessidade de zonas de lazer para a comunidade foi então proposta a implementação deste parque na zona norte do distrito, dando uma melhor qualidade de vida aos seus moradores. No início do século começa a existir um pensamento crítico sobre as cidades e como elas se relacionam com o meio natural, Seul é uma das primeiras a reformar o seu curso natural de água, visto que anteriormente este tenha sido coberto e subcarregado com infraestruturas viárias, sendo criados canais e cobertas as zonas verdes existentes, no entanto tudo voltou ao passado, o curso de água volta a superfície e são criadas várias zonas de lazer ao longo do curso de água para usufruto da comunidade. Los Angeles é também um dos casos a observar e analisar, as emblemáticas cenas dos filmes de Hollywood apenas são possíveis devido a uma intervenção no curso de água, cobrindo-a na totalidade, desde 2007 até à atualidade certas zonas do rio têm vindo a sofrer alterações, são vários os escritórios de arquitetura e engenharia que pretendem mudar o aspeto do sítio, dando uma nova vida ao curso de água e trazendo a natureza para as suas margens. Em 2013 a Colômbia implementa também uma intervenção nas margens do seu rio em Medellín, dado à comunidade mais percursos ribeirinhos e mais zonas de lazer e atravessamentos do mesmo, proporcionando a realização de diversos eventos neste espaço natural. O último caso de estudo demonstrado é a intervenção da zona da Praça de Espanha, em Lisboa, uma área que era inacessível, continha imensos problemas viários e de acesso pedonal, no entanto, a sua requalificação beneficia toda a comunidade que vive o espaço envolvente e cria uma ligação natural à fundação Calouste Gulbenkian e seus jardins, a criação de áreas de lazer é maximizada, proporcionando um percurso que tem como intuito futuro a ligação ao vale de Alcântara, naturalizado e sem os problemas infraestruturais que lá se encontram atualmente.



| Imagens retiradas do Google Earth | Comparação do Central Park com o Vale de Alcântara

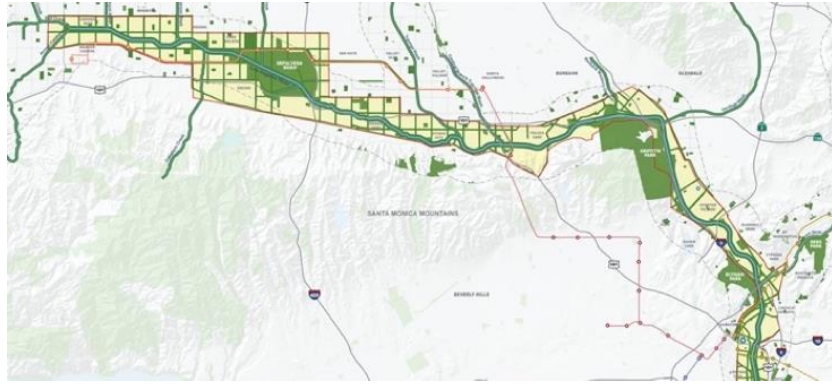


**Central Park, Manhattan, Estados Unidos**  
1857

Frederick Law Olmsted + Calvert Vaux



**Rio Cheonggyecheon, Seoul**  
2003



**Los Angeles River Revitalization, Califórnia**  
2007

Tetrattech Engineering | Civitas Landscape Architect Wenk  
Associates Landscape Architect | HNTB Architecture Planning

Bruno Lopes Mota



**Parque do Rio em Medellín, Colombia**  
2013

Latitud Taller de Arquitectura y Ciudad



**Praça de Espanha, Lisboa, Portugal**  
2019 (em construção)

NPK + Atelier RUA

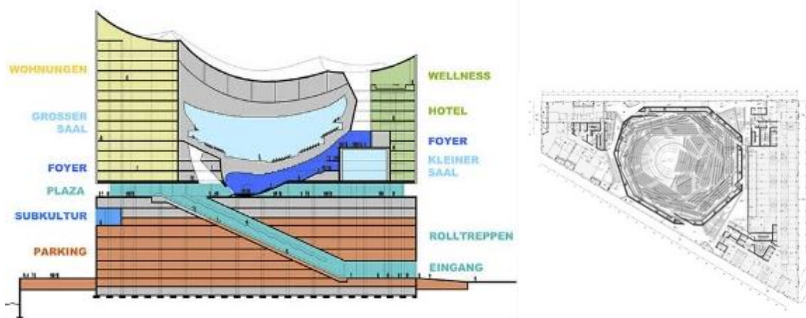
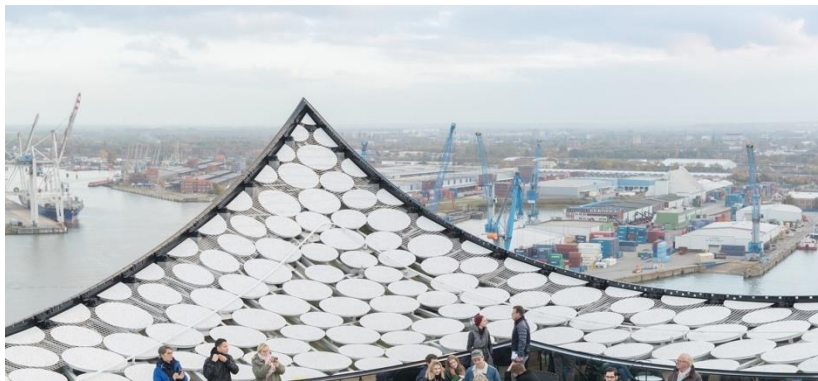
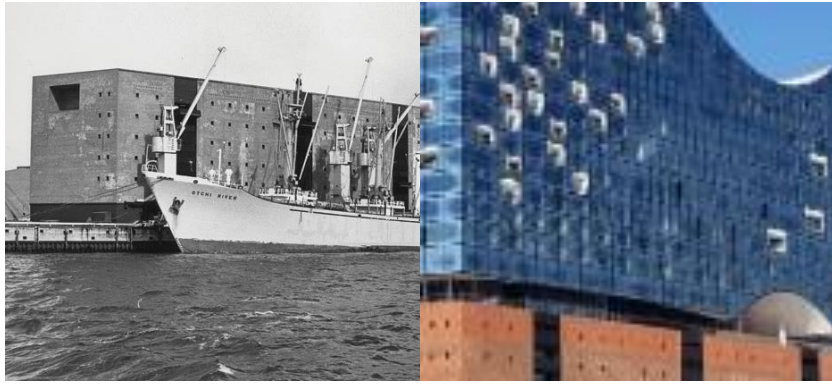
Reconhecer o passado, reconstruir e adaptar aos novos tempos e às novas necessidades, os edifícios que seguem são exemplos de adaptações do espaço, obras que sofreram com o tempo, algumas abandonadas, outras com uma necessidade imposta de mudança devido à evolução urbana da envolvente e à crescente populacional.

O convento das bernardas é no início do século XXI convertido num hotel, é atualmente um edifício de destaque em Tavira. A Filarmónica de Hamburgo, um edifício portuário, armazém comercial que, com o desenvolvimento da cidade e a crescente da zona portuária, se converte num espaço cultural, um dos pontos marcantes da cidade pelo seu destaque e grandiosidade, sendo mantidas as suas fachadas em tijolo, marcando uma pré-existência e realçando a extensão do edificado. Um edifício no centro da cidade, junto ao maior parque urbano da cidade de Lisboa, o Castillo 203 é uma reabilitação de um edifício de escritórios do final do século XX, sendo convertido num edifício habitacional, mantendo apenas a estrutura que ali existia. O edifício Fábrica 1921, em fase de construção, é uma requalificação da antiga fábrica de malhas e têxteis, construída em 1921, em Benfica, Lisboa, depois de vários séculos abandonada, em 2019 é dada uma nova vida ao edifício, convertendo-o num complexo misto.



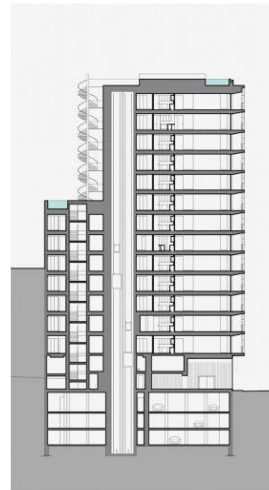
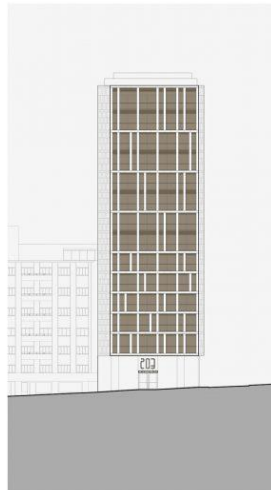
**Convento das Bernardas, Tavira, Portugal**  
2012

Eduardo Souto de Moura



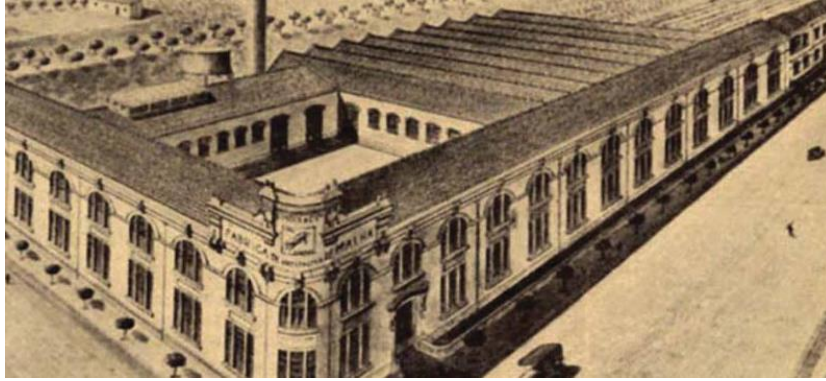
Filarmónica de Hamburgo, Alemanha  
2016

Herzog & de Meuron



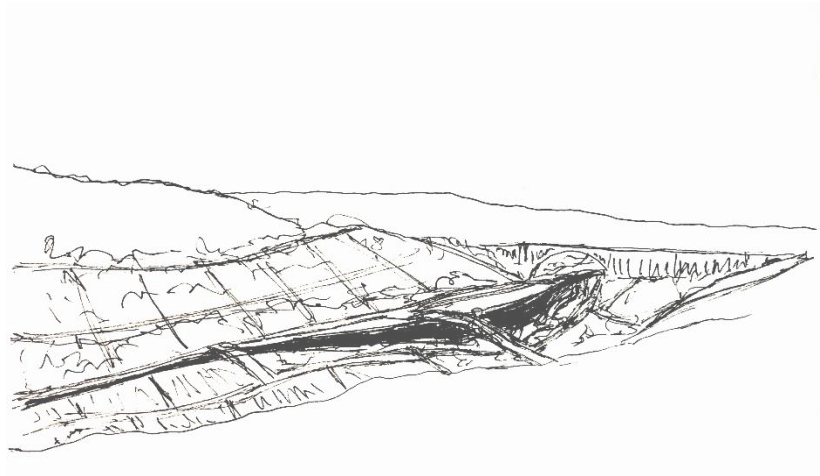
**CASTILLO 203**  
2016-2017

ARX Portugal

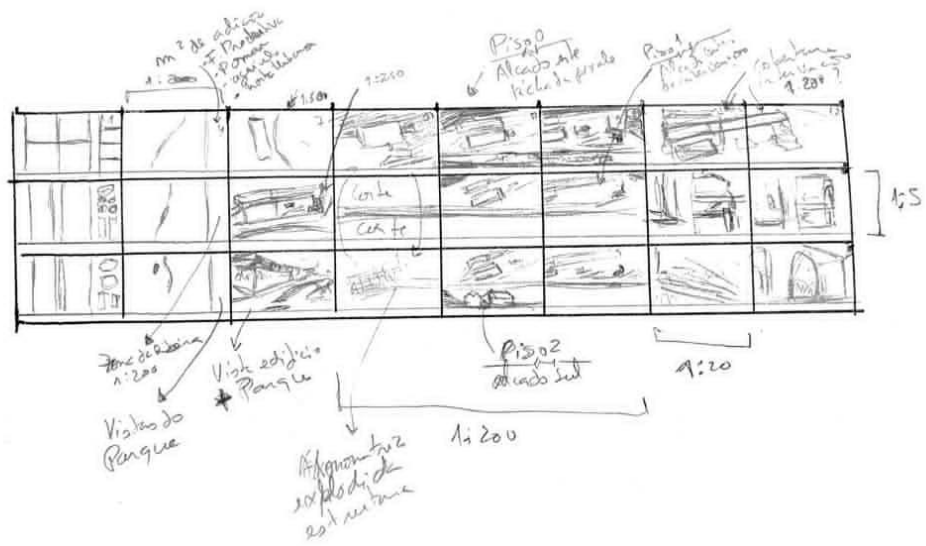


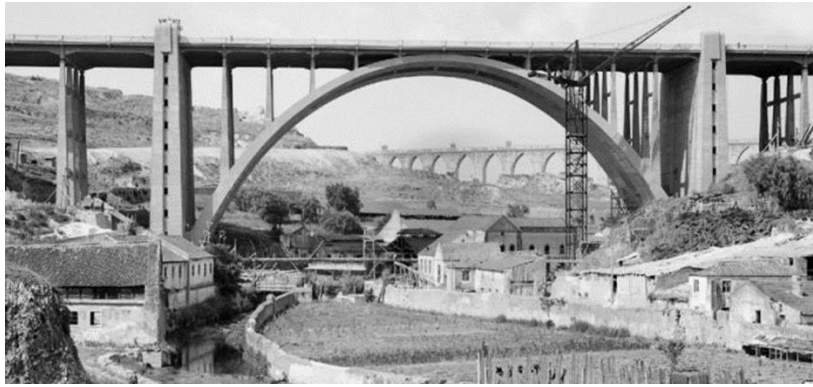
Fabrica 1921, Lisboa, Portugal  
2019 (em construção)

BroadwayMalyan



## **6| PROPOSTA URBANA E ARQUITETÓNICA PARA O VALE**

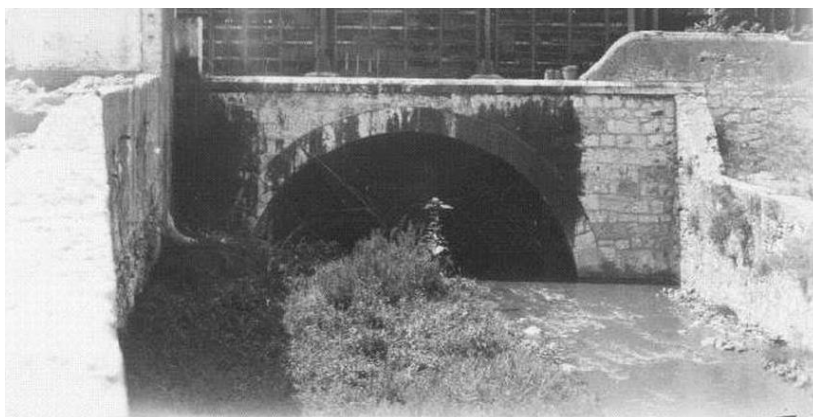




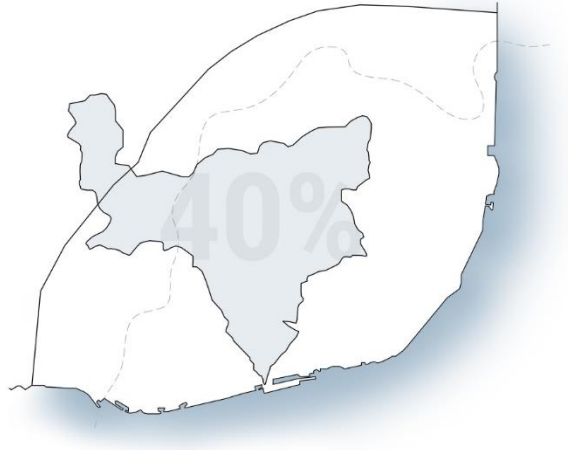
“As an architect you design for the present, with an awareness of the past for a future which is essentially unknown”  
**Norman Foster**



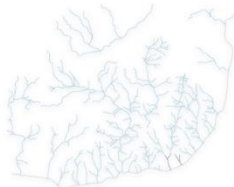
O Vale de Alcântara torna-se o ponto focal do projeto, a ideia de renaturalização e de projetar zonas de cultivo, como ali existiam antes da revolução industrial e que à posteriori destruiu quase todo o sistema natural, visa a ser uma premissa para melhorar a vida de todos os habitantes de Lisboa, criar zonas de lazer e desviar do vale as redes viárias que o entopem e não permitem o seu percurso atualmente. A rede de água, atualmente encanada, volta a ser descoberta, permitindo que as mais diversas espécies de animais a possam usar, em diversas zonas do percurso da água são projetadas bacias de retenção com plantas filtrantes, ajudando a melhorar água.



PORTUGAL, Eduardo, 1942, Caneiro de Alcântara, troço debaixo da estação de Alcântara



Bacia Hidrográfica de Alentejo



Linhas de água de Lisboa, com base em cartografias e gravuras do séc. XVI.



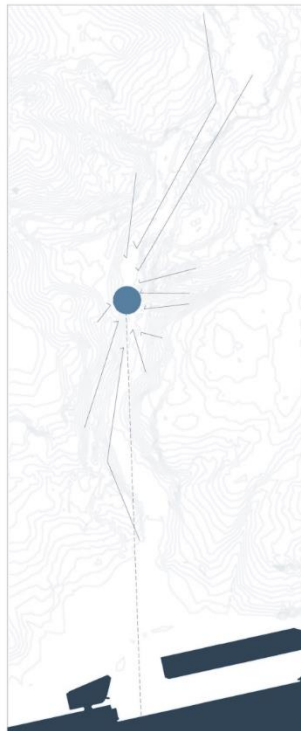
Linhas de água de Lisboa, com base em cartografias e gravuras d1 1911.



Sistema atual de drenagem unitário e tratamento de águas de Lisboa, pluralizada em 3 pontos.



Sistema atual de drenagem e tratamento de águas sustentável através de uma rede policêntrica local de baixo impacto.



Tratamento de águas atual do Vale.



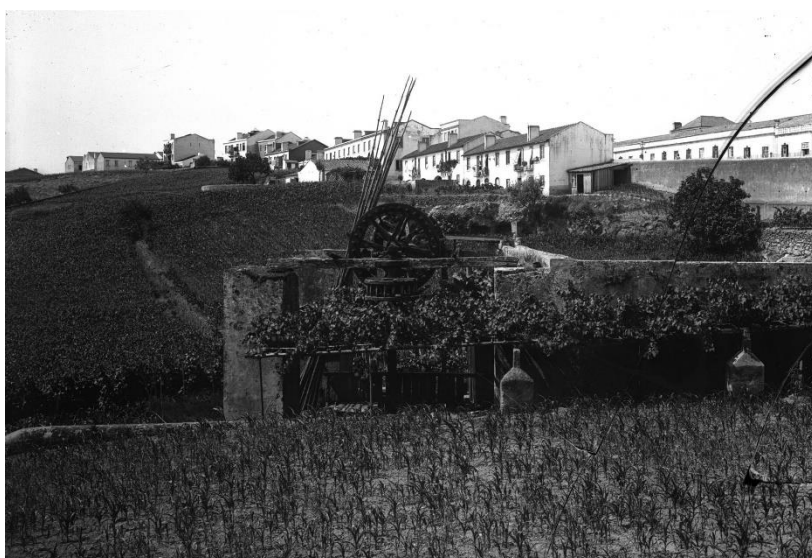
Tratamento de águas proposto para o Vale.



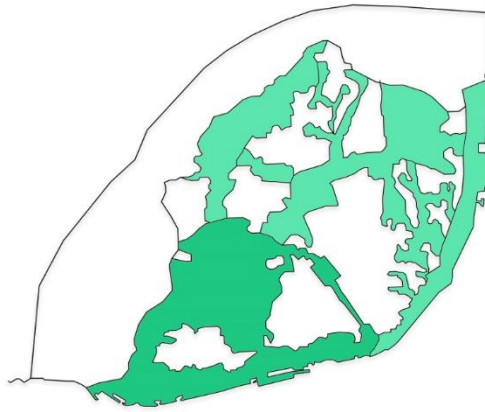
PORTUGAL, Eduardo, 1944-05, Vale de Alcântara no sítio da horta Navia



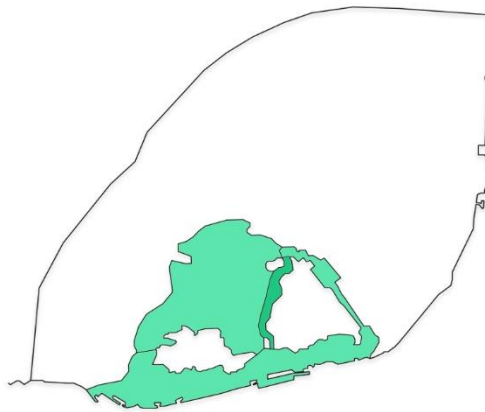
Sem Autor, Entre 1885 e 1910, Panorâmica sobre o Vale de Alcântara



GUEDES, Paulo, 19 - -, Rua entre Sete Rios, rua de Campolide e Rabicha



Corredores Estruturantes da cidade de Lisboa.



O vale de Alcântara no anel verde de Lisboa.



Espaços verdes existentes no vale, consequentes do sistema de tratamento de água em ETARs.

Espaços verdes propostos para o vale com o restabelecimento do sistema hidrico natural e desenvolvimento agrícola nas margens.



Liberdade/Serafina – Vale – Campolide



Monsanto – Vale – Sete Moinhos/Maria Pia

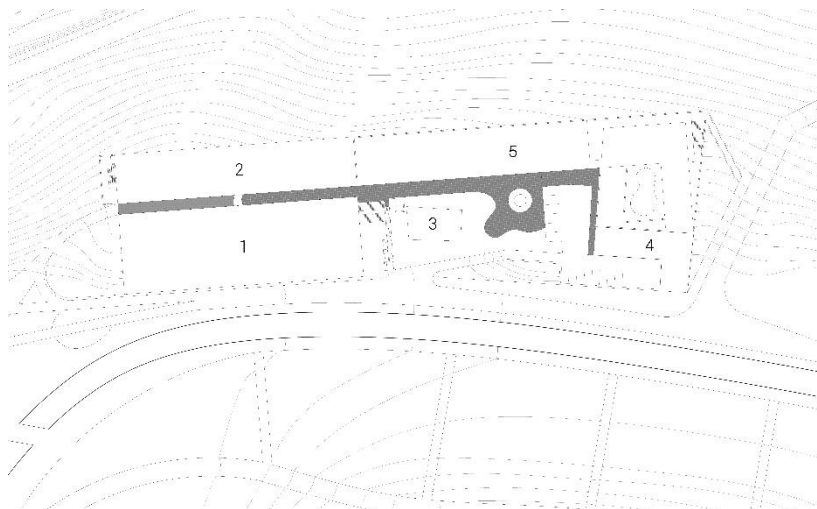


Alvito/Alcântara – Vale – Horta Navia

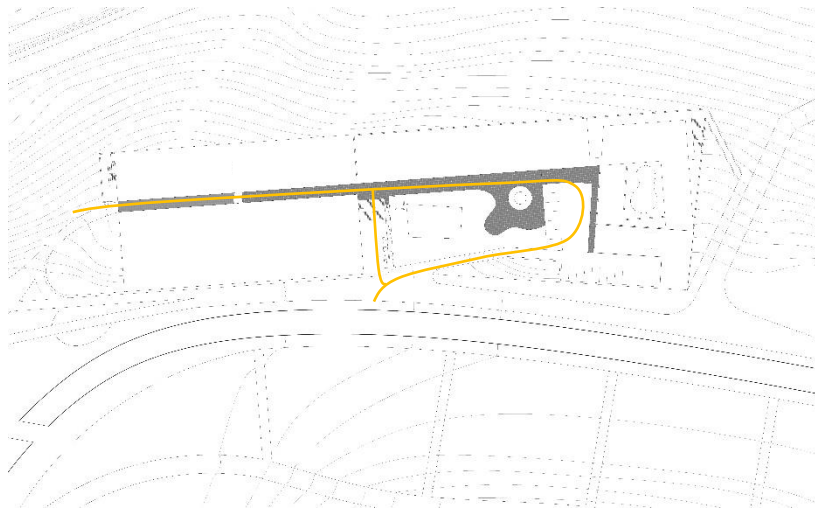
Percorrendo desde a cota mais alta do vale até à zona ribeirinha da cidade, um edifício escondido por detrás de um posto de combustível desperta interesse em perceber o que escondia atrás das janelas arcadas da fachada, mesmo envolto numa confusão de vias e edifícios, construções ilegais e degradadas como o próprio, a sua grandiosidade ainda se encontra expressa nas suas paredes grafitadas. Aproveitando o existente e uma procura do que outrora foi aquele espaço e das vivências que ali existiram, o projeto torna-se uma vontade de reaver o passado, dado uma nova configuração a toda a área envolvente. Caída, a cobertura metálica da zona norte do edifício desperta o interesse de manter a espacialidade no interior do edifício, a flexibilidade do espaço e a adaptação do mesmo a vários usos. No entanto, ali estavam outros três edifícios que contam a história da fábrica da Companhia Lisboense de estampanaria e tinturaria de algodões, um que se une ao edifício principal, sendo o armazém da fábrica e os outros dois de habitação, sendo um deles a Quinta do Cabrinha, daí o nome da zona.

Existe a vontade de união de todos os edifícios, criando assim vários volumes de edificado coerentes, reunido num só espaço quem o habita e vivencia, propondo recuperar o edifício fabril e o seu armazém, unindo esse edifício traseiro da fábrica à Quinta do Cabrinha, criando uma extensão habitacional, sendo criado o 4º edifício da intervenção. A necessidade de remover o automóvel do vale, afastando-o e escondendo-o num túnel de ligação da ponte a Sete-Rios, torna conseguinte a criação de um estacionamento no piso à cota mais baixa do edifício fabril, a cota do parque. Noutra cota com dois acessos, um na zona sul do complexo edificado e outro junto à quinta do cabrinha (ambas se encontram lá atualmente) temos as entradas para todos os edificados, 5 metros acima da cota do parque.

Um jardim central é criado entre os edifícios 1, 3, 4 e 5, um espaço de lazer e de convívio.

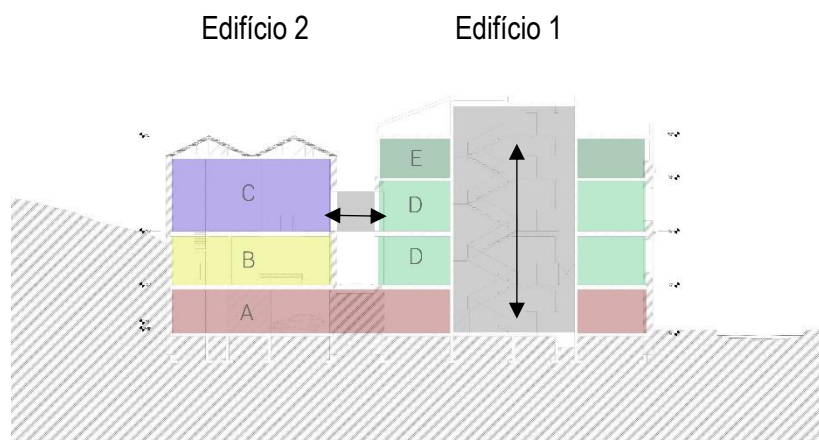


1-Fábrica | 2-Armazém | 3-Habitação  
4-Habitação | 5-Complexo Habitacional

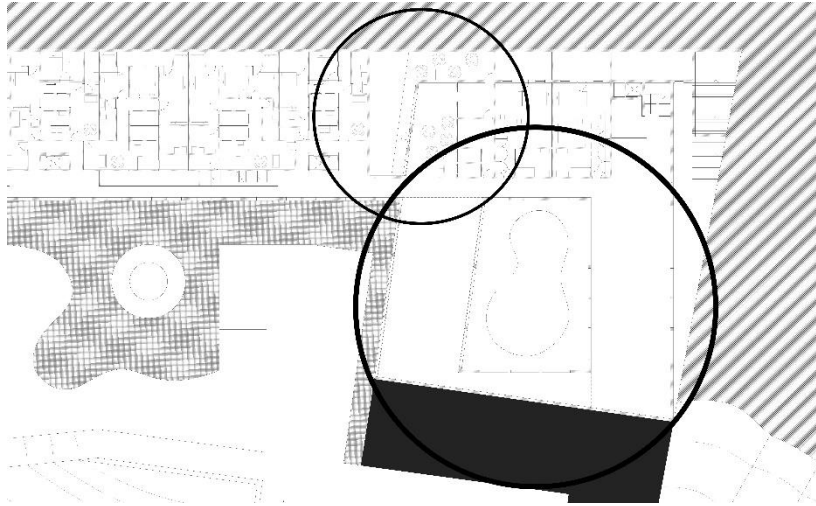


- Acesso aos edifícios.

O edifício da fábrica é dividido em 4 pisos, sendo um deles estacionamento, que serve igualmente o edifício comercial, antigo armazém da fábrica e distribui-se por um único núcleo de circulação vertical, existente no centro do mesmo, ligando o referido estacionamento aos pisos de exposições, ao piso administrativo e à cobertura. No caso do edifício 2, comércio e restauração, a circulação do mesmo é dividida por vários núcleos de acesso vertical e horizontal, um de ligação do comércio à zona de estacionamento, onde se encontram os seus armazéns, um outro núcleo central de acesso exclusivo aos colaboradores desses espaços e de saída de emergência no lado sul do edifício. É recuperada uma ponte que liga os edifícios para os utilizadores do espaço (não restrita), unindo a zona de restauração com primeiro piso do edifício 1 (fábrica).



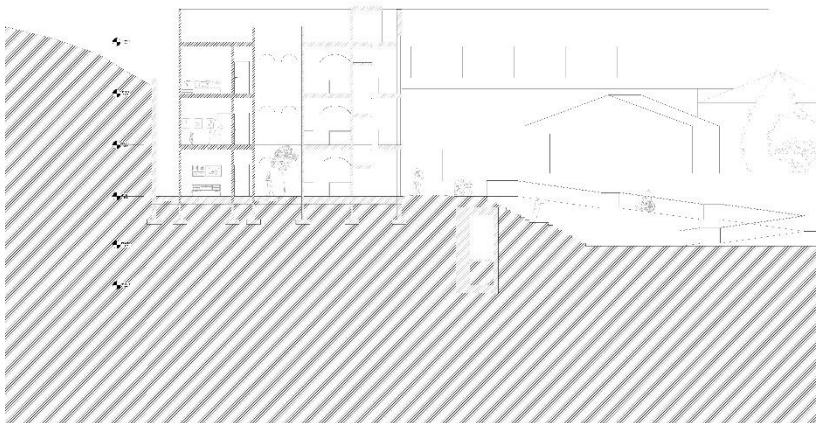
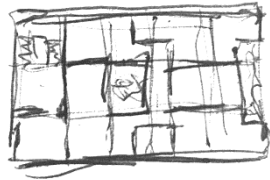
A-Estacionamento | B-Comércio | C-Restauração  
D-Exposição | E-Administração



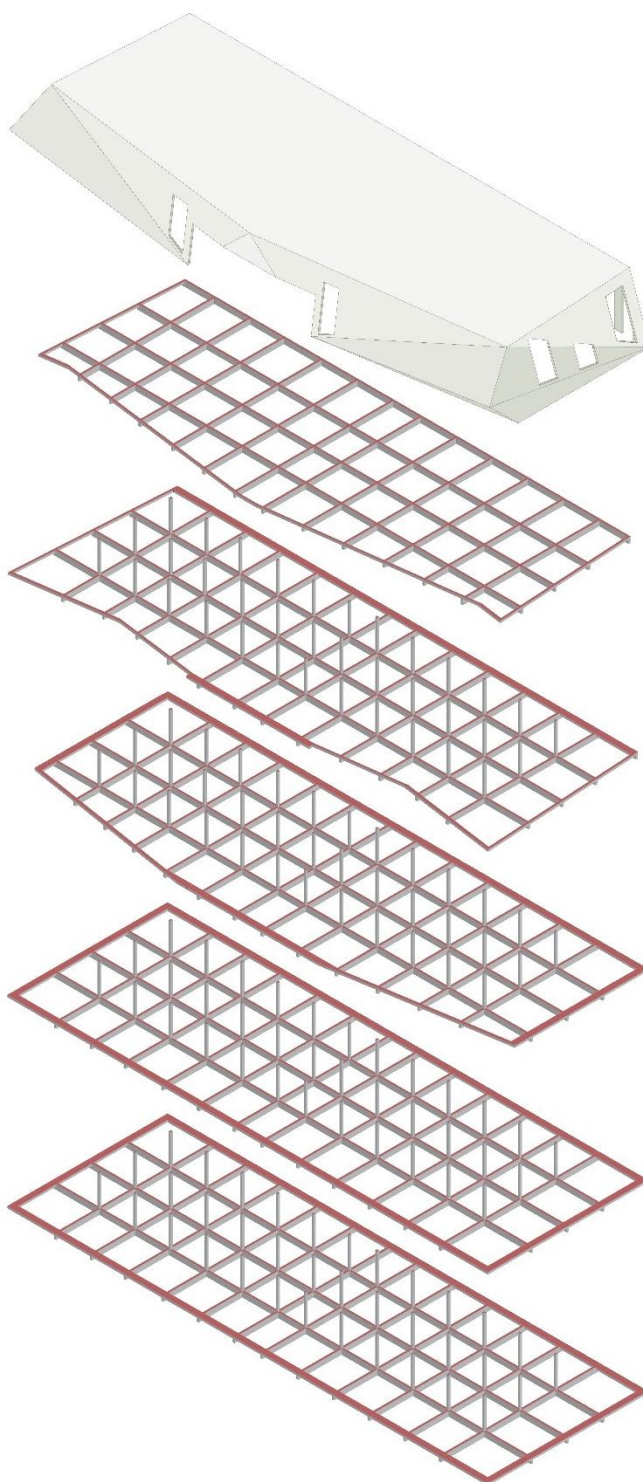
Planta com a cafeteria/Espaço Expositivo (Edifício 5).

Estrategicamente e com o objetivo de ligar todos os edifícios e proporcionar maior vivência no espaço, cria-se o Edifício 4, sendo este habitacional. Na zona norte, no piso 0, são projetados uma cafeteria e um espaço de eventos, conseqüente destes espaços, o edifício cria ligações com os utilizadores. O corredor de distribuição une todos os espaços proporcionando distintos percursos ao utilizador.

Pretendendo uma melhor adaptação do espaço, tanto a recuperação dos edifícios existentes como o edifício projetado para habitação, o sistema estrutural permite uma maior adaptação dos espaços, podendo ser modificada a configuração do fogo.



Corte Habitações (Edifício 5).



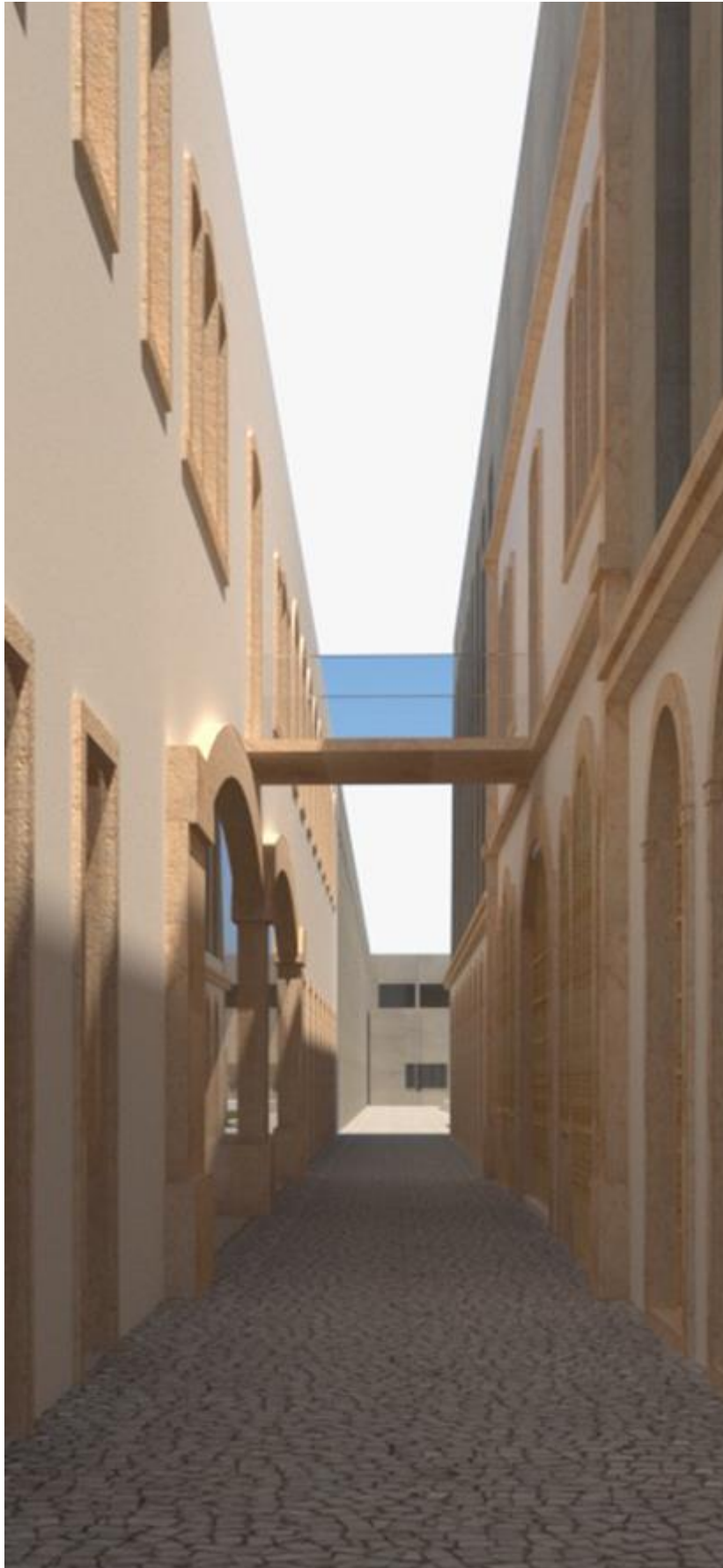
Tomando finalmente como foco o edifício fabril e a sua configuração espacial, torna-se perceptível a sua adaptação a outras funções, a fim de não voltar a cair ao abandono, a sua malha estrutural é configurada assim para receber habitação, comércio ou até mesmo ser um edifício de exceção.

Abordando os materiais, a estrutura em aço proporciona uma maior dimensão do espaço e o uso de betão leve estrutural com regranulado de cortiça expandida permite uma excelente acústica ao edifício, dando uma experiência diferente de percurso do mesmo.



**Materialidade**

Reboco Pintado, Pedra calcário, Betão c/ regranulado de Cortiça, Calçada Portuguesa (calcário)



Vista entre o edifício fabril e os armazéns.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cessante procura por recuperar um edifício mantendo expressa nas suas paredes a história e a importância que deu naquele sítio foi intensa e complicada, a aparência do mesmo já definia a forma como este pode ficar após uma intervenção, compreender os conceitos de função, identidade e flexibilidade tornou o trabalho com qualidades espaciais e vivenciais diferenciadas, o aspeto fabril entra em contraste com uma camada nova e vibrante, dando um novo valor a tudo o que já lá existia e não deveria deixar de existir.

Relativamente a parte teórica do trabalho realça-se a pesquisa que vai desde o espaço urbano até ao espaço privado, a escolhas do utilizador, as suas vontades e escolhas do espaço, realçar a sua identidade. Perceber que um edifício não pode ser apenas um capricho, mas sim uma forma de viver o espaço, de abrigar e recordar uma história civilizacional. A procura pela razão de construir ou reconstruir um espaço é um ponto de partida para perceber o que é arquitetura e o porquê da mesma existir, do pensamento crítico e vontade de mudança para um mundo melhor e com qualidade habitacional.

Juntando um programa de um edifício de equipamento ligando com um comercial / restauração e uni-los com um programa habitacional, a parte prática do trabalho copila num complexo vivencial, fazendo perceber como é que uma zona ganha vida, cria uma comunidade, apoiando à não desertificação da mesma, à criação de uma identidade. Destacando o uso de materiais provenientes do país, a cortiça e a madeira, procurando a sustentabilidade na reconstrução e construção dos edifícios.



Apresentação a 27 de janeiro de 2022

## BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

### LIVROS:

CHOAY, Françoise – Alegoria do Património. Edições 70. Janeiro, 2018. Trad. De L'Allégorie do Patrimoine; 1992. 306 p.

DEPLAZES, Andrea - Constructing Architecture - materials processes structures a hand book. Birkhäuser – Publishers for Architecture. 2005. 508p.

GIL, Luís – Cortiça na construção sustentável e energeticamente eficiente. 1ª Ed. Outubro 2015. Chiado Editora. 260 p.

DONNE, Marcella delle – Teorias sobre a cidade. Ed. 1990, Edições 70. Trad. de Teorie Sulla Città; 1979. 260 p.

JEANNERET-GRIS, Charles-Edouard, Le Corbusier – Maneira de Pensar o Urbanismo. Publicações Europa-América. 3ª Ed. Trad. de Manière de Penser l'Urbanisme. 211p.

LAMAS, José M. Ressano Garcia – Morfologia Urbana e Desenho da Cidade. 8ª Ed. Dezembro, 2016. Fundação Calouste Gulbenkian. 590 p.

LINO, Raul – Casas Portuguesas, Alguns apontamentos sobre o arquitectura das casas simples. Ed. 1992. Edições Cotovia. 160 p.

MAUSBACH, Hans – Urbanismo Contemporâneo. 3ª Ed.1981. Editorial Presença. 211p.

MCMORROUGH, Julia – Arquitetura: Referências + Boas práticas & Especificações. 2014. Quimera Editores. 272p.

MONTANER, Josep maria e MUXÍ, Zaida – Arquitetura e Política. 1ª Ed. 2019. Editorial Gustavo Gili. 253p.

NIEMEYER, Oscar – A Forma da Arquitetura. Edições 70. Janeiro de 2016

NORBERG-SCHULZ, Christian – Genius Loci. Towards a phenomenology of architecture. 1ª Ed. 1979. Rizzoli. 213 p.

PALLASMAA, Juhani – Habitar, 1ª Ed. 2017, Editorial GG.

ROSSI, Aldo - *A Arquitetura da Cidade*. 2ª Ed. 2001, Edições Cosmos. 258 p.

ROWE, Colin e KOETTER, Fred - Ciudad Collage. 2ª Ed. 1 maio 1998. Editorial Gustavo Gili. Trad. De Collage City; 1981. 182p.

SIZA, Álvaro – Imaginar a Evidência. 1ª Ed. 2012. Editora Estação Liberdade. 156p.

TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. 9ª Ed. 2015. FAUP Publicações. 1ª ed. 1962. 74 p.

VICENTE, Manuel – Arquitetura Falada, O Exercício da Palavra. Ed. 03 2012. Editora Caleidoscópio. 200p. ISBN 978-989-658-157-2

PEREIRA, Paulo – “Lugares de Passagem” in Património Edificado. 2002. Pedras Angulares. Pp. 80-92. Também publicado na revista Património – Estudos, Lisboa, GESPAR, nº2, 1999, pp. 32-39.

WESTON, Richard – 100 ideias que mudaram a arquitetura. 2014. Editora Pure Retail. Trad. de “100 ideas that changed architecture”; 2011. 2 volumes. 112 + 112 p.

**DOCUMENTÁRIOS:**

DALSGAARD, Andreas Møl - A Escala Humana (The Human Scale).  
Documentário. 77 minutos. Novembro de 2012. Dinamarca.

Olga Ramos e Graça Castanheira - A Casa e a Cidade.  
Documentário. 161 minutos. 2010. RTP2. Portugal.

**REVISTAS:**

BARRANHA, Helena / FIGUEIRA, Jorge / GRAÇA DIAS, Manuel -  
Da identidade da arquitetura portuguesa. pág. 9-11. nº22 – 2013.

MICHL, Jan – Form follows WHAT? The modernist notion of function  
as a carte blanche. Magazine of the Faculty of Architecture & Town Planning.  
Pág. 31-20. Nº10 – Inverno 1995.

TEIXEIRA, Nuno - House Details Architecture 5 – House in Quinta  
do Lago. 2021. Técnica Livraria. 2ª Ed.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – Pág. 22 – “De toren van Babel” – Bol, Hans. 15?? . Museum voor Oudheidkunde en Sierkunst.

Figura 2 – Pág.24 - BOL, Hans, The Tower of Babel, 1590. Broel Museum

Figura 3 – Pág. 30 - DALÍ, Salvador, The Persistence of Memory, 1931 | MOMA

Figura 4 – Pág. 36 - PIRANESI, Giovanni, Le Antichità Romane, 1784 | Iowa Museum

Figura 5 – Pág. 38 – Autor Desconhecido, 1950 | AML – SPT000191

Figura 6 – Pág. 40 - GUEDES, Paulo, 1912 | AML – PAG000555

Figura 7 – Pág. 41 - Pormenor do painel de azulejos, séc. XVII | Museu do Azulejo

Figura 8 – Pág. 41 - CALMET DE BEAUVOISIN, Marie Antoine, 1821 | T. U. Darmstadt

Figura 9 – Pág. 42 – CALMET DE BEAUVOISIN, Marie Antoine, 1821 | T. U. Darmstadt

Figura 10 – Pág. 42 - BELLIN, Jacques-Nicolas. 1756 | Bibliothèque nationale de France

Figura 11 – Pág. 42 - SEQUEIRA, Gustavo de Matos, 1959 | Museu da Cidade

Figura 12 – Pág. 46 - PORTUGAL, Eduardo, 1939 | AML – POR056943

Figura 13 – Pág. 46 - SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000638

Figura 14 – Pág. 46 - OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MAO000023

Figura 15 – Pág. 47 - FERNANDES, Augusto de Jesus, 1961 | AML – AJF000273

Figura 16 – Pág. 47 - F FERNANDES, Augusto de Jesus, 1961 | AML – AJF000285

Figura 18 – Pág. 47 - SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000638

Figura 19 – Pág. 47 - SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000638

Figura 20 – Pág. 48 - SILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000561

Figura 21 – Pág. 48 - ILVEIRA, Nuno Barros Roque da, 1971 | AML – NBS000562

Figura 22 – Pág. 48 - OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MAO000014

Figura 23 – Pág. 49 - NUNES, Abreu, 1919 | AML – ABR00006

Figura 24 – Pág. 50/51 - Obra 6395 | Proc. 3038-DAG-PG-1895 - Folha 2 | AML

Figura 25 – Pág. 52 - Obra 6395 | Proc. 55020-DAG-PG-1966 - Folha 6 | AML

Figura 26 – Pág. 48 - Obra 6395 | Proc 3038-DAG-PG-1895 - Folha 3 | AML

Figura 27 – Pág. 54 - Obra 6395 | Proc. 672-DMPGU-OB-1985 - Folha 10/11 | AML

Figura 28 – Pág. 54 - Obra 6395 | Proc. 672-DMPGU-OB-1985 - Folha 10/11 | AML

Figura 29 – Pág. 55 - OLIVEIRA, Mário de, 195- | AML – MA000421

Figura 30 – Pág. 56 - Do autor, Julho 2021

Figura 31 – Pág. 56 - Do autor, Outubro 2021

Figura 32 – Pág. 56 - Do autor, Outubro 2021

Figura 33 – Pág. 57 - Do autor, Outubro 2021

Figura 34 – Pág. 57 - Do autor, Outubro 2021

Figura 35 – Pág. 57 - Do autor, Outubro 2021

Figura 36 – Pág. 58 - Do autor, Outubro 2021

Figura 37 – Pág. 58 - Do autor, Outubro 2021

Figura 38 – Pág. 58 - Do autor, Outubro 2021

Figura 39 – Pág. 59 - Do autor, Outubro 2021

Figura 40 – Pág. 60 - Imagem retirada do Google Earth, 2021

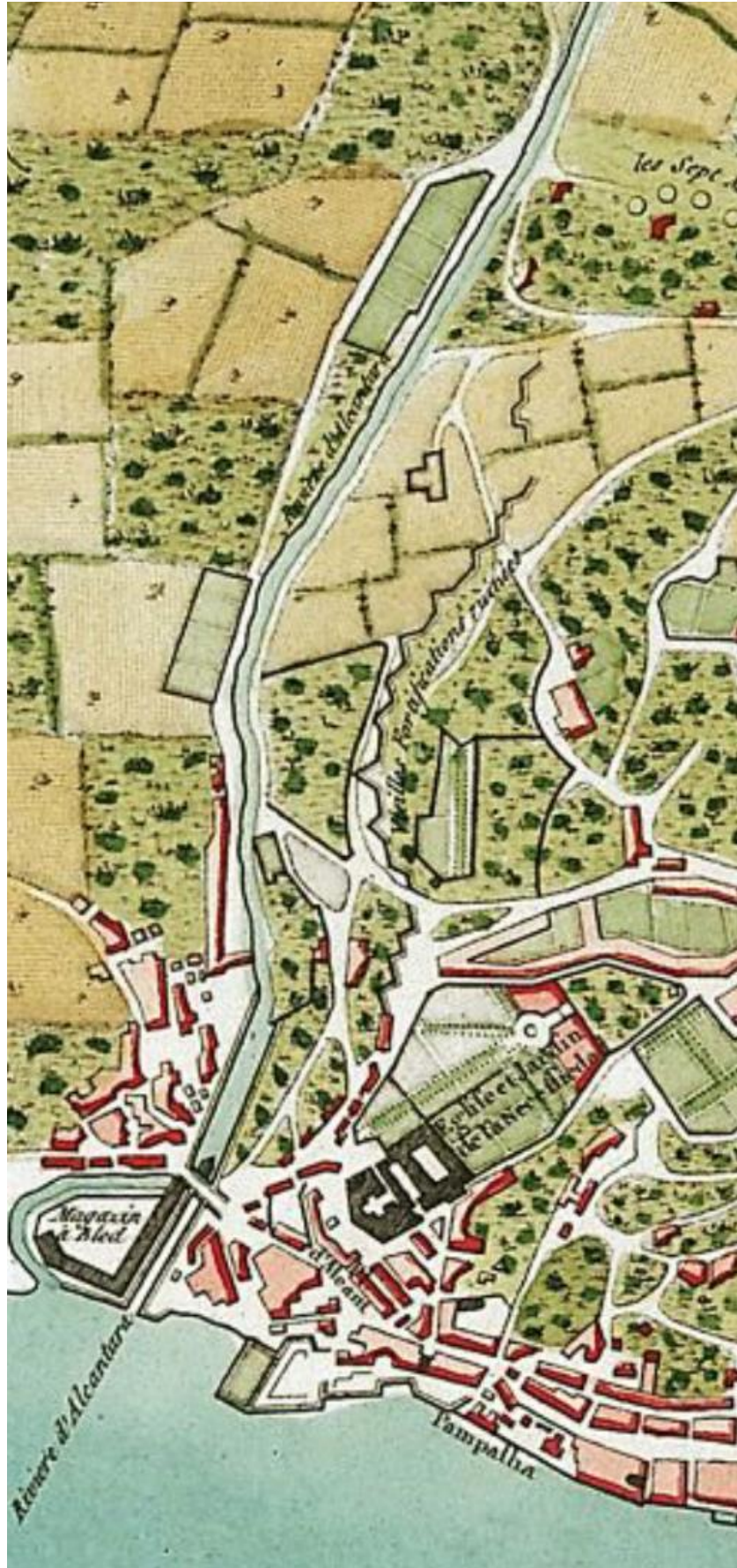
**ANEXOS**



**CARTOGRAFIA HISTÓRICA**



Autor desconhecido, 1780



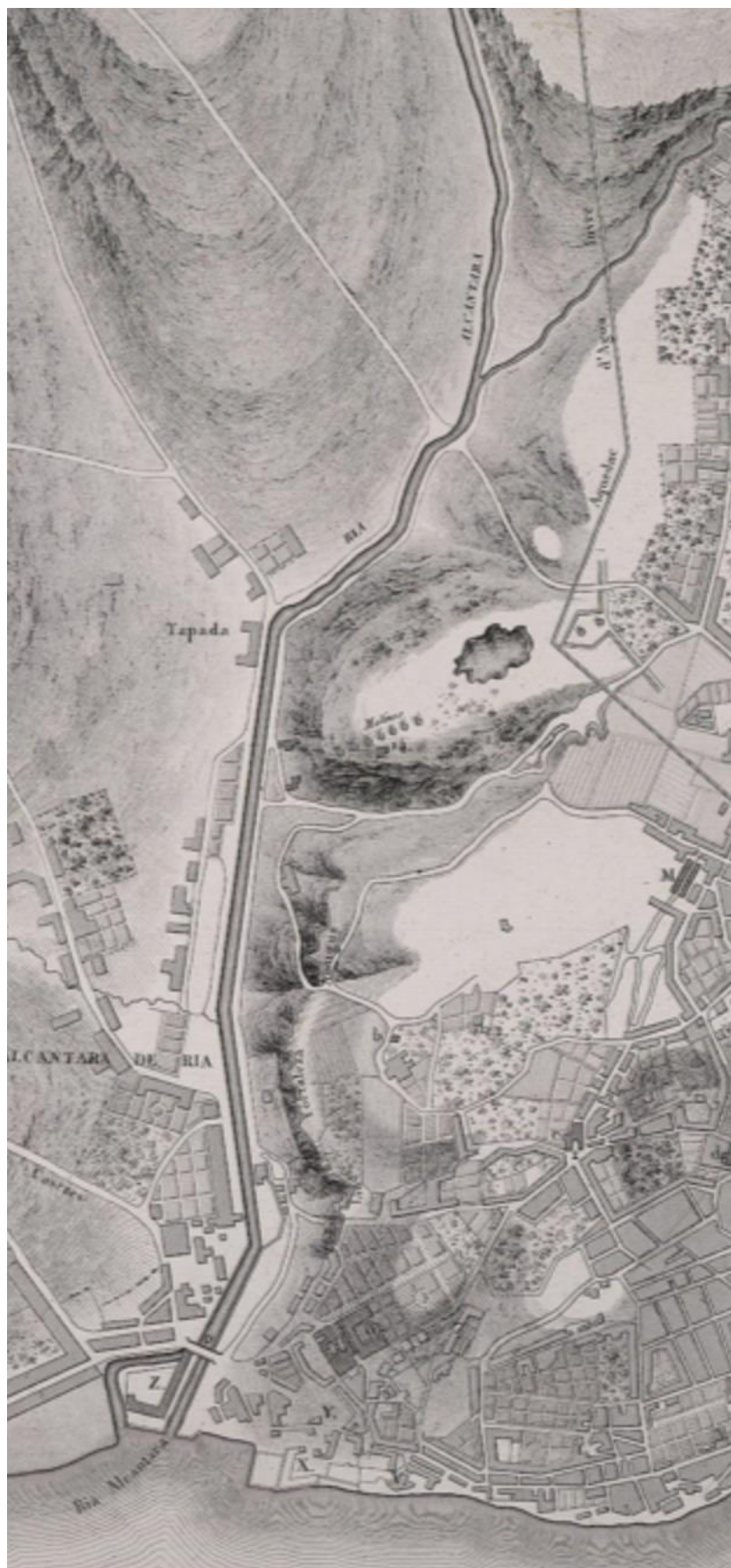
Tardieu Mentelle, 1782



Duarte Fava, 1807



Duque Wellington, 1812



Calmet de Beauvoisin, 1821



Autor desconhecido, 1844



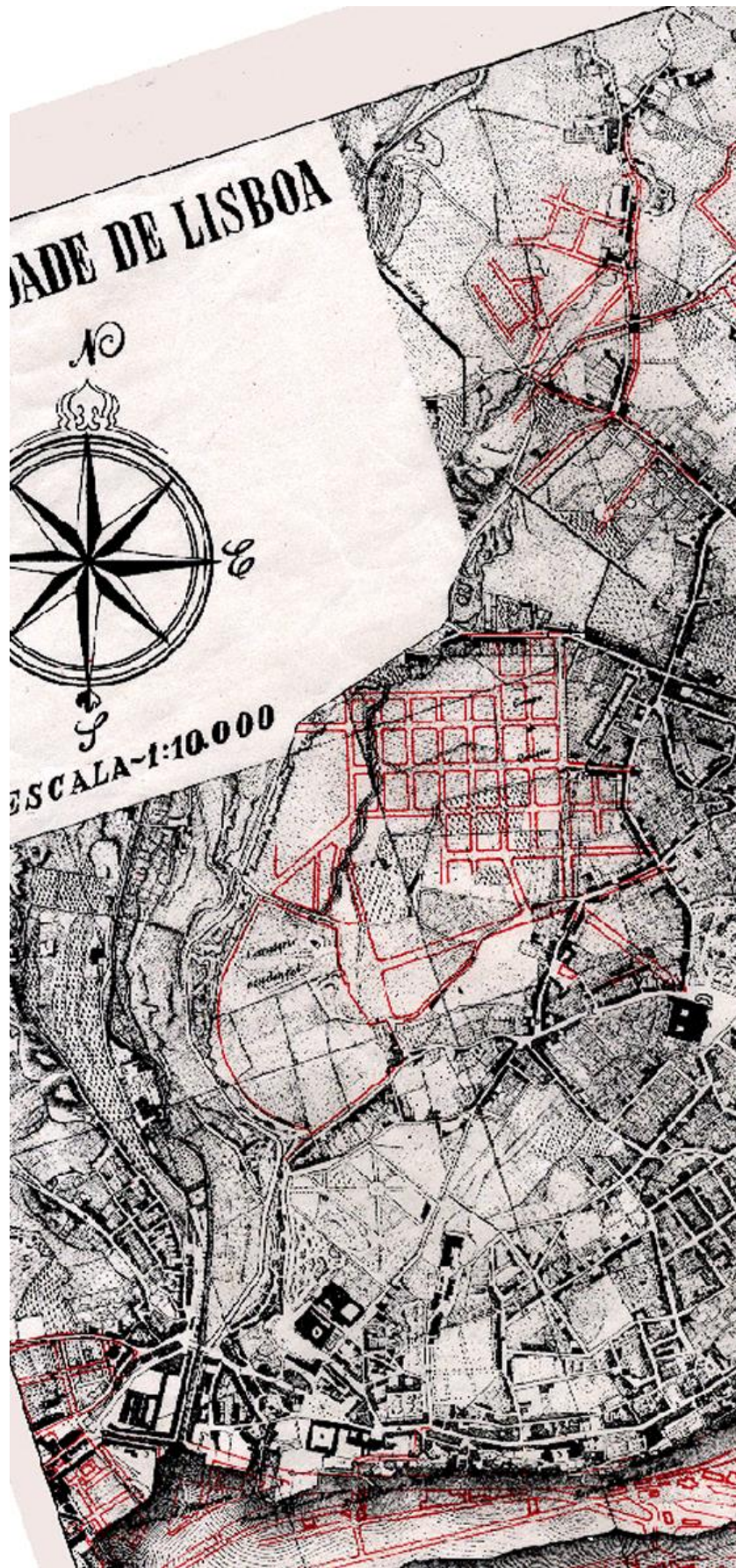
Frederico Perry Vidal, 1844



Filipe Folque, 1856-1858



Filipe Folque, 1856-1858



CML, 1871



CML, 1871





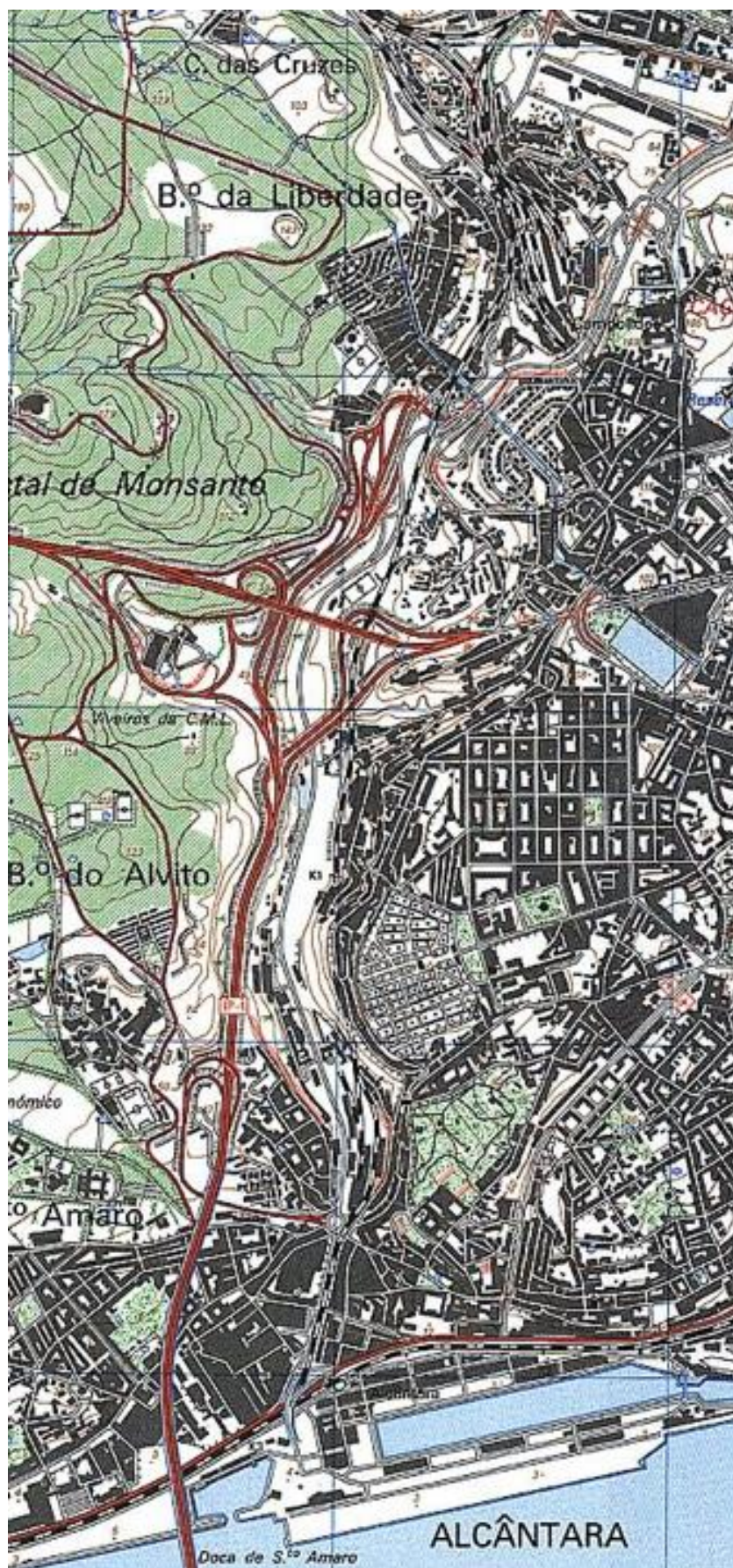
Autor Desconhecido, 1899-1948



Silva Pinto, 1911



Carta Militar, 1928



Carta Militar, 1993



Ortofotomapa, 2000-2001



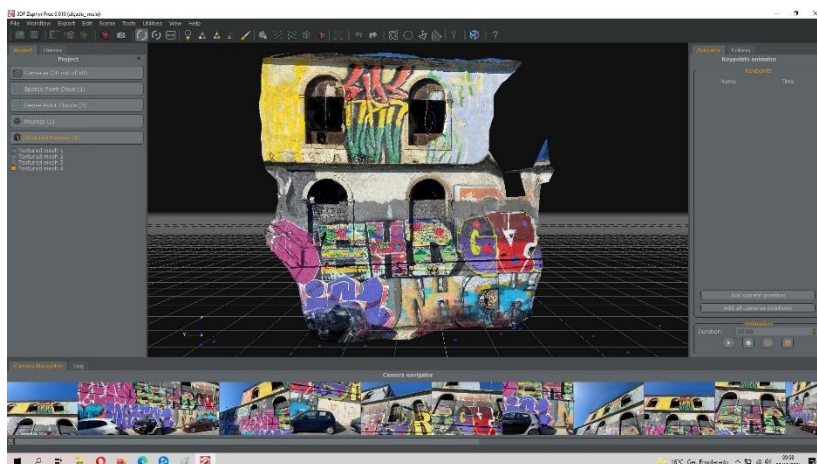
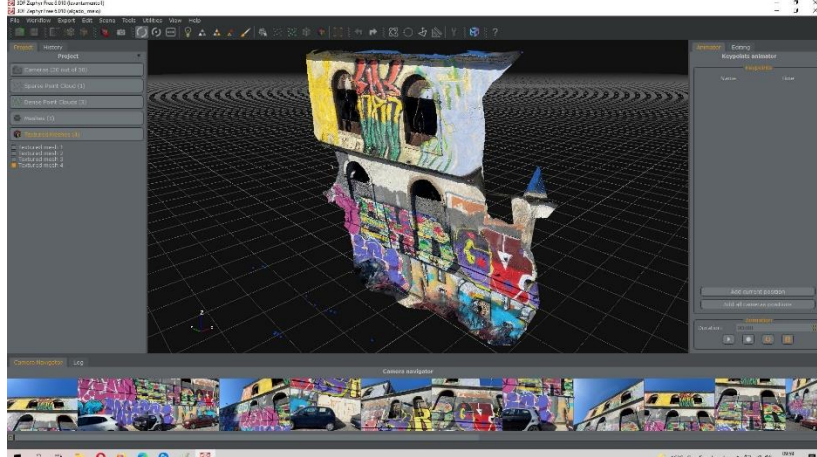
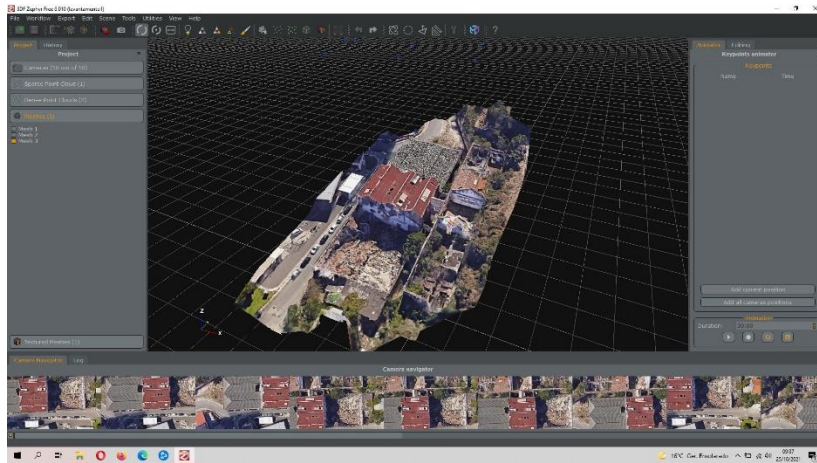
Carta Militar, 2009



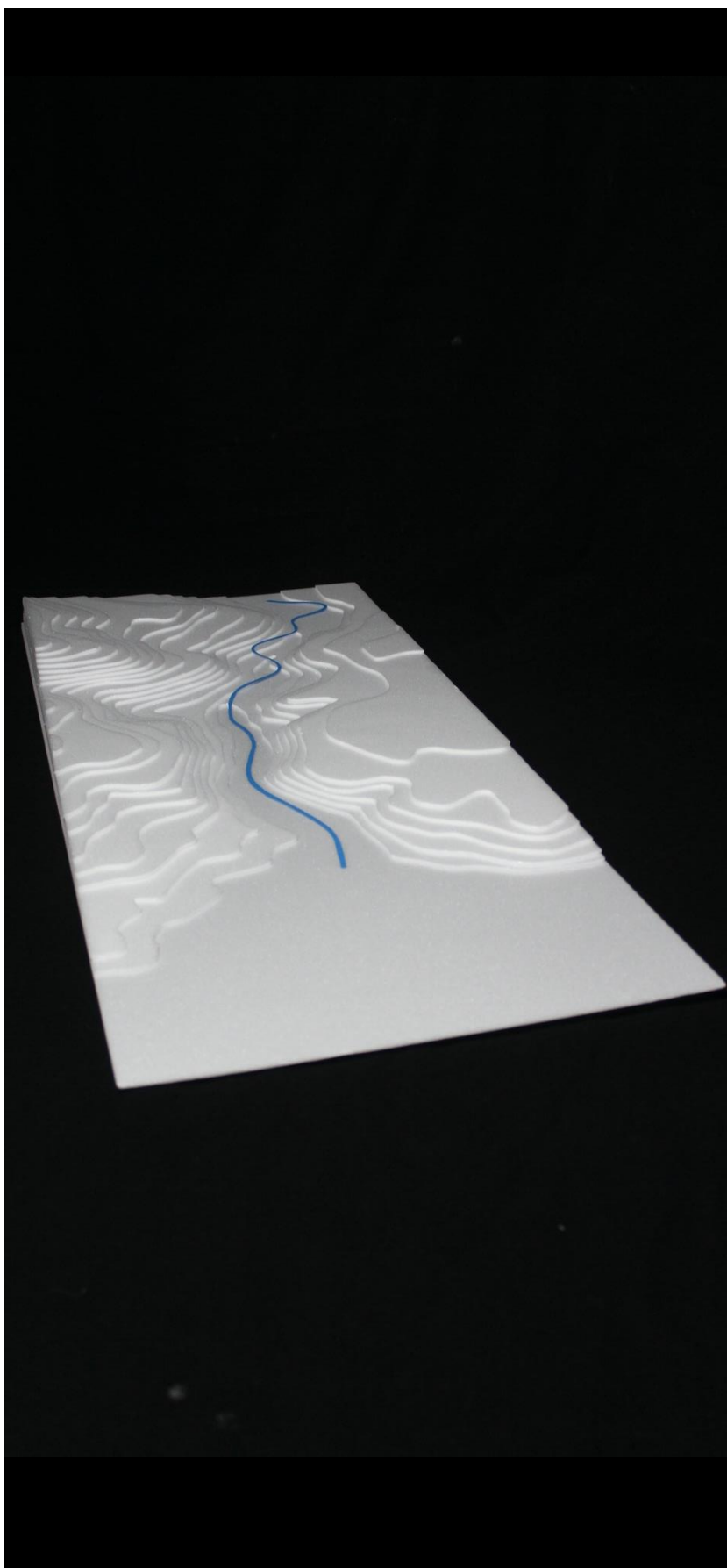
Google Earth, 2021

**PROCESSO CRIATIVO**

## DECADÊNCIA E IDENTIDADE, Projeto de um edifício flexível no Vale de Alcântara

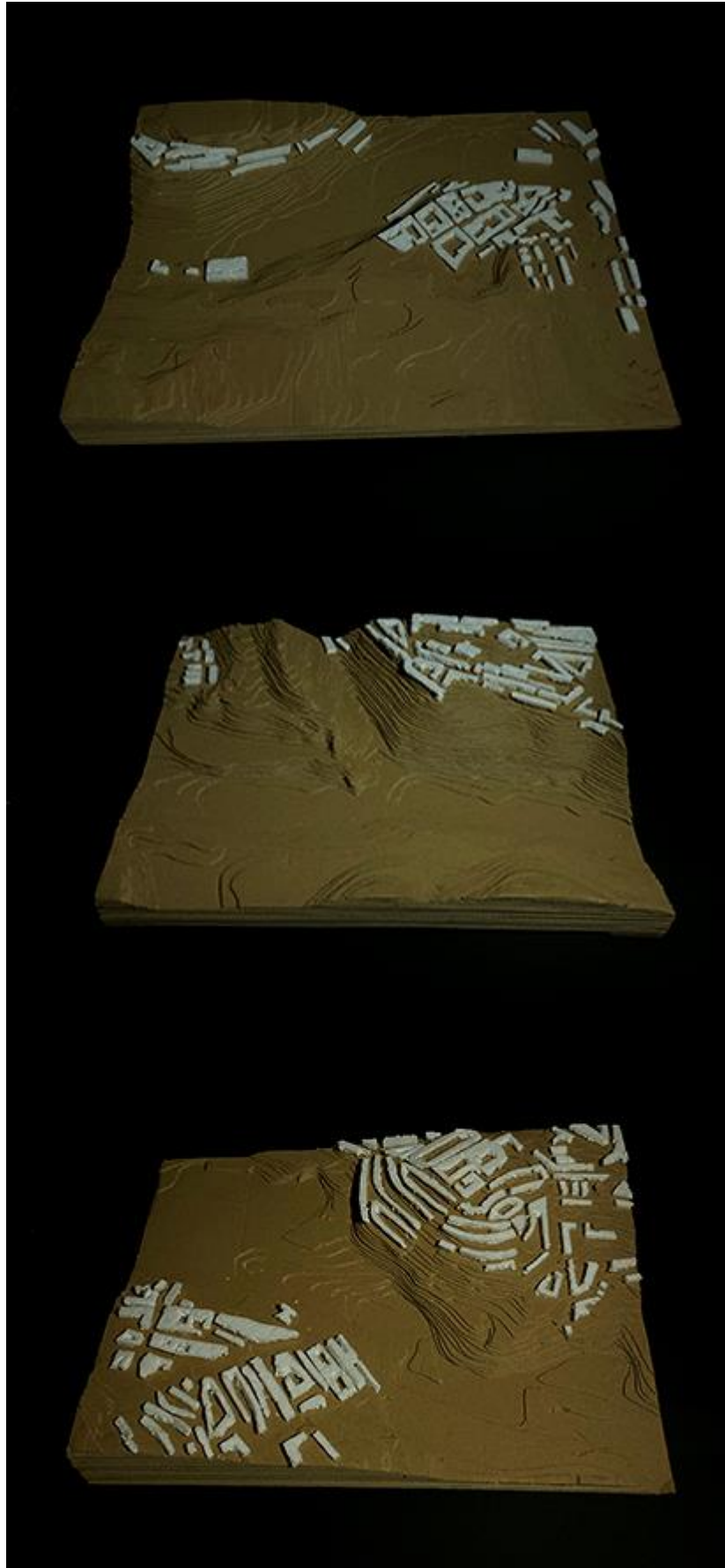


Reconstrução das fachadas usando o programa 3D Zephyr



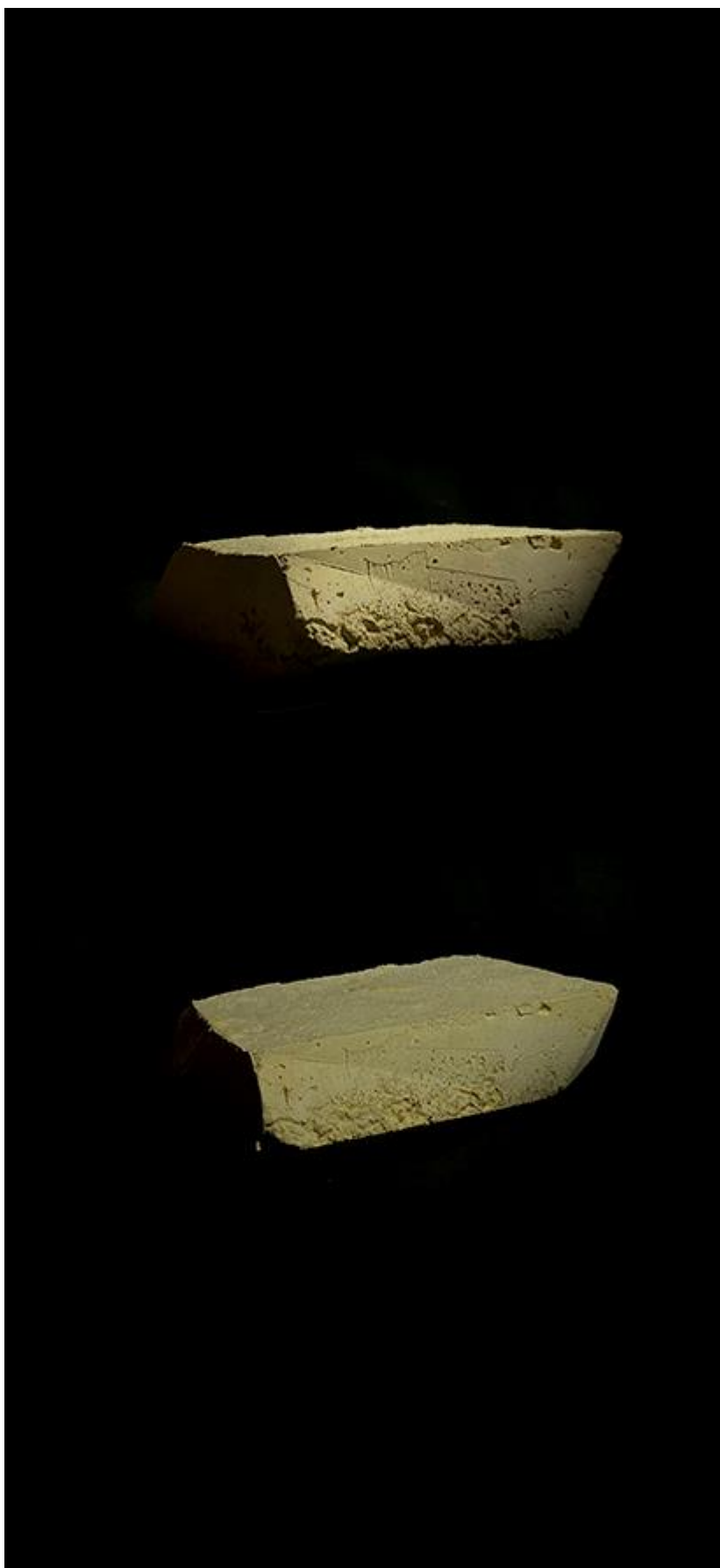










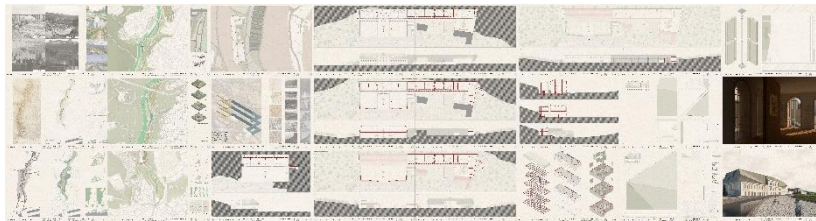




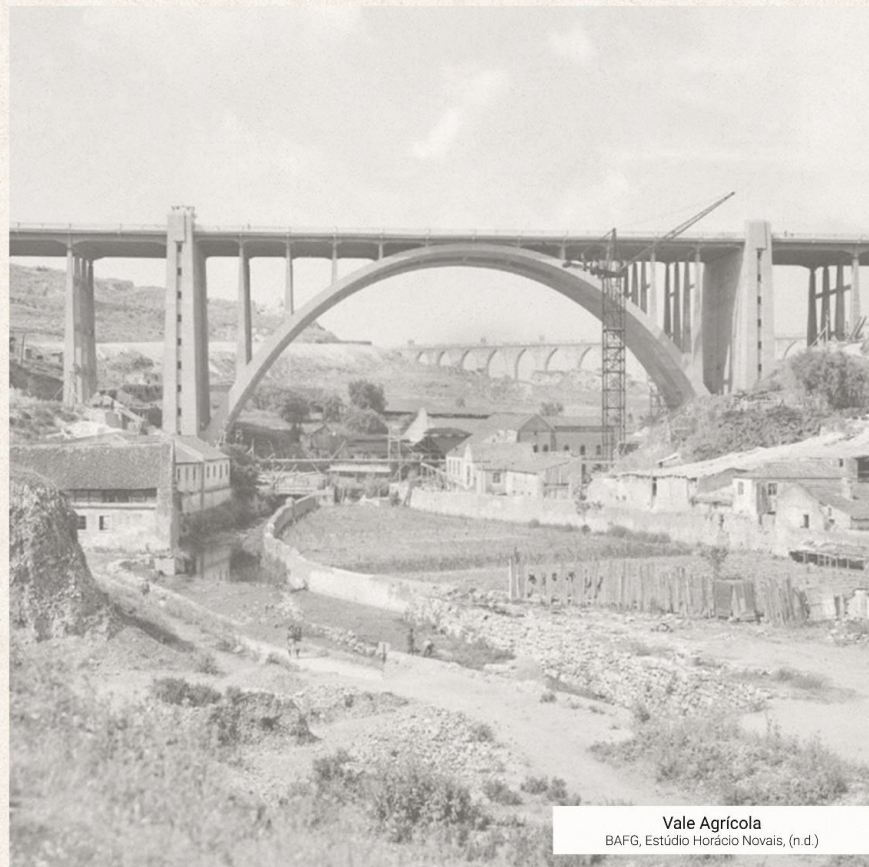








**Painéis**



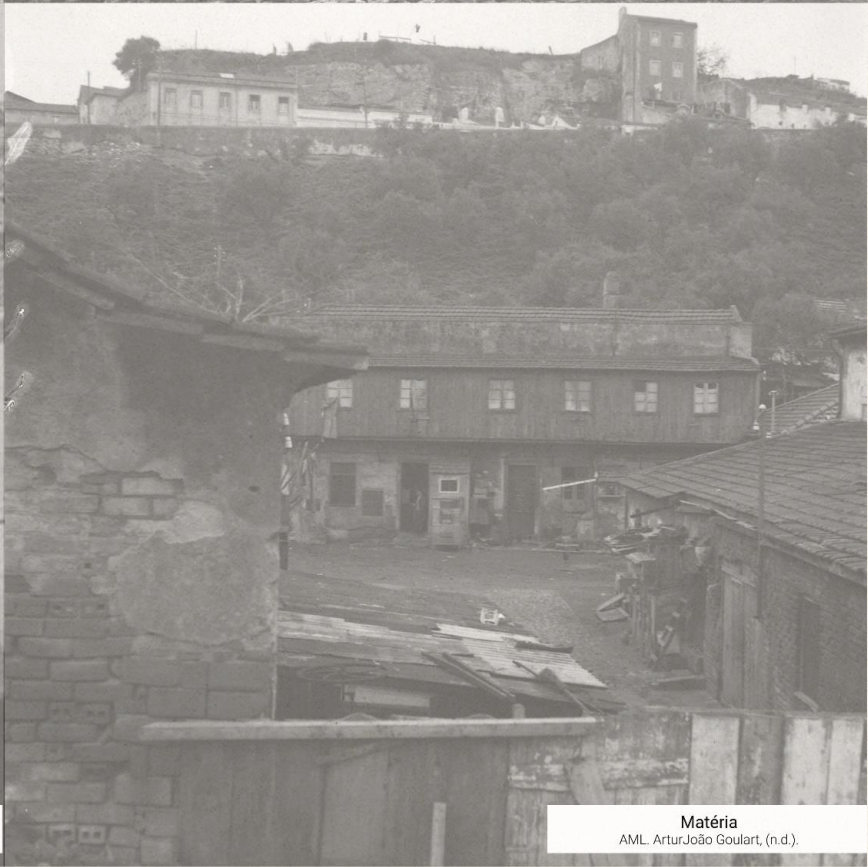
**Vale Agrícola**  
BAFG, Estúdio Horácio Novais, (n.d.)



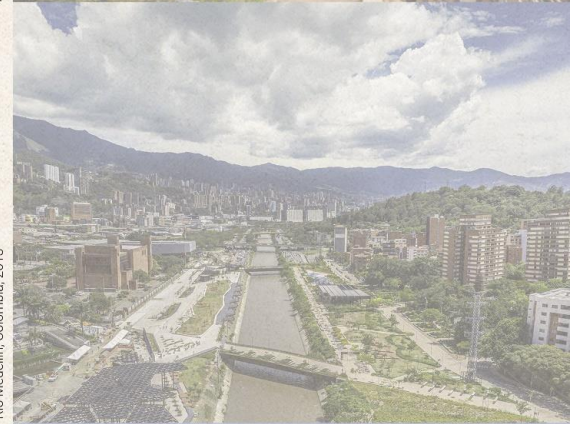
**Ribeira de Alcântara**  
AML Paulo Guedes, (1912).



**Vivências**  
AML Eduardo Portugal, (n.d.)



**Matéria**  
AML ArturJoão Goulart, (n.d.)



Os caminhos da água. Projeto Praça de Espanha, Lisboa, 2017

Reabilitação Urbana de Cheonggyecheon, Seul, 2015

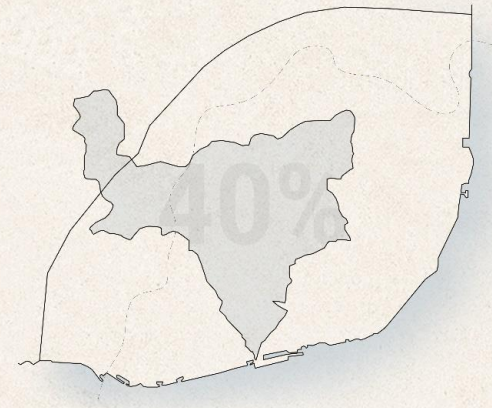
Rio Medellín, Colombia, 2013

Los Angeles River Revitalization, 2007



Cartografia Histórica | Silva Pinto, 1911

- Zona de ligação Floresta/Cidade/Vale
- Pomares
- Zona Agrícola
- Hortas Urbanas



Bacia Hidrográfica de Alcântara



Linhas de água de Lisboa, com base em cartografias e gravuras do séc. XVI.



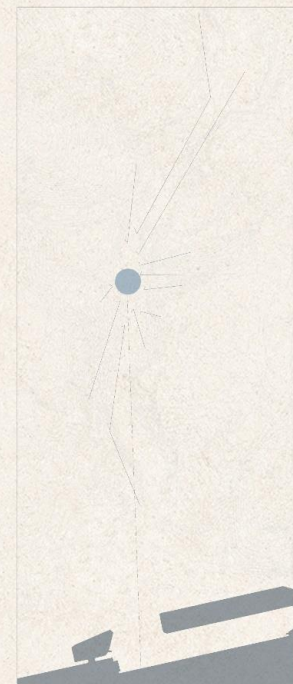
Linhas de água de Lisboa, com base em cartografias e gravuras do 1911.



Sistema atual de drenagem unitário e tratamento de águas de Lisboa, pluralizado em 3 linhas.



Sistema atual de drenagem e tratamento de águas sustentável através de uma rede polidétrica local de baixo impacto.



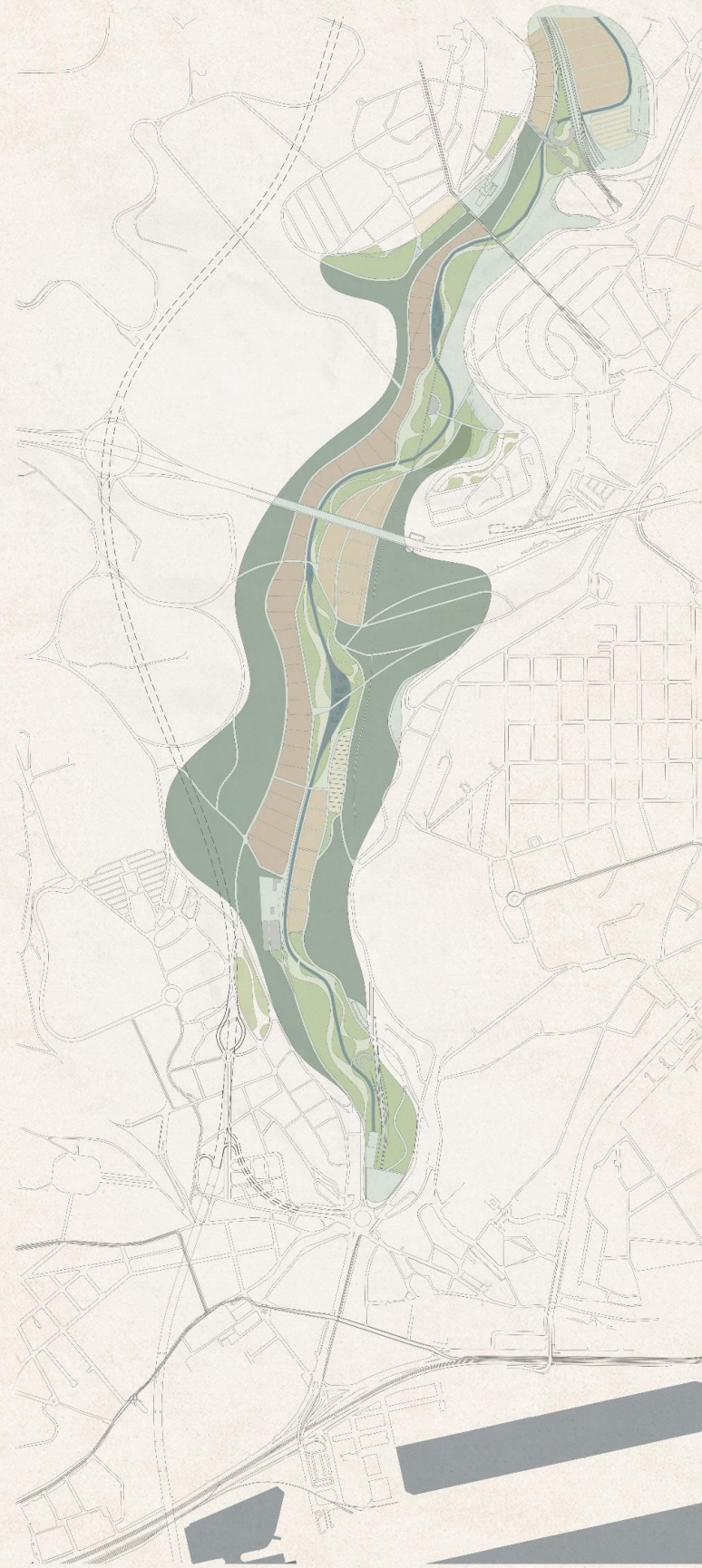
Tratamento de águas atual do Vale.



Tratamento de águas proposto para o Vale.



Rede viária existente.



Rede viária e área verde proposta.



Corredores Estruturantes da cidade de Lisboa.



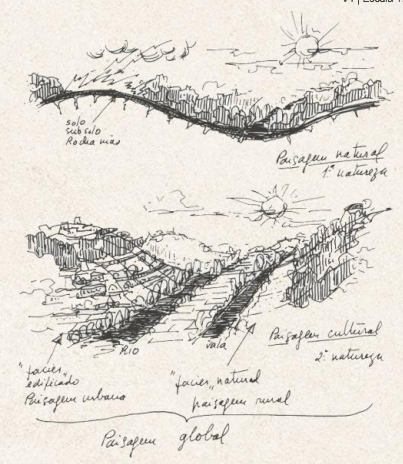
O vale de Alcântara no anel verde de Lisboa.



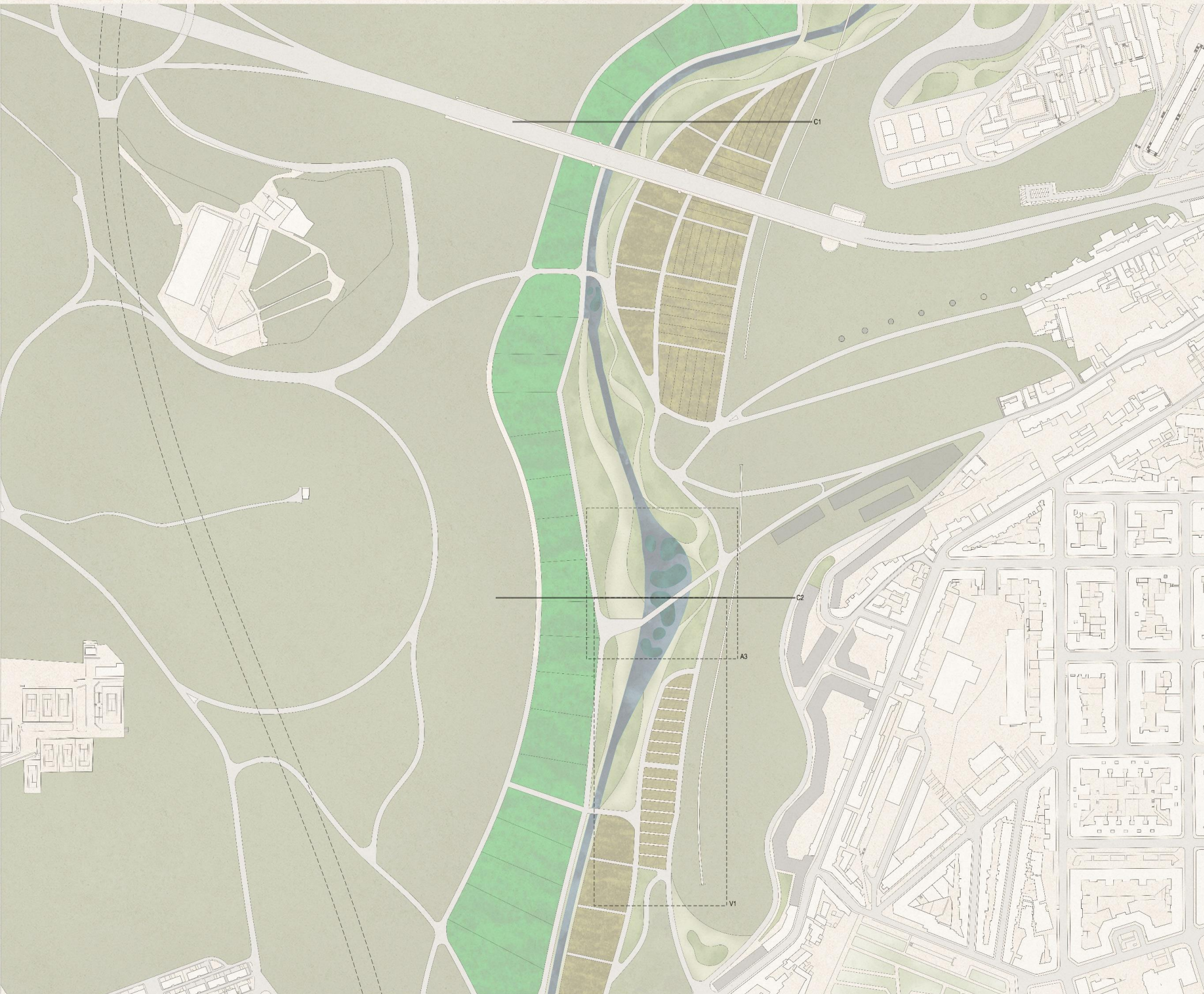
Espaços verdes existentes no vale, consequentes do sistema de tratamento de água em E.T.A.P.'s. Espaços verdes propostos para o vale com o restabelecimento do sistema hídrico natural e desenvolvimento agrícola nas margens.



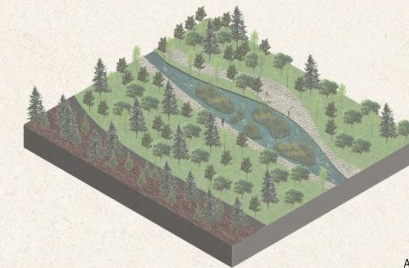
V1 | Escala 1:1000.



Desenho Gonçalo Ribeiro Telles.



A1



A2

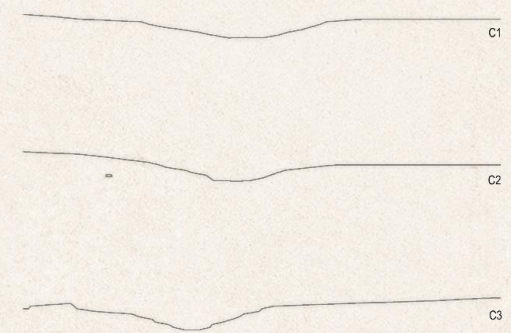


A3

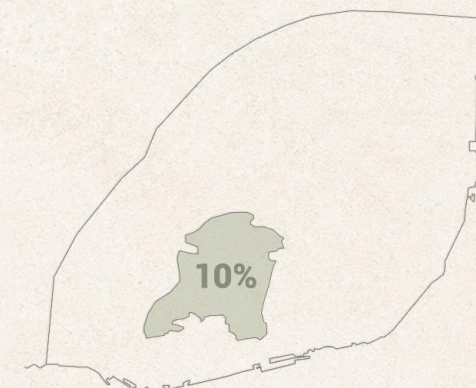
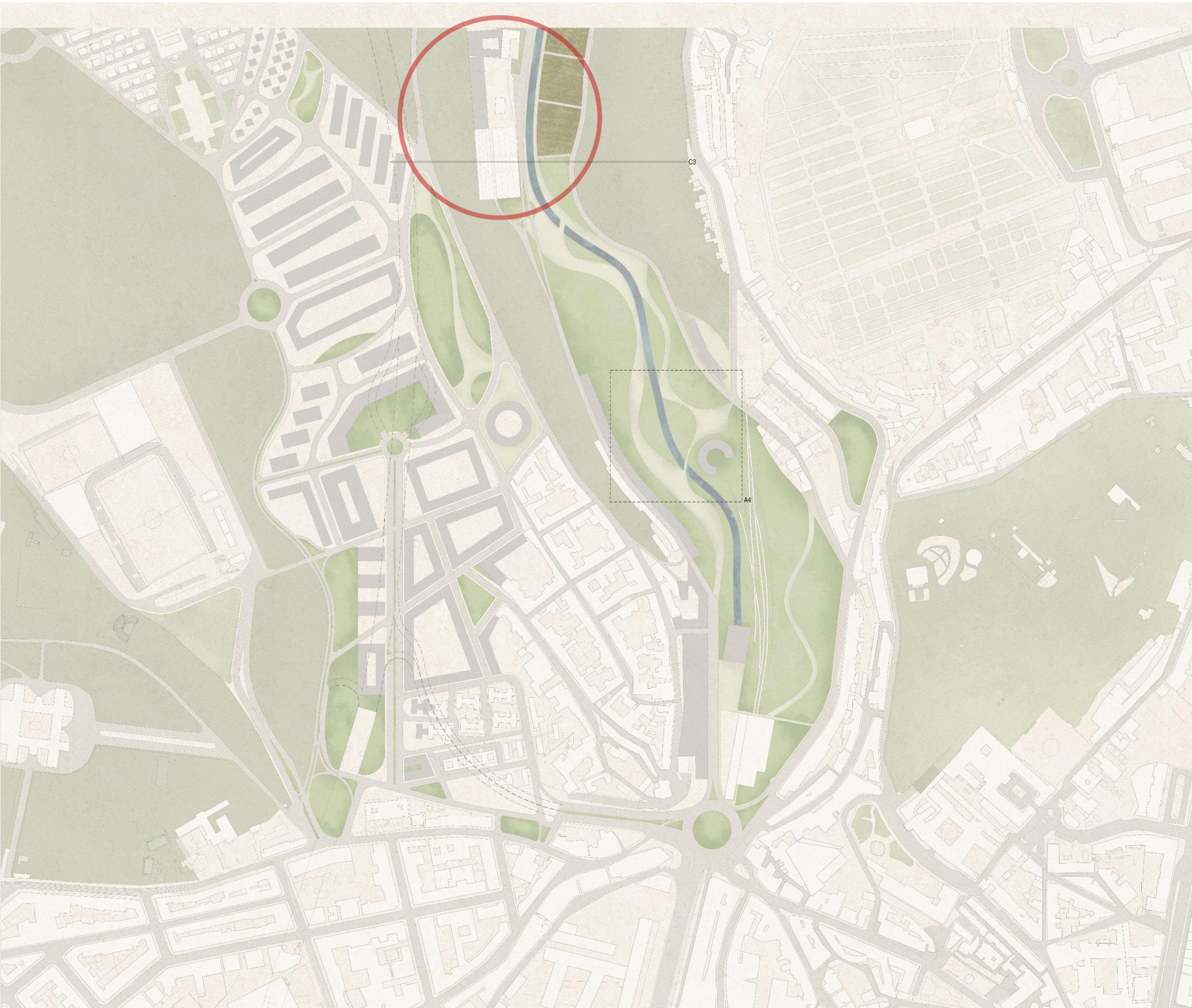


A4

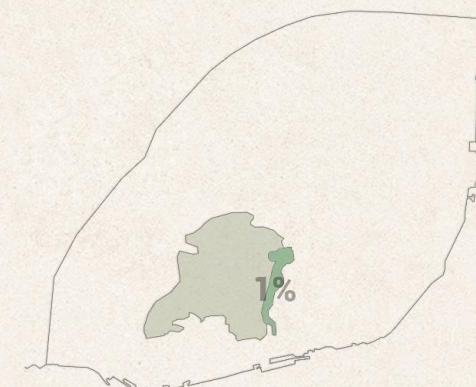
Axonometrias de várias zonas do vale com ligação à Ribeira.



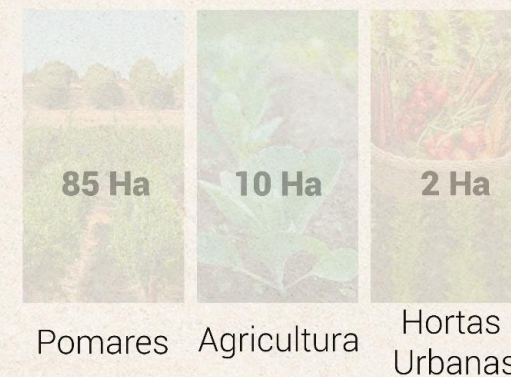
Cortes do Vale com percepção do declive.



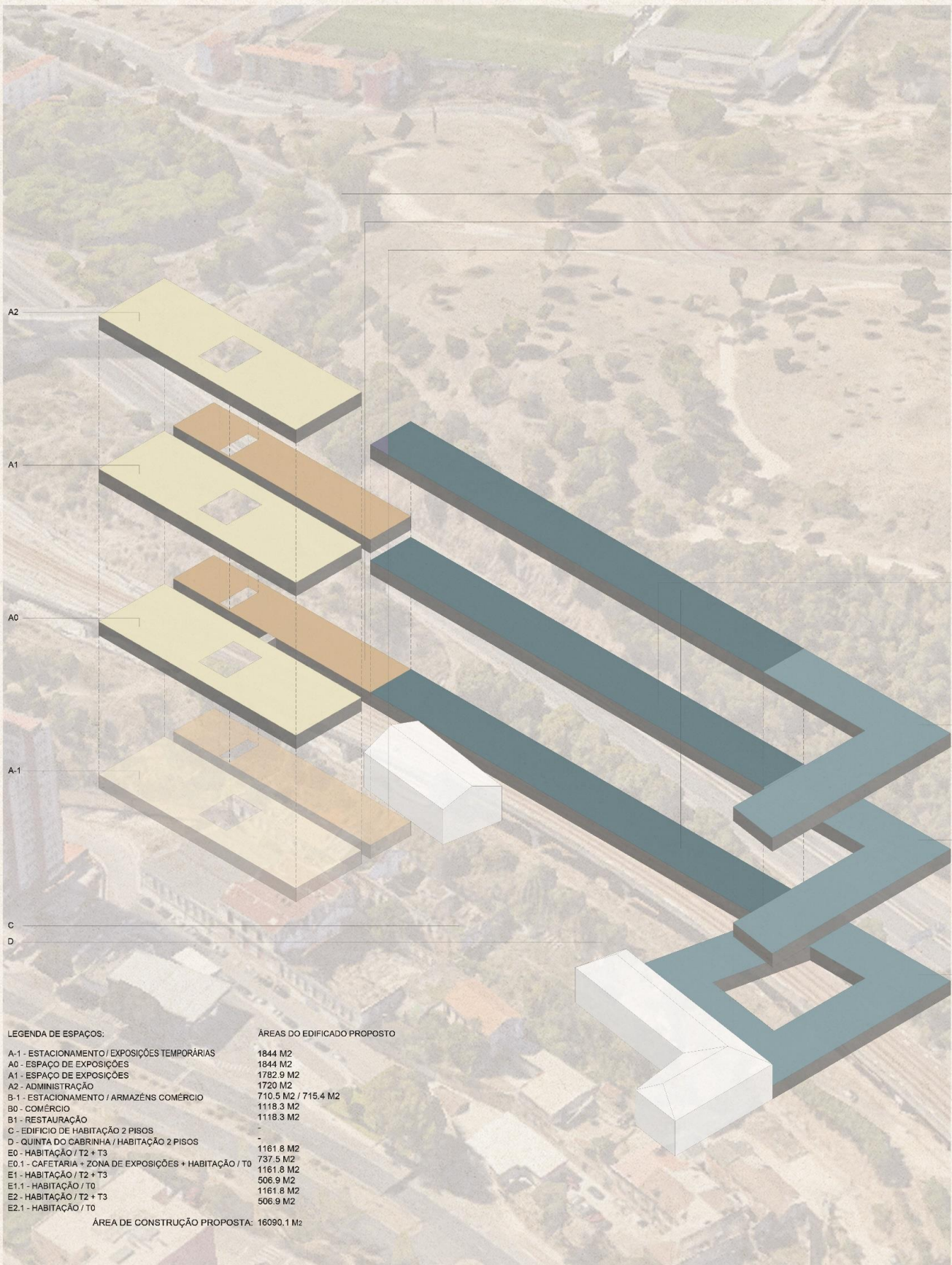
Parque Florestal de Monsanto em comparação com a cidade de Lisboa



Vale de Alcântara em comparação com Monsanto e Lisboa







LEGENDA DE ESPAÇOS:	ÁREAS DO EDIFICADO PROPOSTO
A-1 - ESTACIONAMENTO / EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS	1844 M2
A0 - ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES	1844 M2
A1 - ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES	1782,9 M2
A2 - ADMINISTRAÇÃO	1720 M2
B-1 - ESTACIONAMENTO / ARMAZÉNS COMÉRCIO	710,5 M2 / 715,4 M2
B0 - COMÉRCIO	1118,3 M2
B1 - RESTAURAÇÃO	1118,3 M2
C - EDIFÍCIO DE HABITAÇÃO 2 PISOS	-
D - QUINTA DO CABRINHÁ / HABITAÇÃO 2 PISOS	-
E0 - HABITAÇÃO / T2 + T3	1161,8 M2
E0.1 - CAFETARIA + ZONA DE EXPOSIÇÕES + HABITAÇÃO / T0	737,5 M2
E1 - HABITAÇÃO / T2 + T3	1161,8 M2
E1.1 - HABITAÇÃO / T0	506,9 M2
E2 - HABITAÇÃO / T2 + T3	1161,8 M2
E2.1 - HABITAÇÃO / T0	506,9 M2

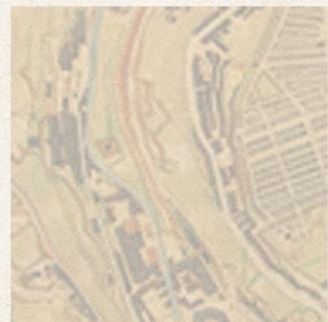
ÁREA DE CONSTRUÇÃO PROPOSTA: 16090,1 M2



1858



1871



1911



2001



2021

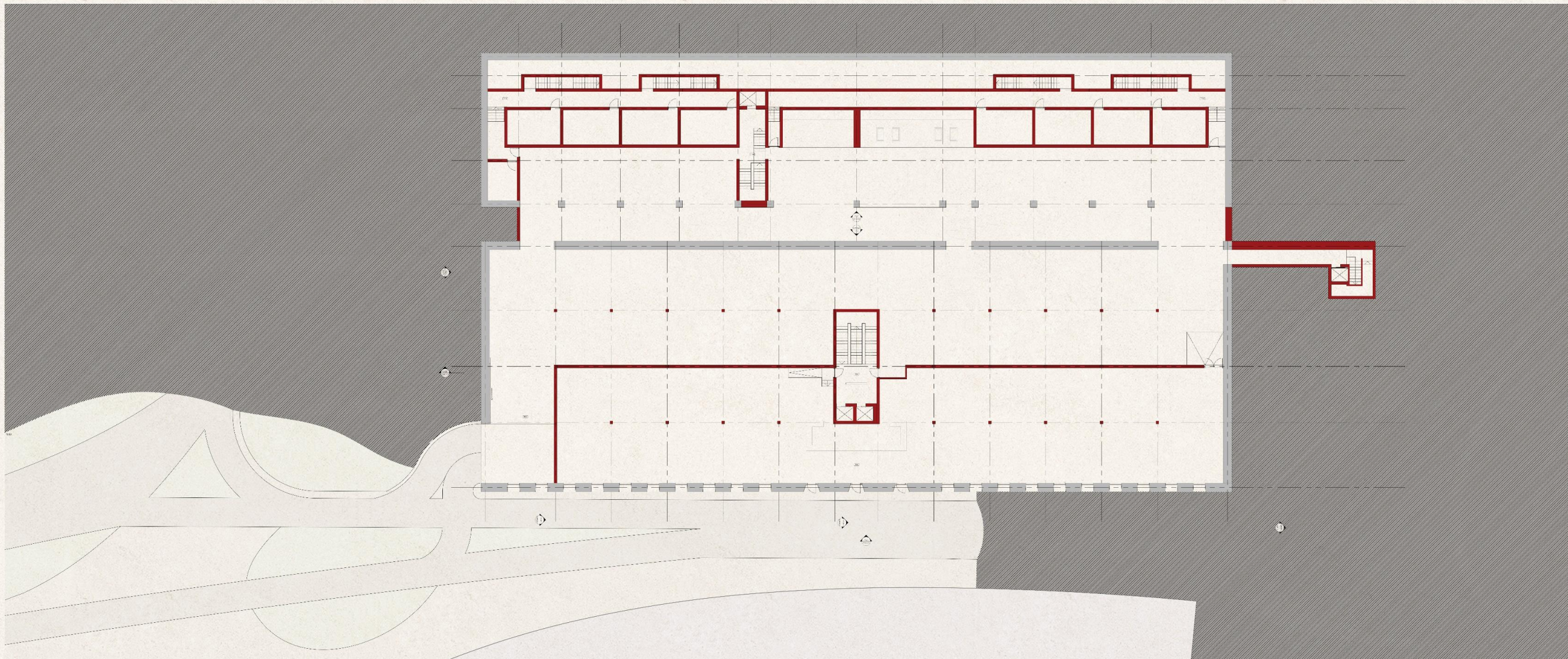
Evolução urbana.



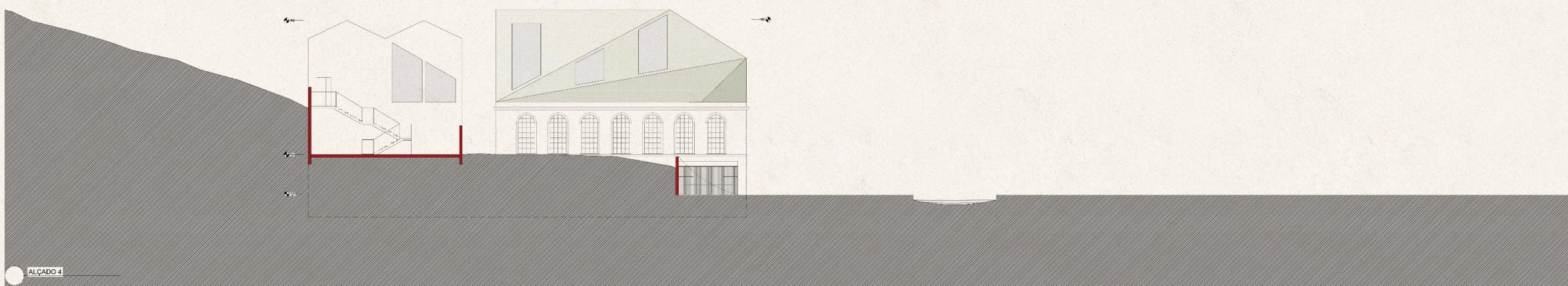
Fotografias históricas do edifício.



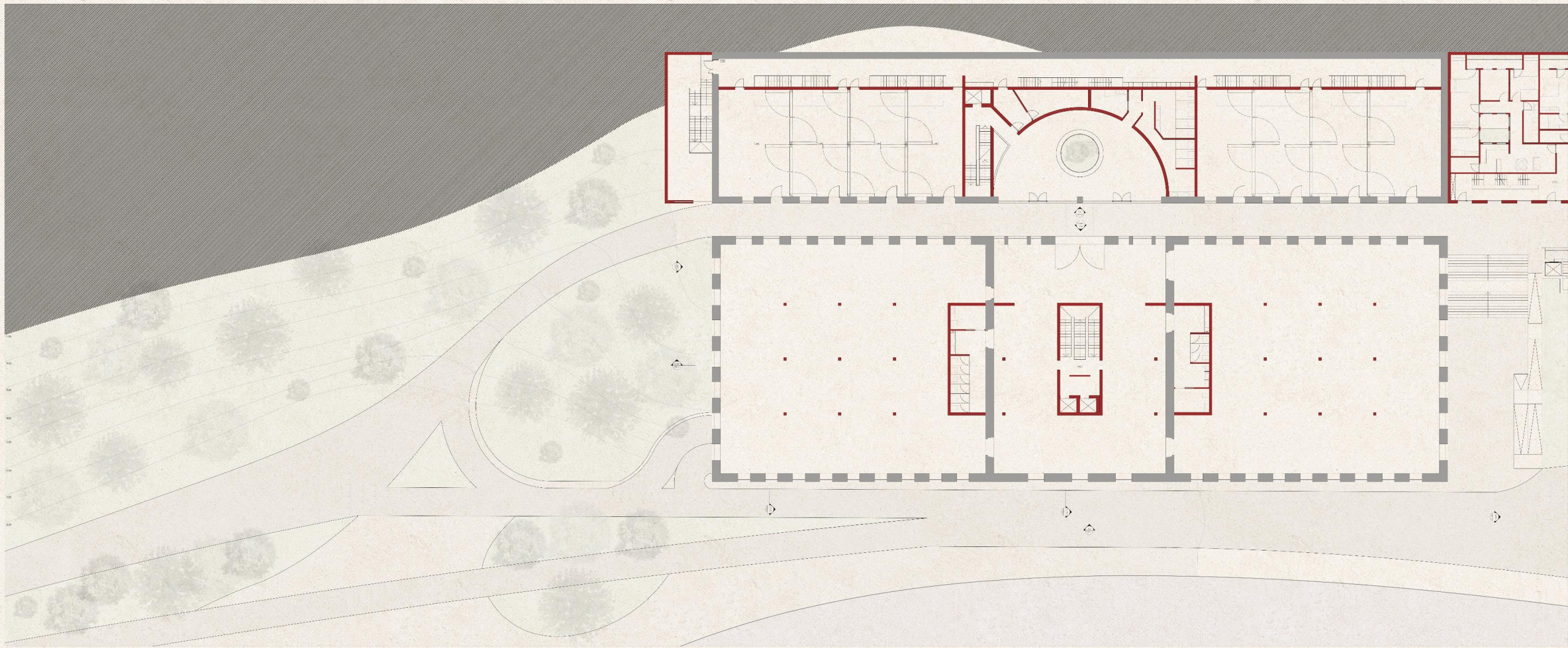
Fotografias do edifício atualmente.



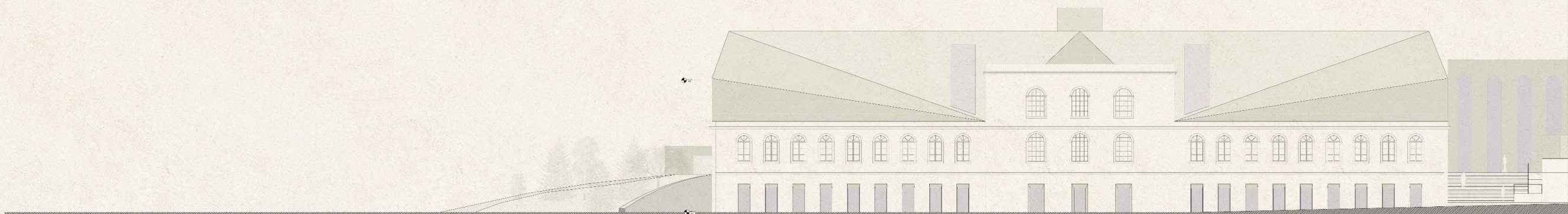
PLANTA PISO -1  
10.5



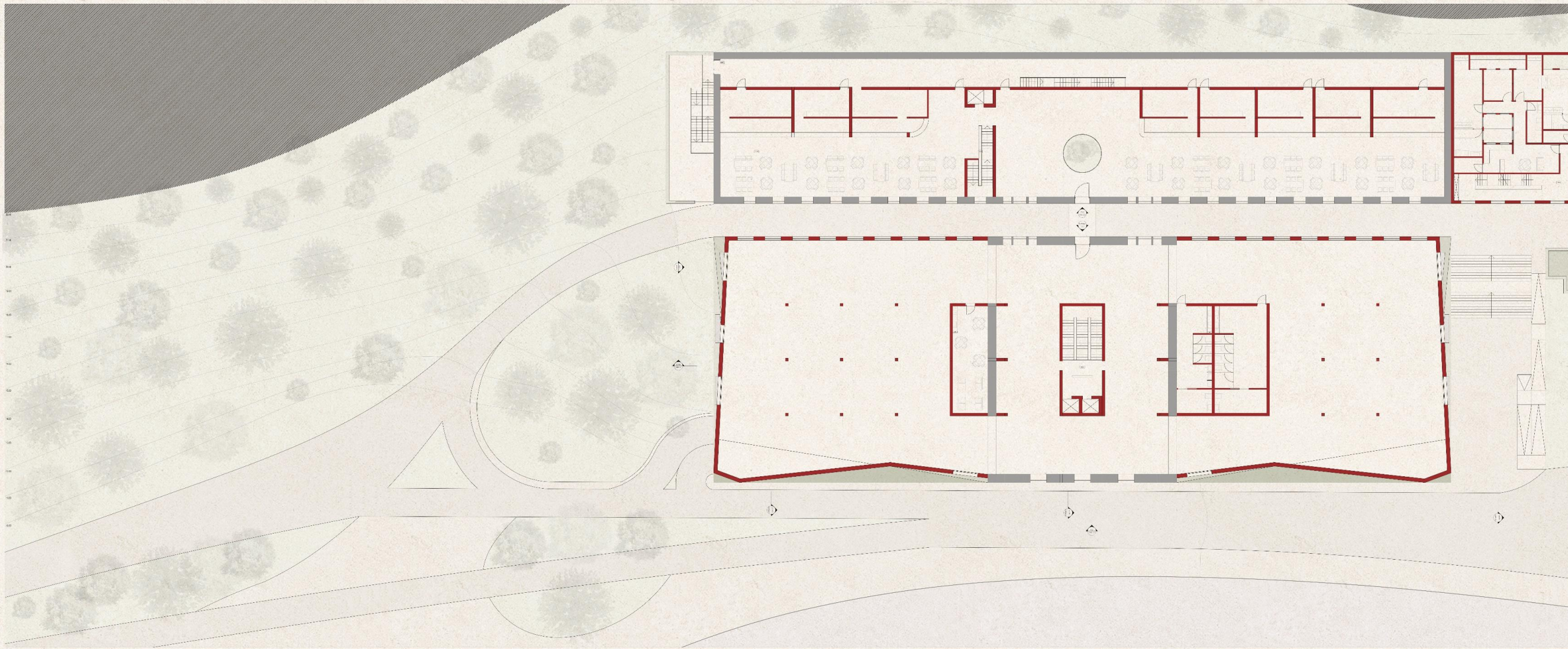
ALÇADO 4



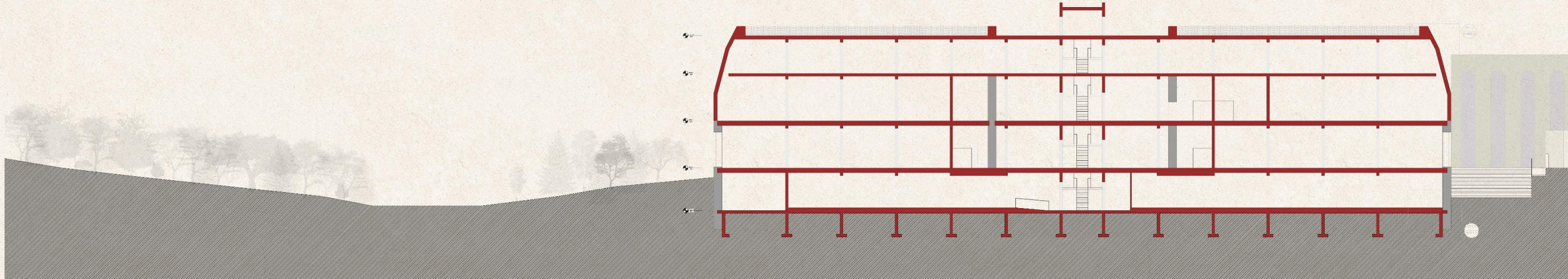
PLANTA PISO 0  
15.0



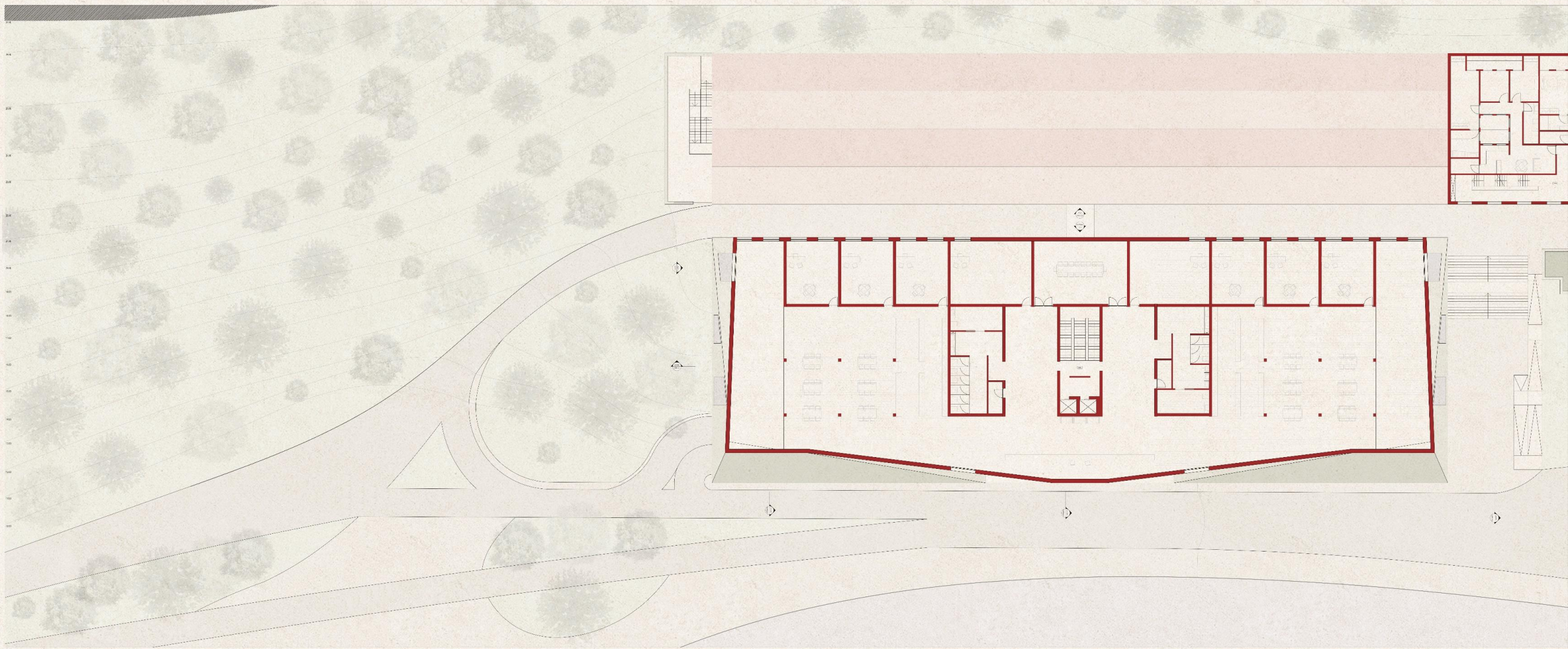
ALÇADO 1



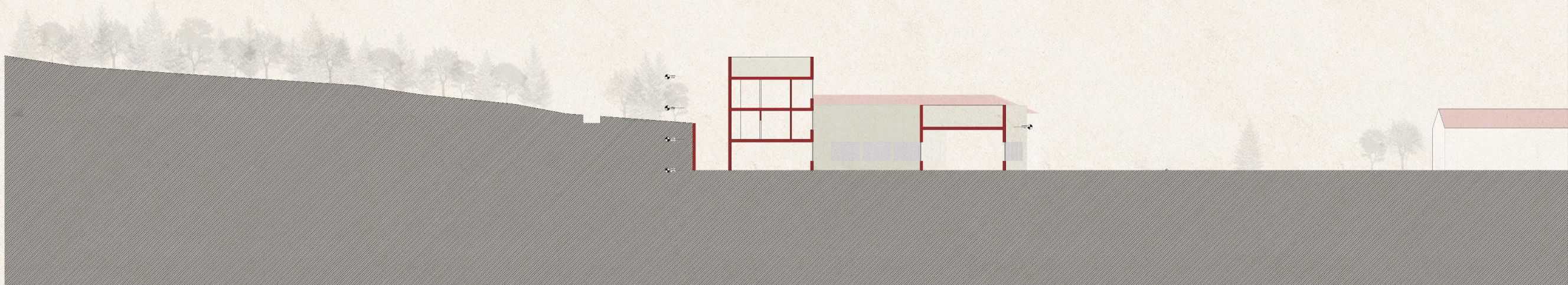
PLANTA PISO 1  
20.0



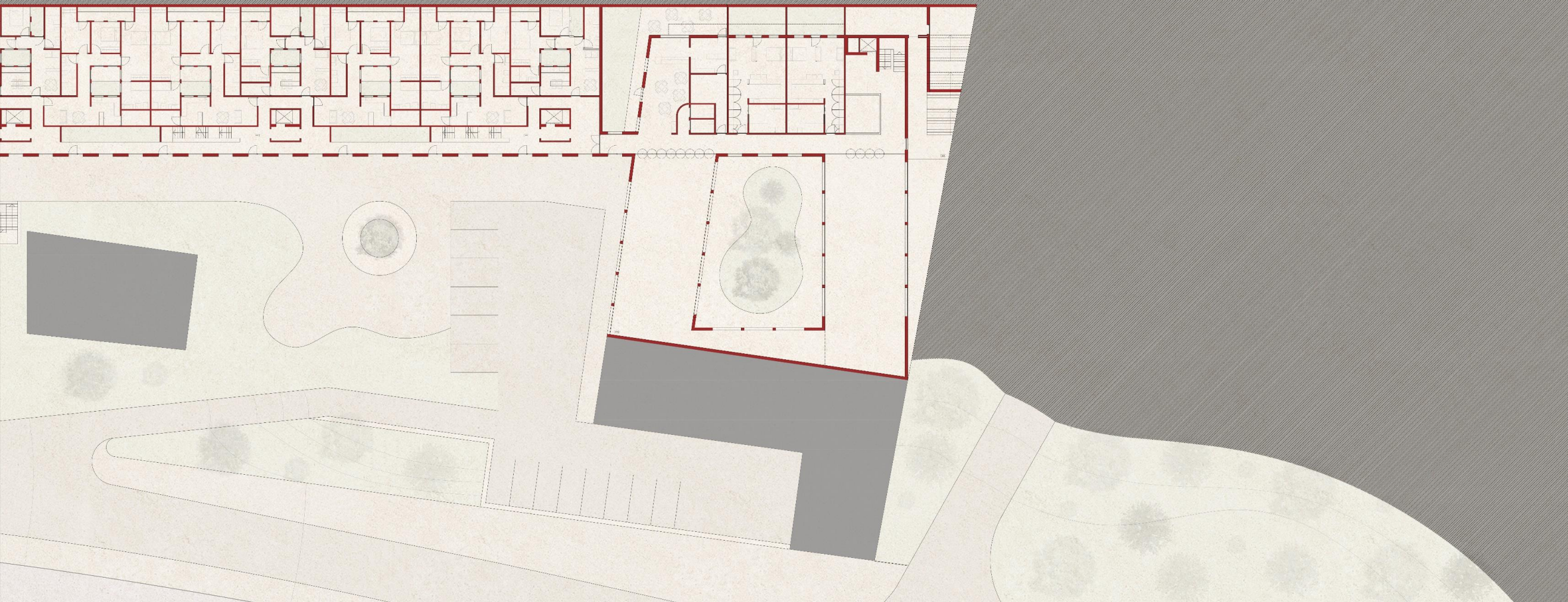
CORTE 1



PLANTA PISO 2  
25.0



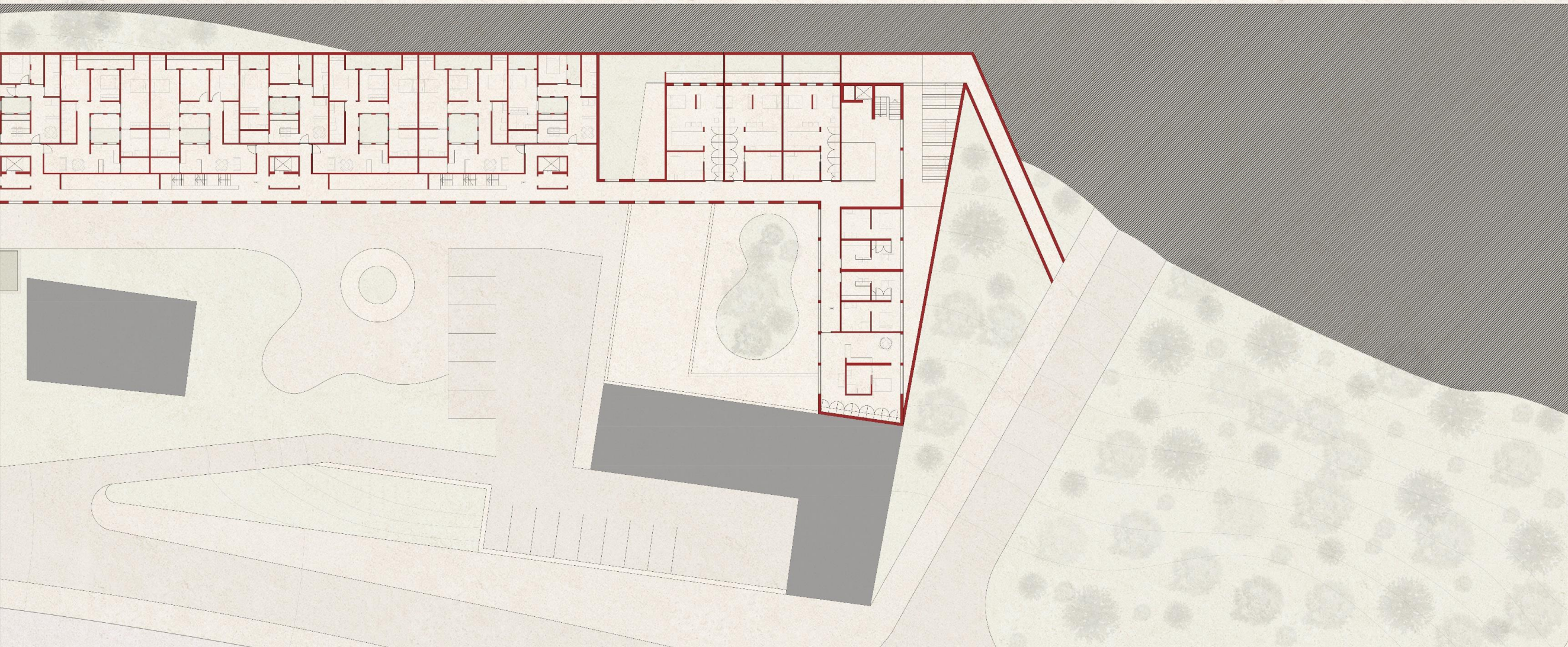
ALÇADO 2



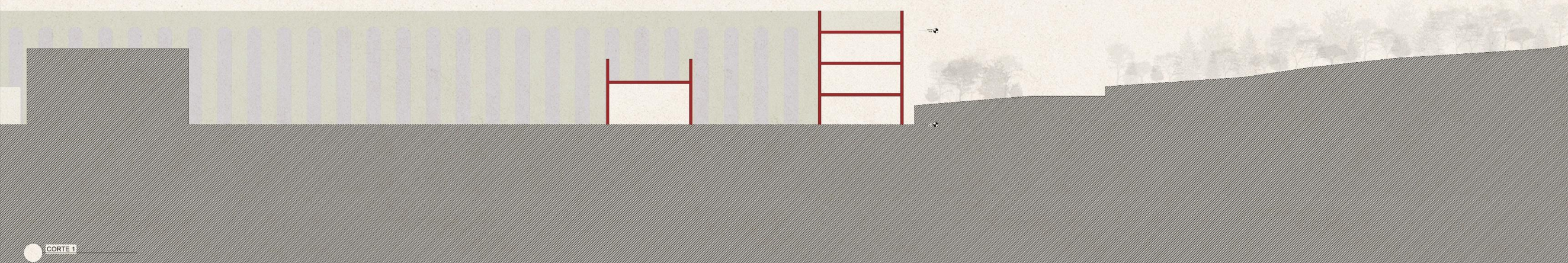
PLANTA PISO 0  
15.0



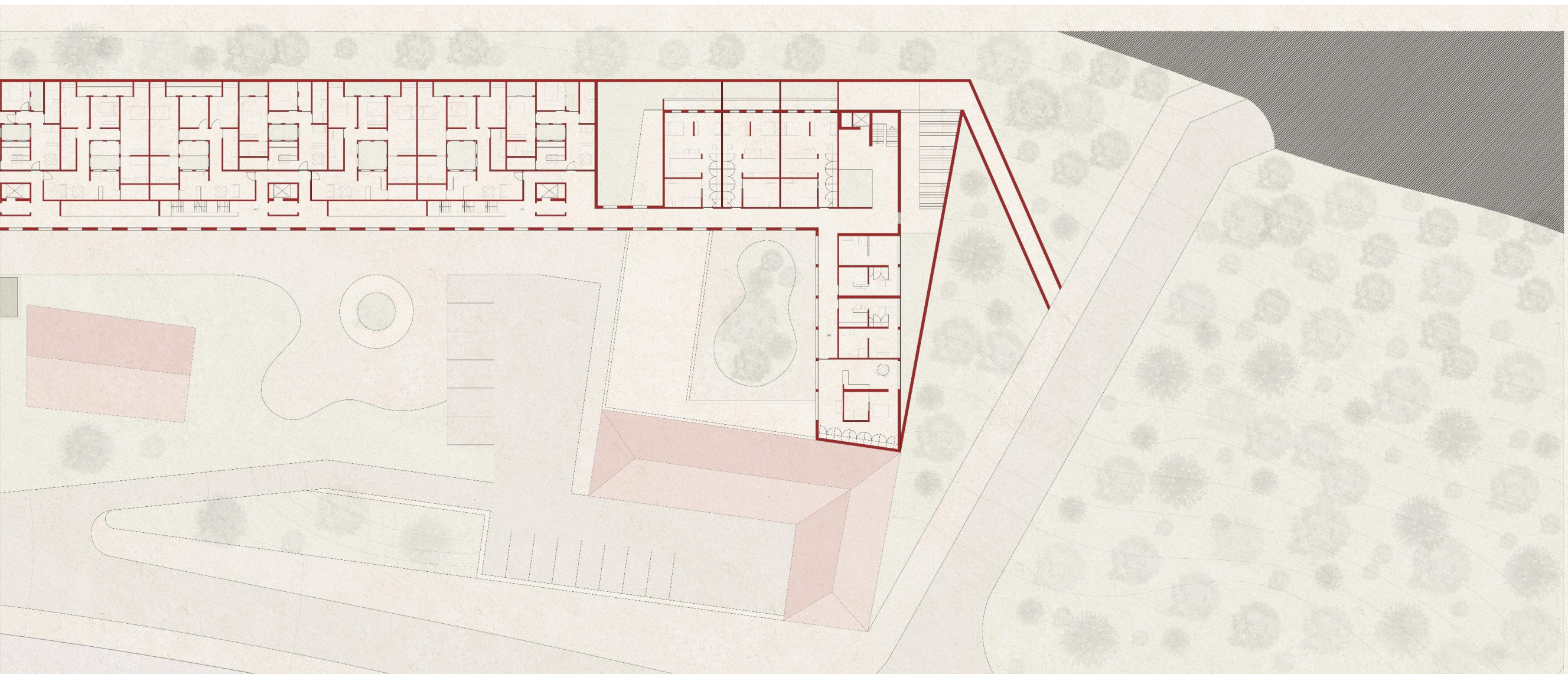
ALÇADO 1



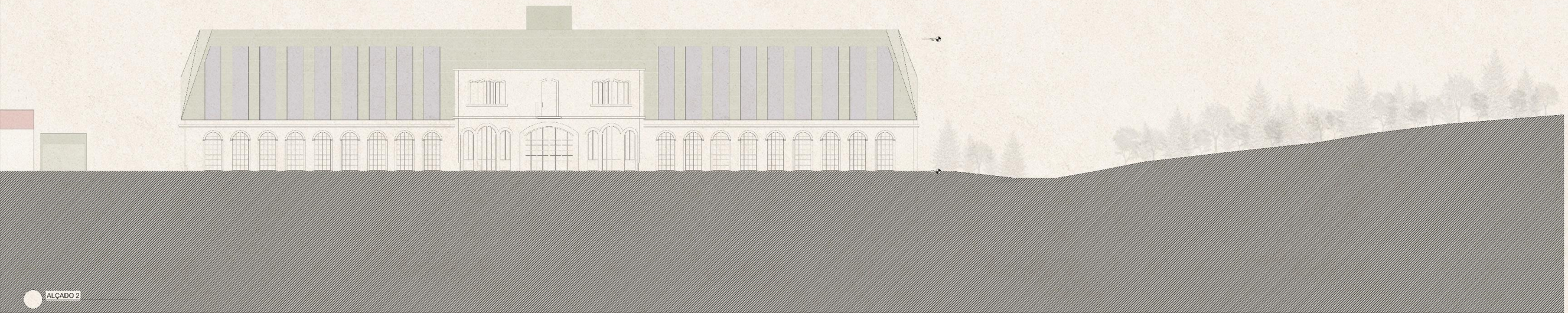
PLANTA PISO 1  
18.3



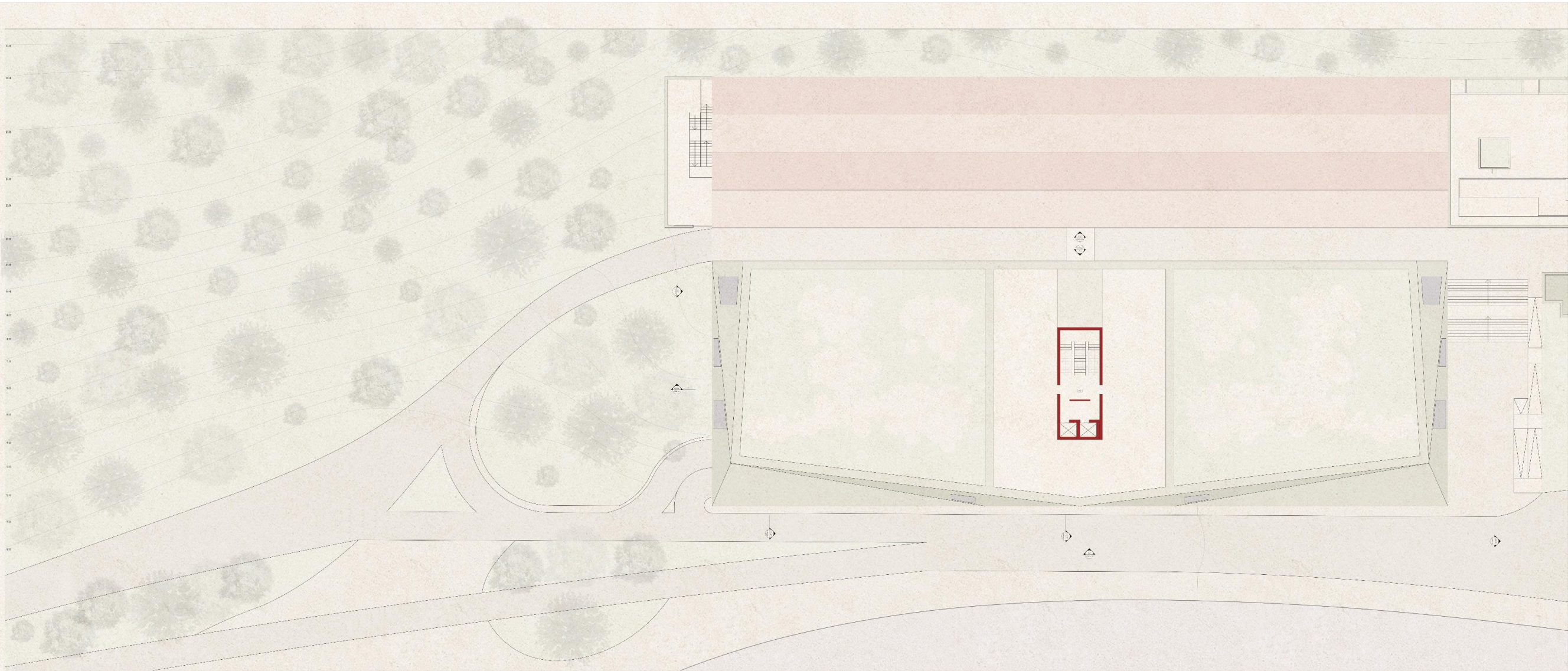
CORTE 1



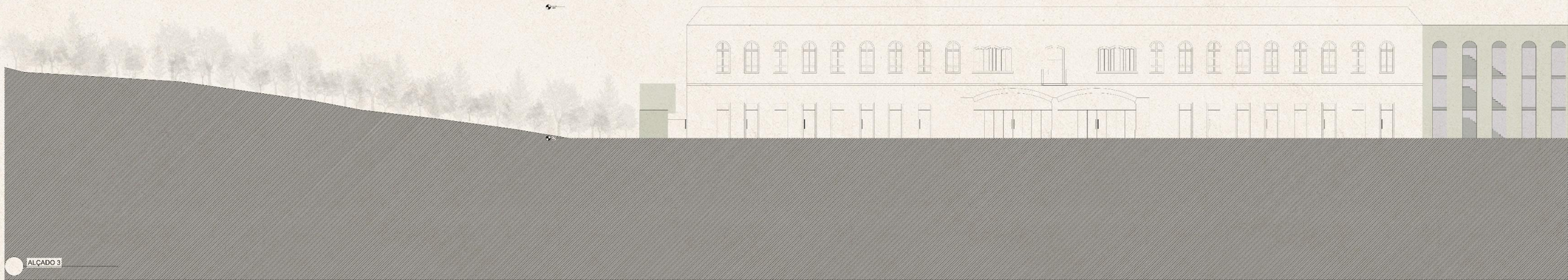
PLANTA PISO 2  
21.6



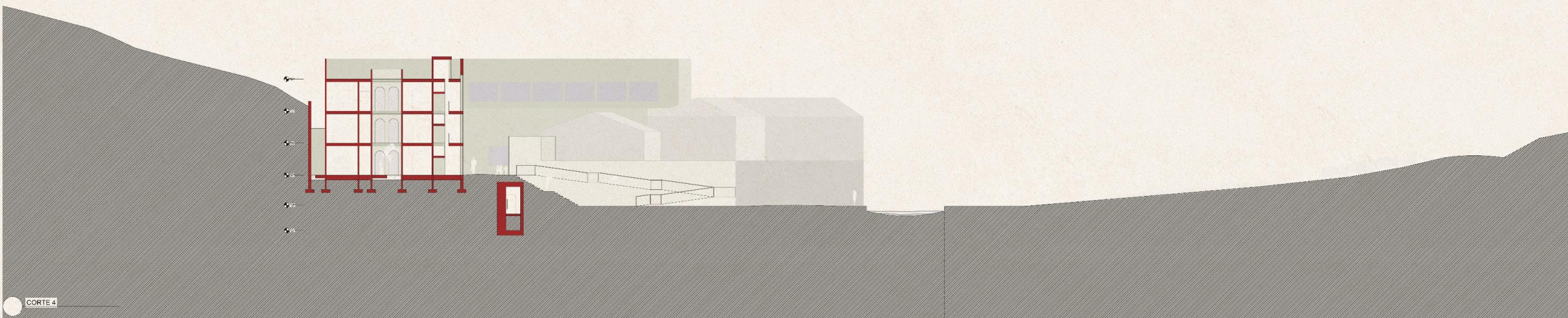
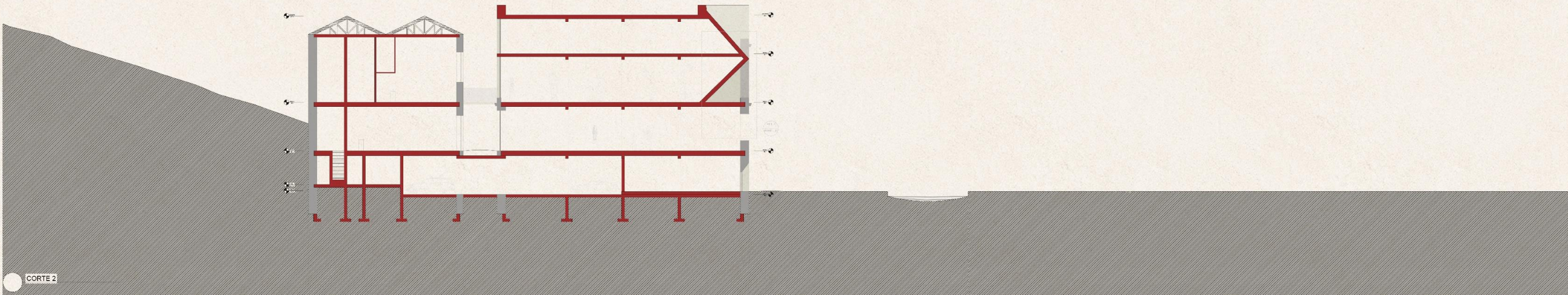
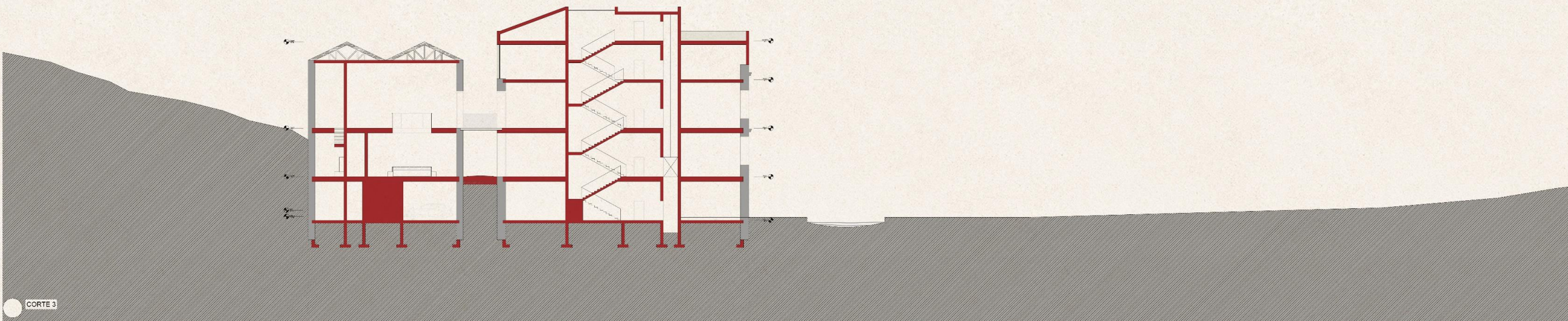
ALÇADO 2

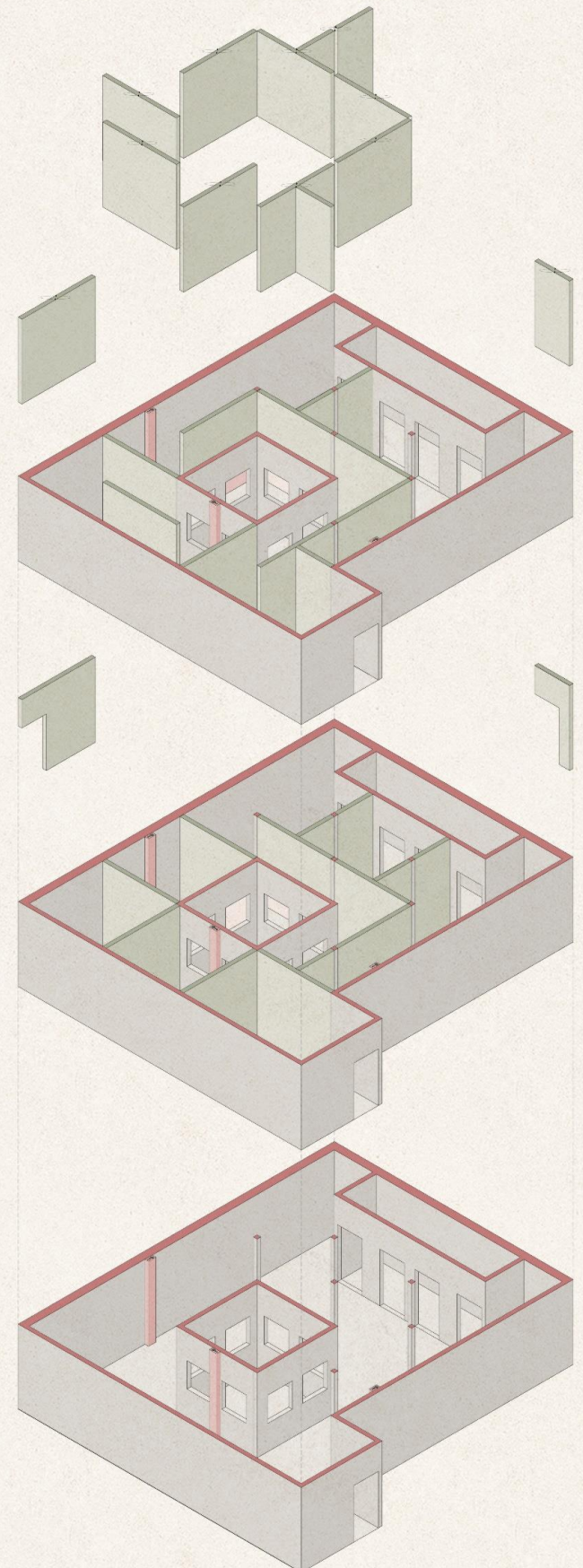
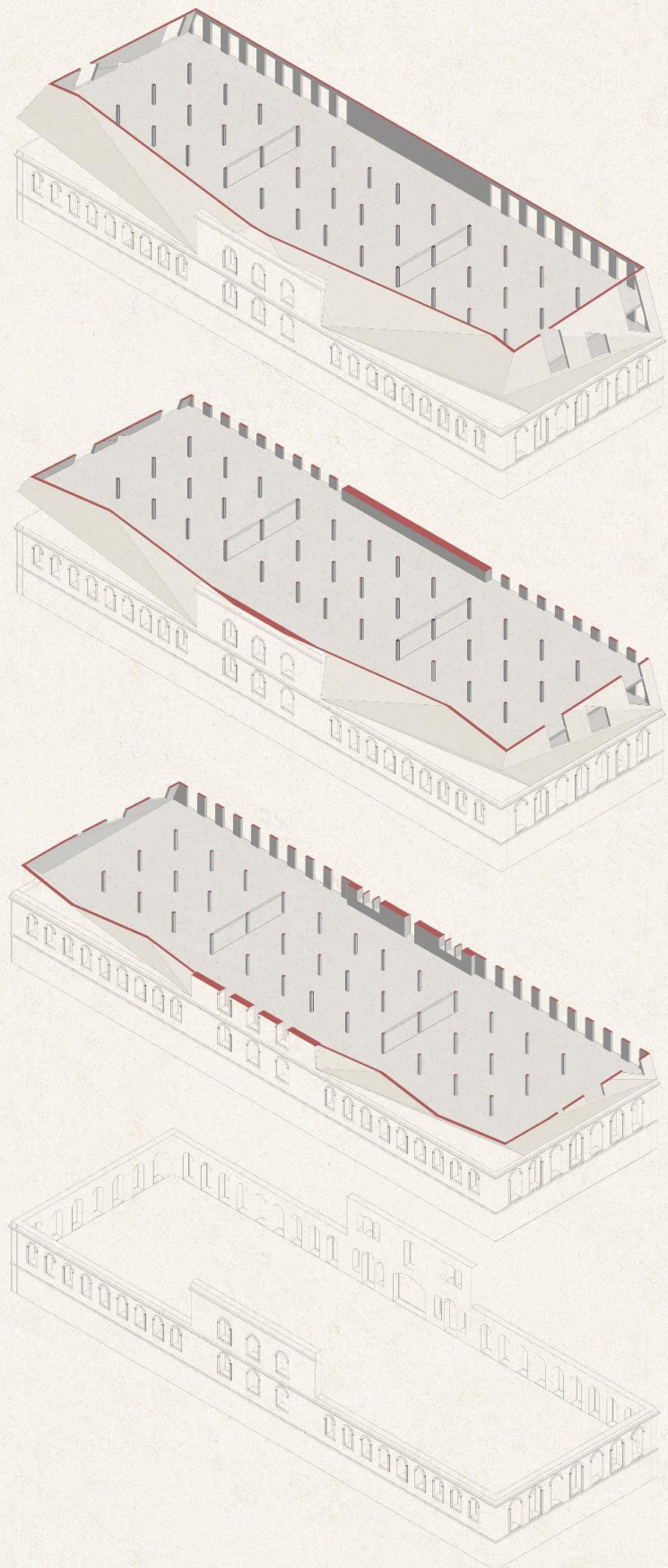
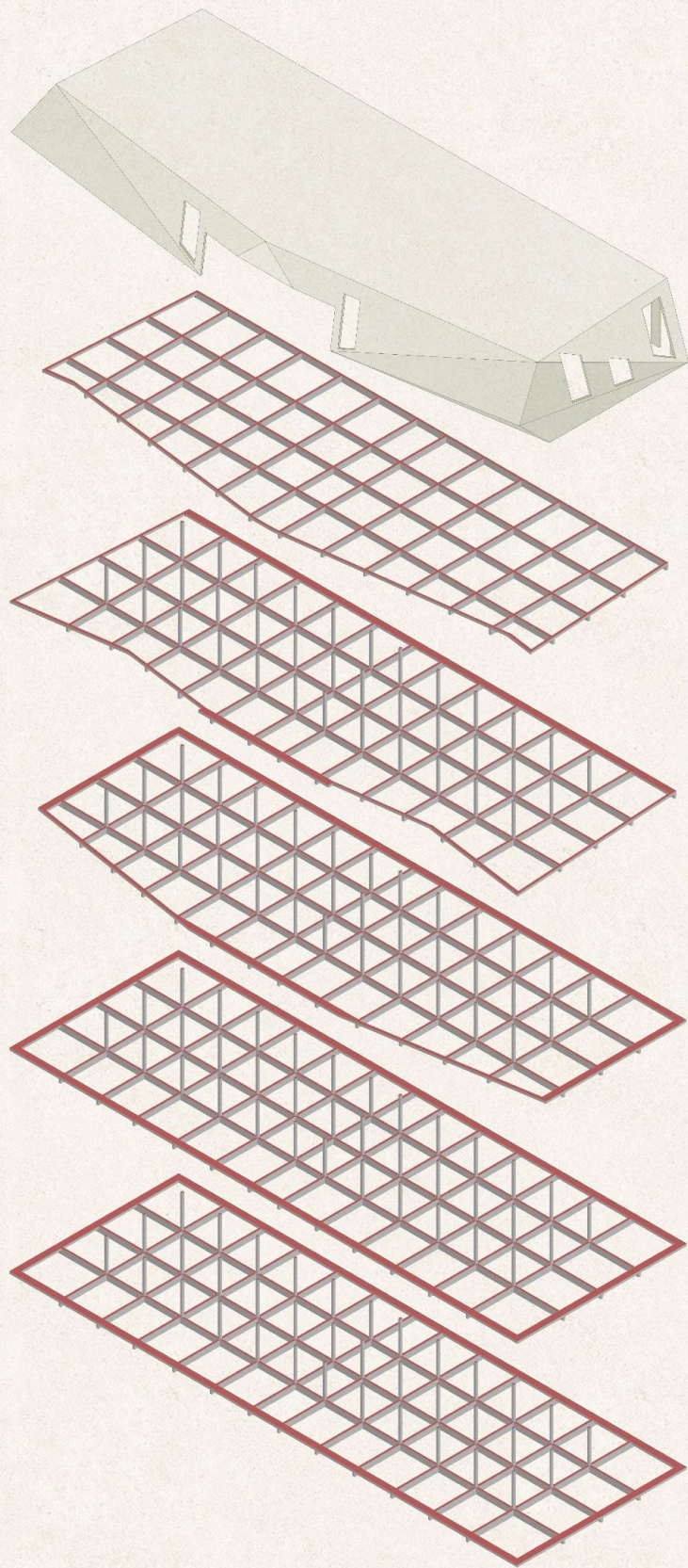


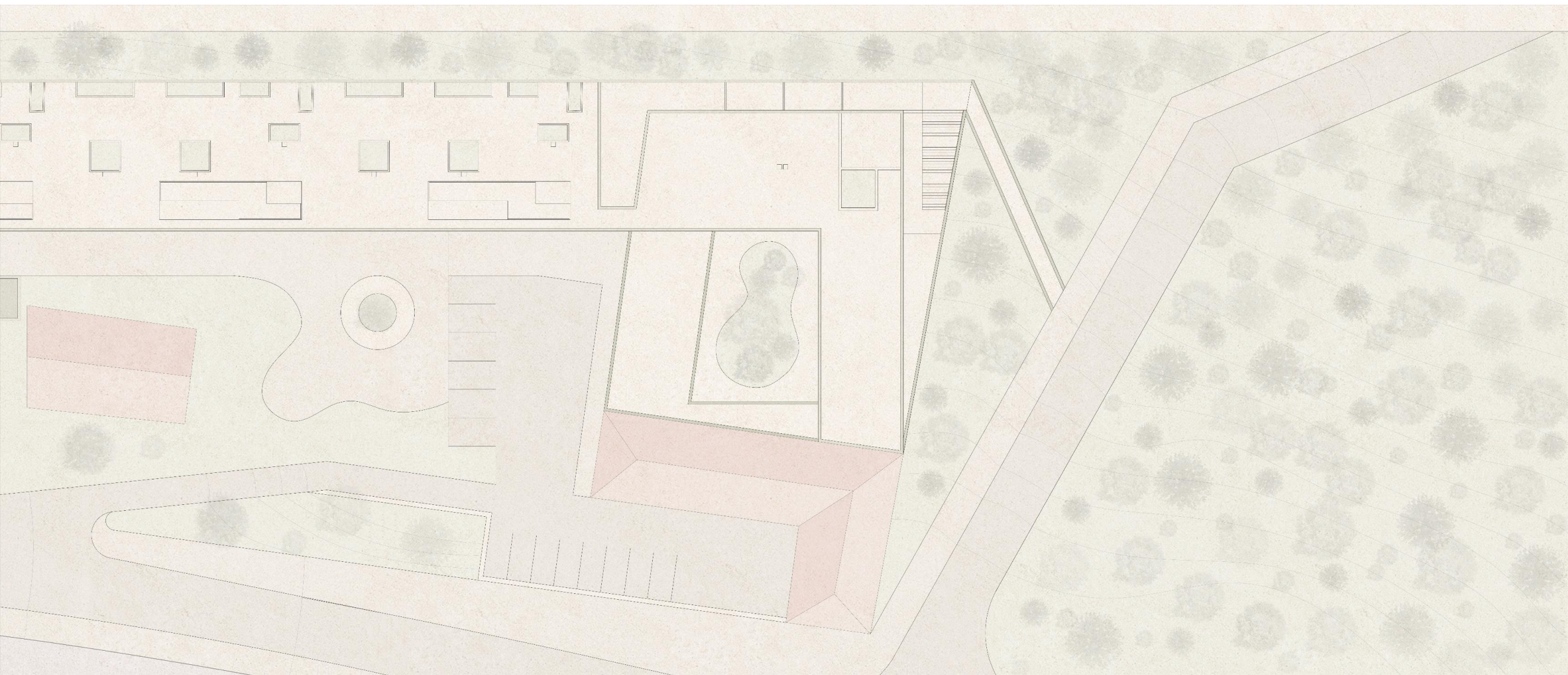
PLANTA COBERTURA  
29.0



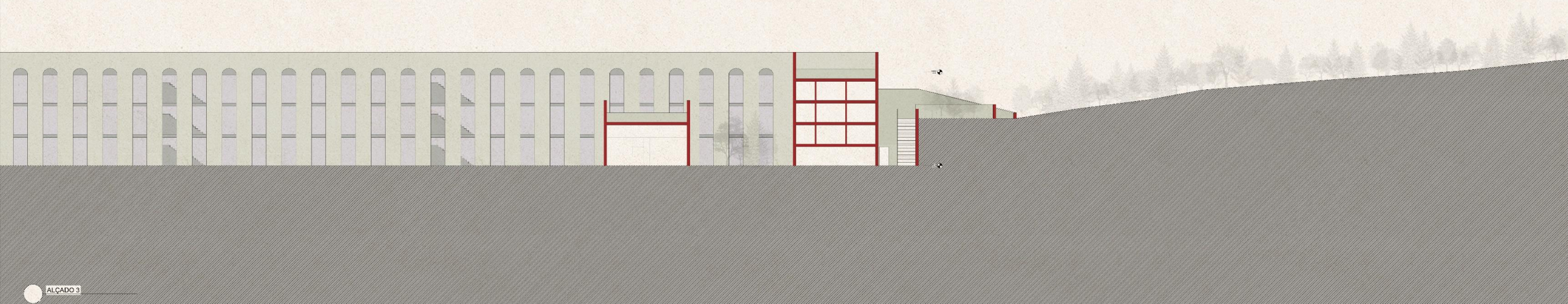
ALÇADO 3



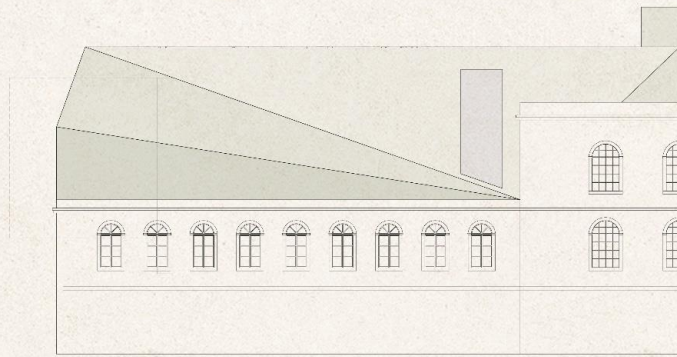




PLANTA COBERTURA  
24.9



ALÇADO 3



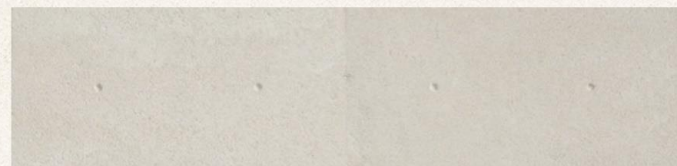
Calçada Portuguesa



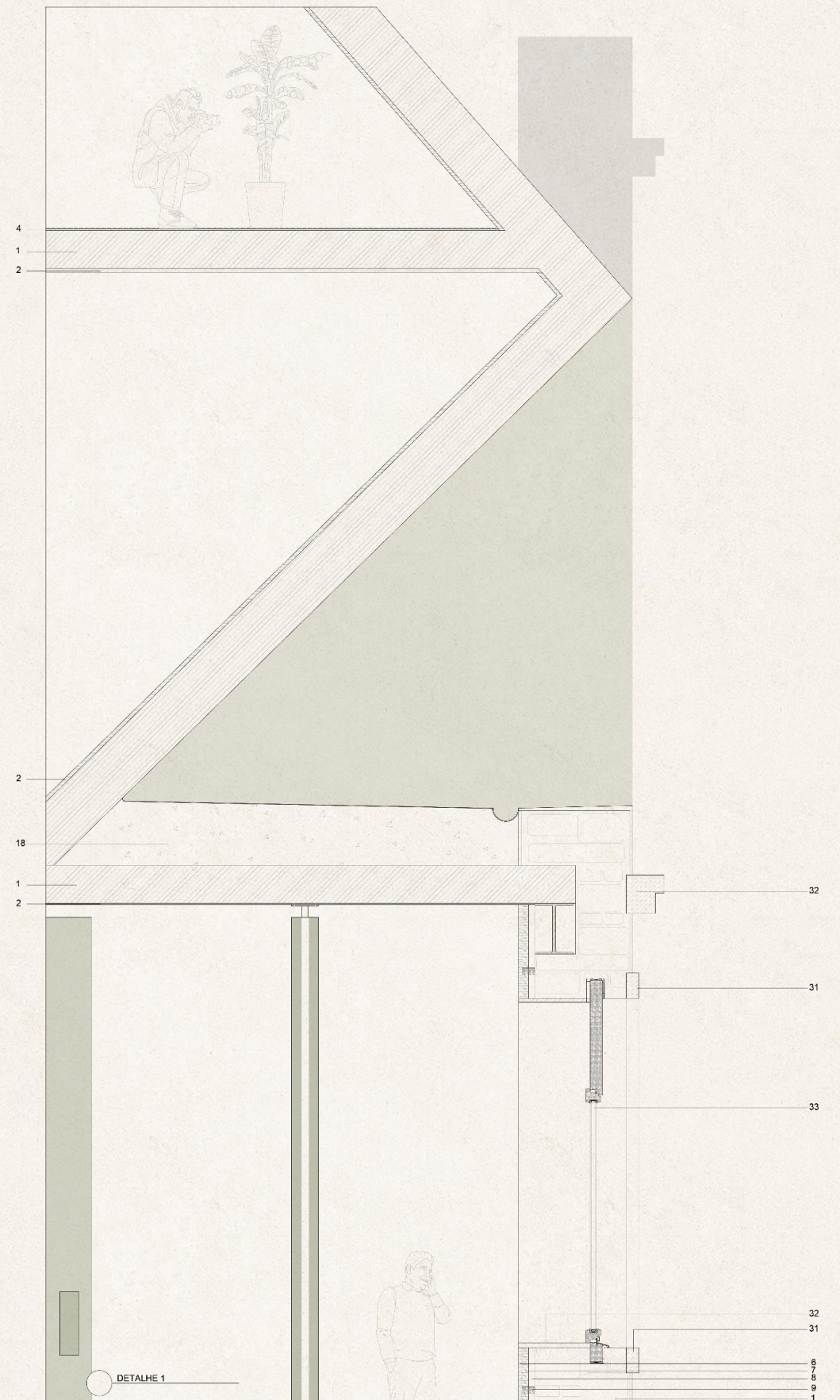
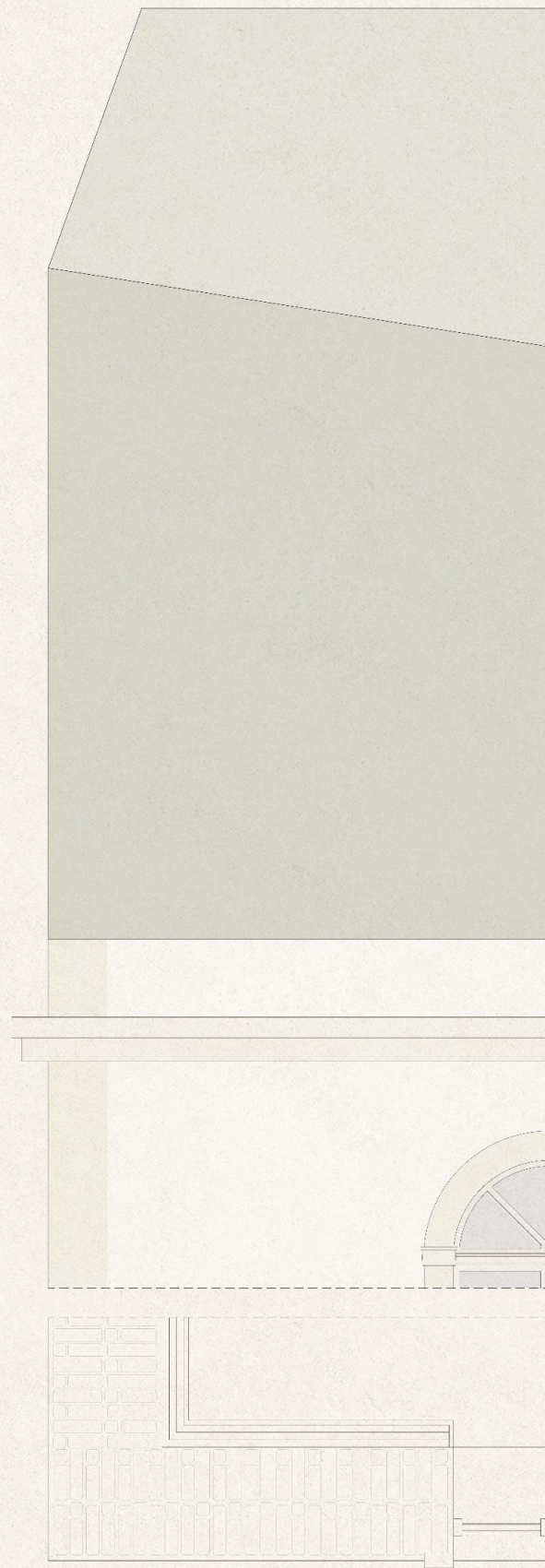
Pedra Calcário

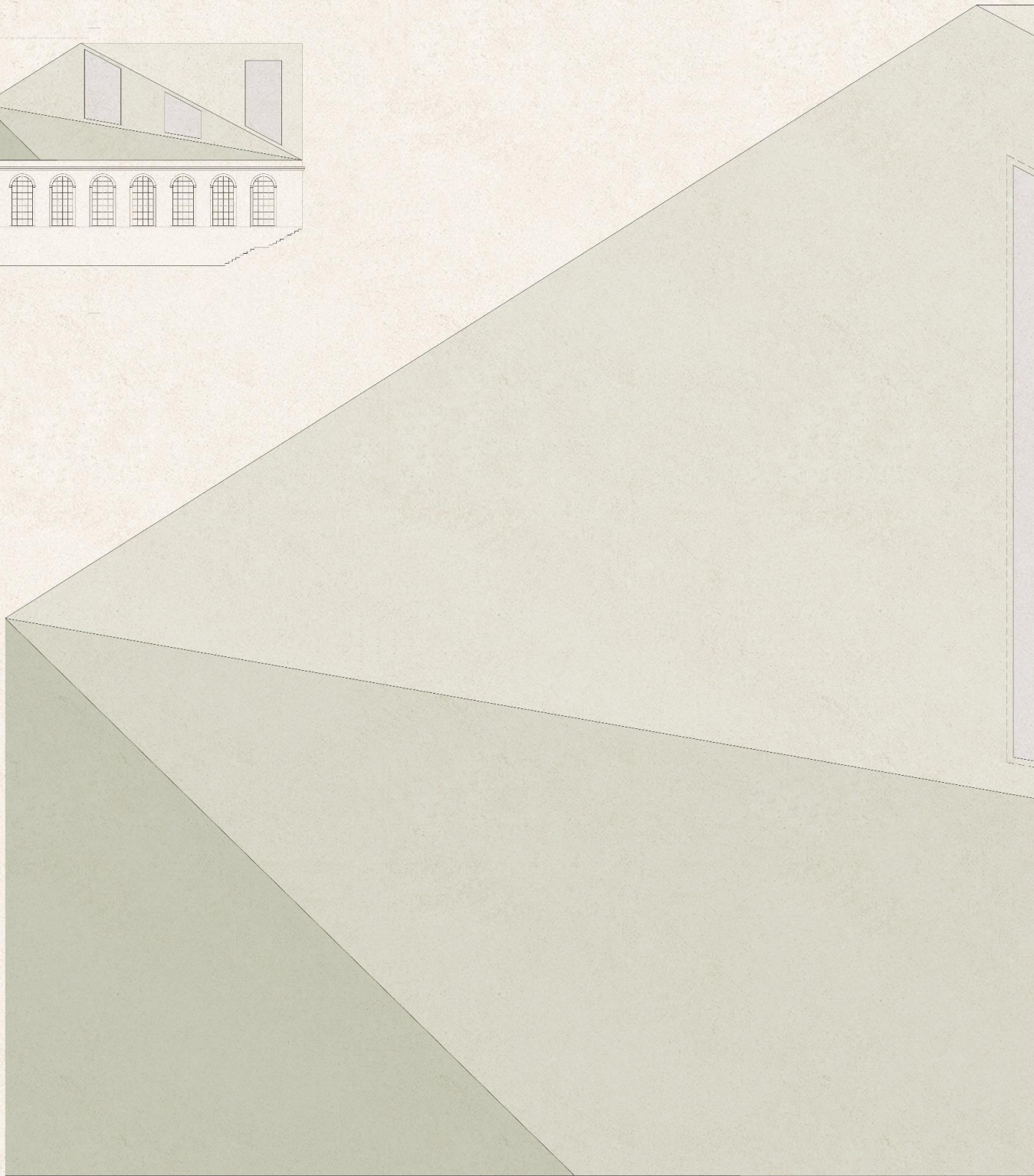
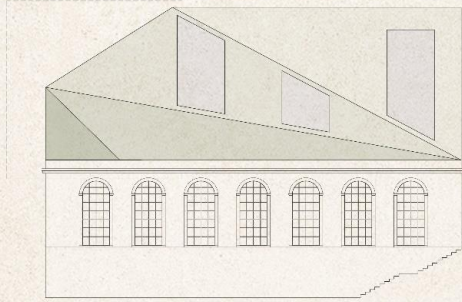


Madeira Carvalho

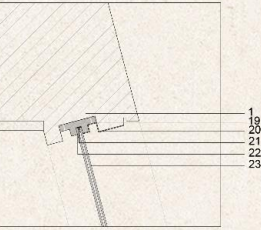
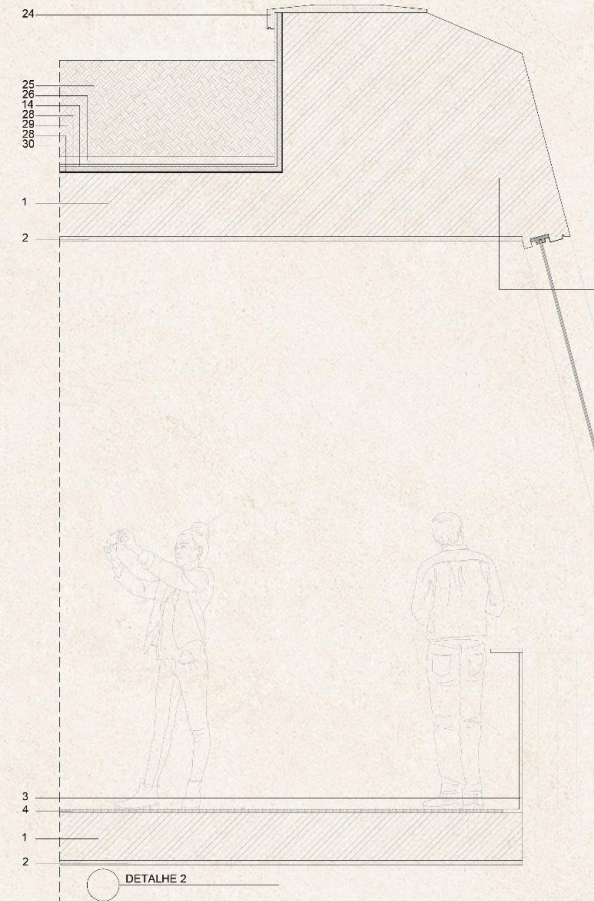


Betão leve termoacústico (ULTA) fabricado com regranulado de cortiça expandida

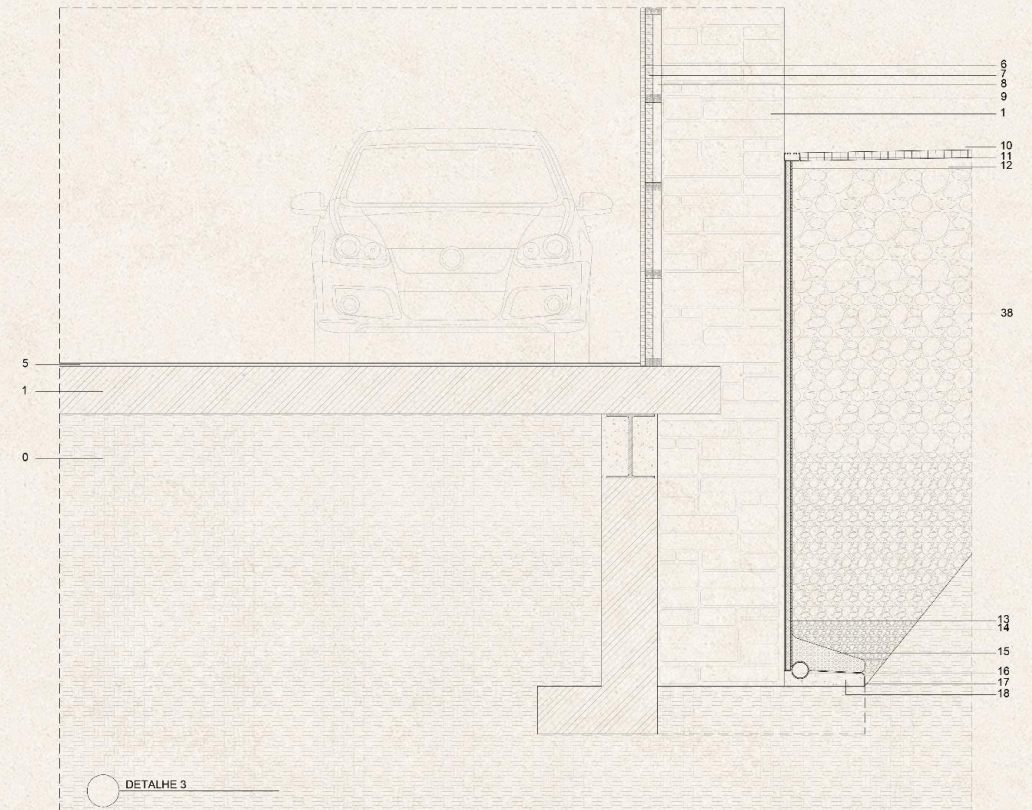


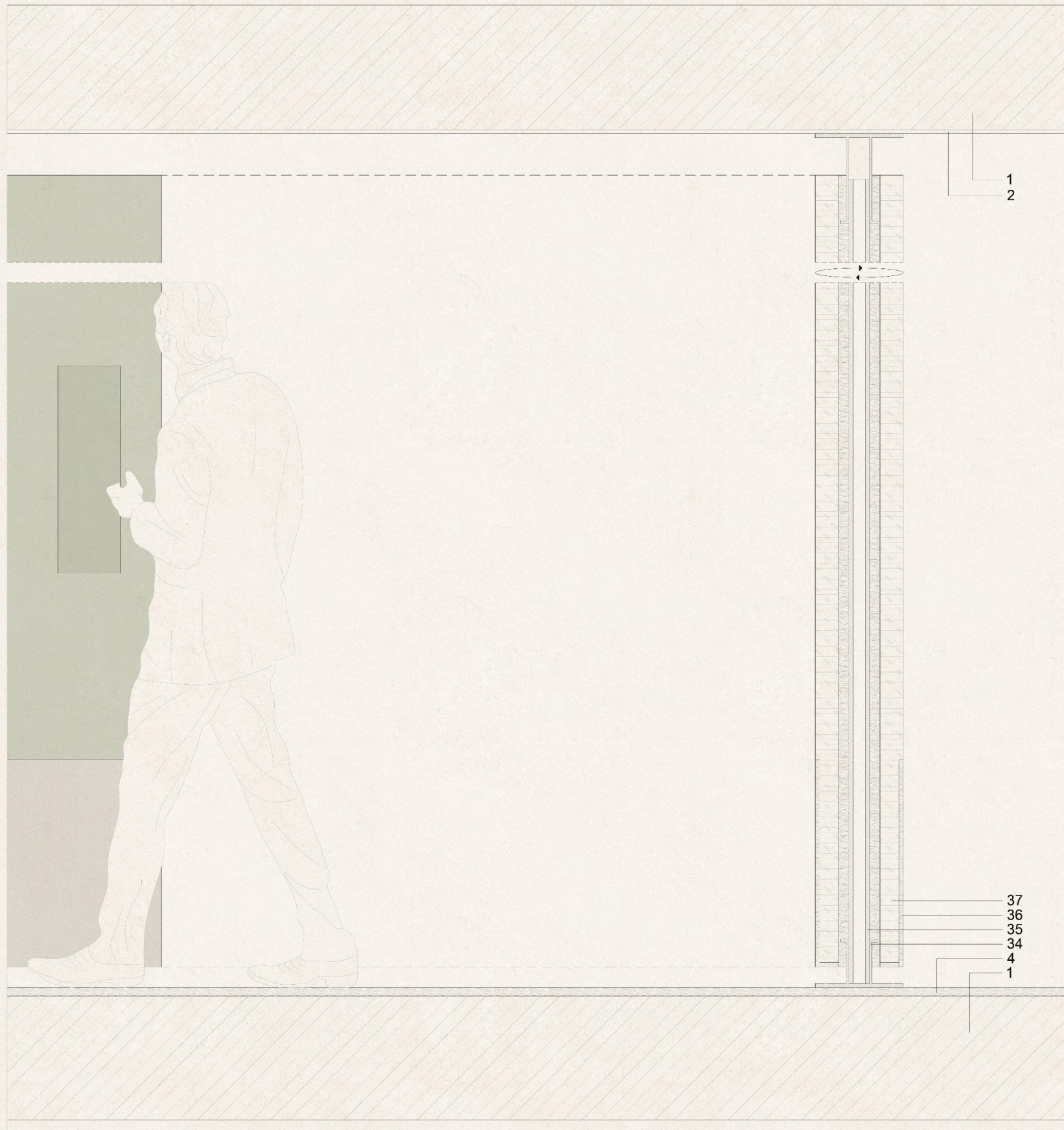
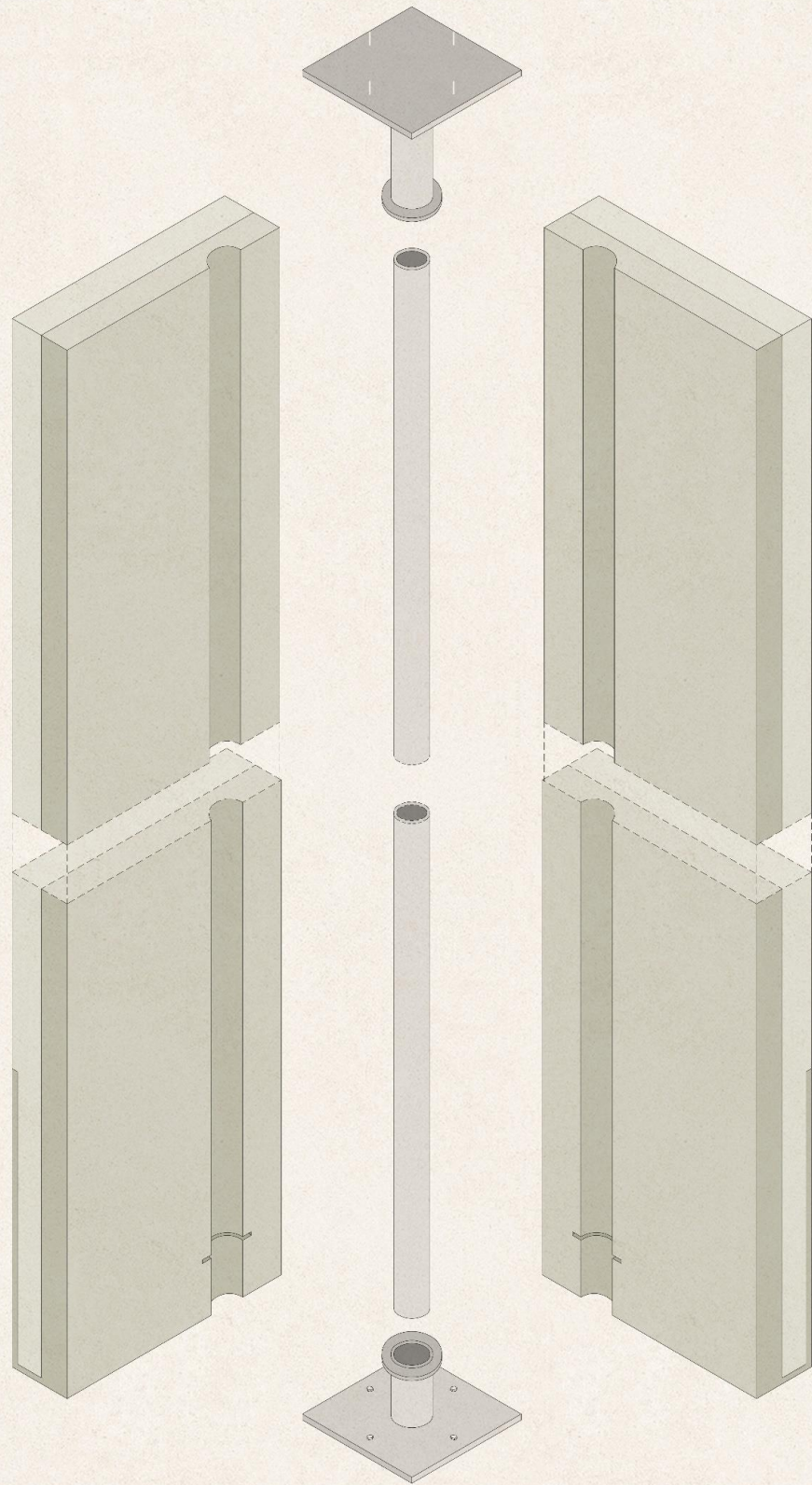


ALÇADO NORTE



- 0- Terreno
- 1- Betão leve termocastístico (ULTA) fabricado com regularizado de cortiça expandida
- 2- Regularização e reboco pintado de cor Branco
- 3- Guarda-Corpos em Aço de Ø20m encimado com madeira.
- 4- Pavimento cerâmico
- 5- Pavimento em resina epóxi bi-componente de cor cinzento
- 6- Placa de gesso hidrofugada
- 7- Placa de cortiça
- 8- Caixa de ar
- 9- Estrutura de madeira de 5x5cm
- 10- Calçada Portuguesa, Calcário branco 5x5cm
- 11- Caleira para pavimento em pedra
- 12- Betonilha de assentamento
- 13- Poliestireno expandido
- 14- Mantia drenante
- 15- Brita
- 16- Dreno
- 17- Membrana de Betume
- 18- Camada de forma
- 19- Aro fixo em madeira maciça para lacar
- 20- Cantoneira em inox dourado
- 21- Bateria em borracha
- 22- Silicone transparente
- 23- Vidro duplo
- 24- Soleira em Calcário
- 25- Camada Terra Vegetal
- 26- Betonilha
- 28- Membrana de Betume APP
- 29- Feltro Geotêxtil
- 30- Primário Betuminoso
- 31- Guarnição exterior em pedra calcário
- 32- Cornija em pedra Calcário
- 33- Janela em Madeira e vidro duplo
- 34- PVC
- 35- Tubo em aço Ø5cm
- 36- Madeira Carvalho
- 37- Placa de Cortiça Granulada 5.6cm exp.
- 38- Brita





DETALHE 4

Escala | 1:20

Bruno Lopes Mota | 20161228

O VALE DE ALCÂNTARA E A TRANSIÇÃO PARA O ATERRO  
Promenorização argumentativa

**DECADÊNCIA E IDENTIDADE**  
PROJETO DE UM EDIFÍCIO FLEXÍVEL NO VALE DE ALCÂNTARA



22/24



